The book cover features a close-up of a woman's face with green eyes, looking through a yellow fan with intricate cutouts. To the left, there is a vertical strip of colorful abstract painting in shades of blue, green, and purple. The title 'Arte Sutil' is written in large blue letters, and the subtitle 'A-Deus Borboleta' is in smaller yellow letters below it.

Arte Sutil

A-Deus Borboleta

Alexandre Müller Hill Maestrini
e Marilda Helena Hill Maestrini

*Alexandre Müller Hill Maestrini e
Marilda Helena Hill Maestrini*

Arte Sutil

A-Deus Borboleta

*Editar
Juiz de Fora
11/12/2022*

Copyright by © Alexandre Müller Hill Maestrini
2022

Capa

NeoHub Studio

Revisão

André Gama
Raquel Gaudard

Projeto gráfico, editoração e impressão

Editar Editora Associada
(32) 3241-2670
Juiz de Fora – MG

Dados internacionais de catalogação na publicação

M186a Maestrini, Alexandre Müller Hill

Arte Sutil - A-Deus Borboleta / Alexandre Müller Hill Maestrini e
Marilda Helena Hill Maestrini, Juiz de Fora: Editar Editora Associa-
da Ltda, 2022.

ISBN: 978-65-86345-44-5

1. Biografia 2. História, Brasil.

CDD 920
CDU 92

Alexandre Müller Hill Maestrini
alexandre@institutoautobahn.com.br
+55 (32) 98865-5253

Todos os direitos reservados

ÍNDICE

Parte I

A Borboleta Azul.....	7
Prefácio	9
Introdução.....	15
Onde Deus Possa Me Ouvir.....	25
A-Deus Borboleta Azul.....	26
A Ideia do Livro.....	35
Marilda Helena	61
I-Mortalidade.....	97
A Artista Plástica.....	139
Foi-se uma provocadora.....	144
O Voo da Borboleta.....	145
Doação Para Cura da ELA	161

Parte II

A Sutil Arte de Dominar	163
A Arte de Dominar	165
A Motivação.....	167
Importância da Des-Dominação.....	175
Soluções para Des-Dominação.....	177
Sensação Multiplicada	216
Filosofia é Aprendizagem.....	224

AUTORES



Não foi tarefa fácil dar “Adeus” e, ao mesmo tempo entregar “A-Deus” o destino de Marilda Helena Hill Maestrini, 1942-2021. A alma inquieta de artista sempre participou na sociedade artística local e para muitos eventos pintava um quadro exclusivo para doar. Formou-se em filosofia e teologia, mas dedicava-se de corpo e alma à arte e à família. Altruísta e multifacetada, lecionava pintura terapêutica. Ela pintava na frente da pessoa, era esse o seu jeito, sua arte, seu dom de conquistar com pinceladas aleatórias. Marilda marcou Juiz de Fora por quase oito décadas. Deixou herança em forma de incontáveis obras que adorava presentear. Pesquisou e escreveu sobre a Dominação Sutil aqui resumida e adaptada por seu filho. Deixou um legado de incontáveis obras de arte espalhadas com amigos e familiares, assim sua arte sutil continuará vivendo entre nós.



Em sua quarta obra literária o autor busca superar o luto pessoal como uma catarse, uma forma de rever seus momentos com a mãe e nos ajuda a entender como encarar o sentimento de perda através da imortalidade das pessoas amadas que se foram. Alexandre Müller Hill Maestrini, 1963, é filho da homenageada nesta obra e resgata as obras artísticas e os pensamentos e inquietudes da artista plástica Marilda Helena Hill Maestrini. Entre os textos Alexandre intercalou uma coletânea das obras da mãe. Na segunda parte o autor apresenta uma adaptação do livro não publicado de sua mãe, abordando o tema tabu das dominações sutis enraizadas na nossa sociedade moderna. Alexandre conseguiu não só acalmar seu coração como deixou um legado de esperança para todos nós.

PARTE I

A BORBOLETA AZUL

PREFÁCIO

Por Rosângela Rossi

Amiga amada, tu voas por minha casa e meu coração diariamente. Cada cômodo tem tua arte em teus quadros simbólicos e lindos. Sinto-me privilegiada por ter uma amiga como tu fostes. Contínuas e continuarás viva, não só nas memórias, mas nos diálogos que compartilhamos até o fim.

Durante anos encontrávamos diariamente no Núcleo, onde trabalhavas com ArteTerapia. Foi um tempo de muita riqueza para todos. Depois, juntas, no curso de Filosofia Clínica, tínhamos profundas reflexões sobre todos os temas.

Marilda, você nos disse adeus.

Ficamos tristes. Tu, amiga, estás viva pintando o imaginário poético do existir. Obrigada por ter dado cor e leveza por onde passaste. Tu continuarás sempre borboleteando com sua alegria, entusiasmo, inteligência, carinho e amizade para os que tiveram a sorte de compartilhar tua presença. A borboleta é símbolo da morte e transformação, leveza e beleza. Como tu, que por onde passastes promoveu transformação em nós.



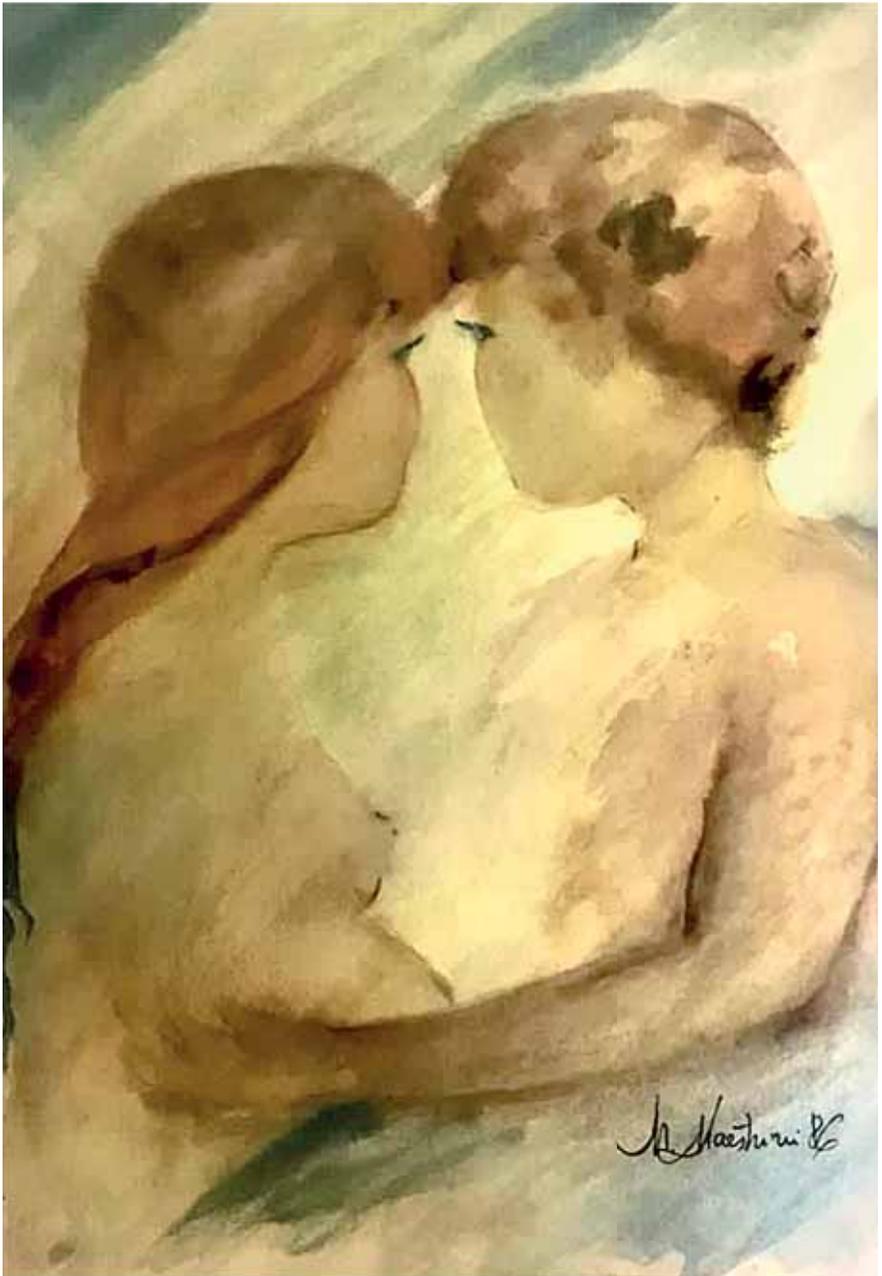




O registro que belamente seu filho Alexandre escreve para nós neste livro é um presente para que possamos continuar celebrando o teu existir. Lembrei-me de tua vibração com a vida. Perguntei: Por que fostes embora tão cedo? O que desejavas nos ensinar?

Como aprendi contigo amiga!





Antes de aqui prefaciá, caminhei fotografando todos os teus quadros e em frente a eles lágrimas escorreram de saudade. Engasguei várias vezes, conversando e lembrando de cada detalhe do por-que me presenteou. Ah! Amiga! Seus quadros enfeitam minha casa.

Tons Vermelhos revelam o movimento do viver, traz energia para a sala oriental. A Afrodite azul, acende minha sala de amor. Sempre a adoramos e falávamos que amor é mais que a lei. Tu sempre fostes puro amor! A Menina de Perfil olha longe, é tua marca registrada, fica entre flores no lavabo. Elegante e vibrante expressa tua elegância no viver.

O Elegante indiano enfeita nosso jardim interno, ao lado do Buda, lembrando nossos diálogos sobre a meditação e vida simples. Os Enamorados está no nosso quarto, demonstrando que o amor é possível sempre. Como falávamos de nossos parceiros de longa vida, amigos e amantes eternos. Comentávamos como fomos abençoadas com eles ao nosso lado.

A Gradiva descansa em nossa entrada, em meio às cinzas de Pompéia, caminhando serenamente. Admiravas a tranquilidade dela.

Estivemos lado a lado no encontro de Filosofia Clínica, tu já estavas debilitada e deu testemunho, em pé, apoiada em mim. Naquele momento meu coração ficou apertadinho, senti a Borboleta azul frágil em sua intensa força.

Você deixa sua arte, sua alegria e tudo que representou para nós, seus amigos. Quantas conversas tivemos. Como filósofa e filósofa clínica sempre dialogávamos sobre as questões da vida. Sagitarianas éramos otimistas e sempre acreditávamos nas superações.

Você sempre estará presente em meu coração. Sentirei saudades. De onde estiver mande notícias. Sabíamos que a vida é efêmera. Morrer uma incógnita. Mas tínhamos certeza que tudo passa. E viver bem agora é soberano. Deixa-nos cedo, confesso que estou triste. Muito triste.

Vá em paz.

Fica a saudade.

Infelizmente tudo passa.

INTRODUÇÃO

Por Lucas Brito

Ainda hoje, em pleno 2022, pouco se ouve falar a respeito da ELA, Esclerose Lateral Amiotrófica, uma doença degenerativa e incurável. Atualmente, somente há alguns tratamentos paliativos, na tentativa falha, ainda que bem-intencionada, de retardar o avanço da moléstia.



Lembro-me do dia em que fiquei sabendo da doença da Marilda. Estava em uma aula telepresencial de alemão com a Chris, quando ela me perguntou, apenas para confirmar o que já sabia, sobre o martírio que meu pai havia enfrentado.



Prontamente confirmei que fora ELA, e logo ela rebateu, com um pesaroso olhar, com algo no sentido “a mãe do Alex está com essa doença”.

Na mesma hora senti um calafrio e um aperto no coração, enquanto um turbilhão de lembranças invadiu meus pensamentos e me vi sem palavras. Tanto já havíamos conversado sobre meu pai e a doença dele. A Chris sentiu por mim e minha família durante nossas longas conversas durante as aulas de alemão, e eu senti profundamente naquele momento pela Chris, pelo Alex, sua mãe e família.



No caso do meu pai, notamos os primeiros sintomas ao final de 2016. O roteiro da doença é implacável. A ELA atrofia pouco a pouco a pessoa, que vai perdendo massa muscular, vai enfraquecendo,

definindo. Meu pai começou com uma fala arrastada, as palavras não saíam claras e a comunicação ficava dificultada. Acompanhando a fala, a deglutição foi piorando, fazendo com que ele não se nutrisse adequadamente. Com as pernas mais fracas, veio o primeiro tombo.



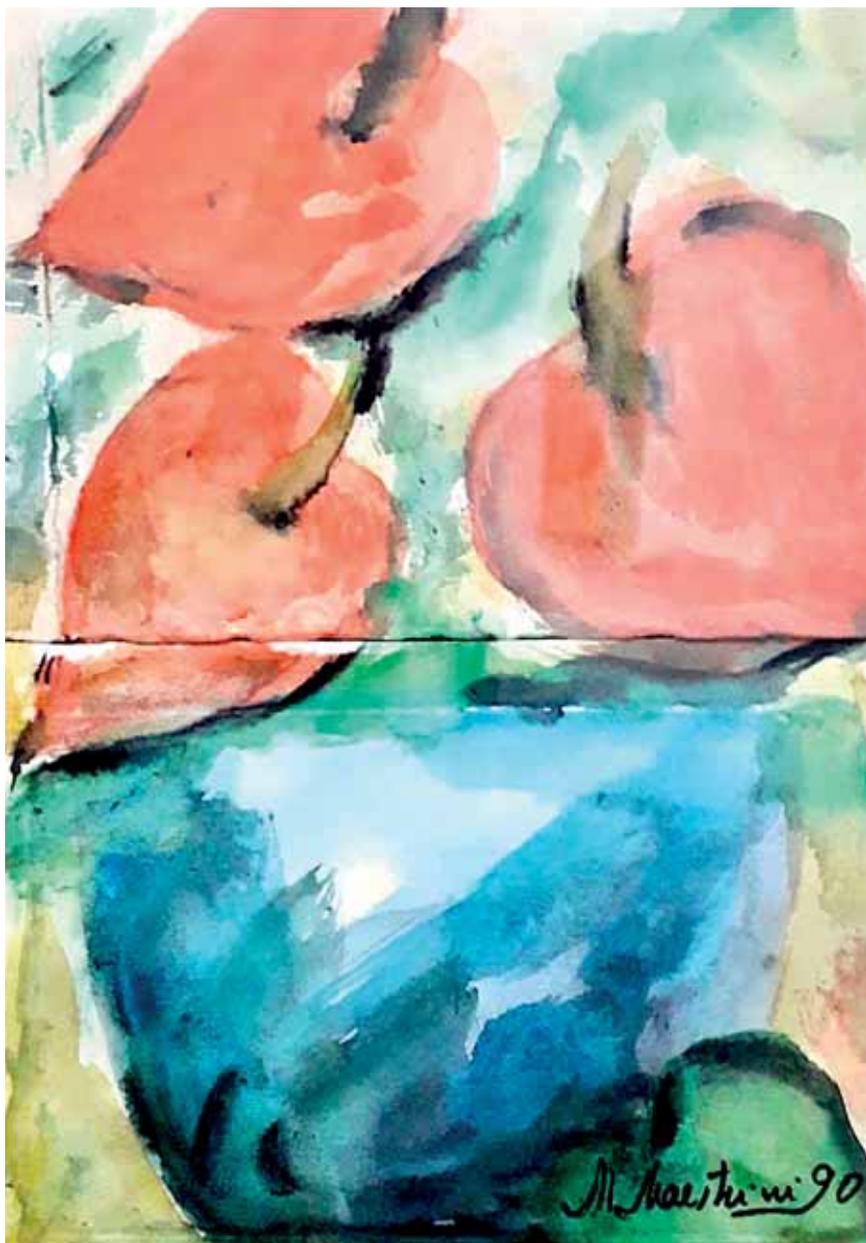
Várias foram as consultas médicas, inúmeros os exames, porém nulas as conclusões. Em meados de agosto de 2017, menos de um ano após o início dos sintomas, internamos meu pai no hospital às pressas com quadro de insuficiência respiratória. Poucos minutos antes de “adormecer” por excesso de CO2 no sangue (entrar numa espécie de coma), sempre durão, insistia que não sentia falta de ar, mesmo com a saturação abaixo dos 70% o entregando.

Logo que foi internado no hospital, realizaram nele o exame de eletroneuromiografia, que atestou: ELA. A partir daí tudo mudou ainda mais. Meu querido pai foi submetido a traqueostomia para respirar através de máquinas, e a gastrostomia para se alimentar através de sonda.

Seu antigo quarto se transformou num pequeno hospital. Equipe de enfermagem 24 horas por dia, sete dias na semana, em casa, cuidando dele. Idas e vindas desesperadas de ambulância ao hospital.



Impossibilidade de comunicação, dor, sofrimento. Árdua luta, finda em março de 2020. A ELA é uma dessas doenças cruéis, dentre tantas outras. Aprisiona a mente dentro do corpo. Impossibilita a pessoa acometida de se comunicar. Priva de dignidade.



E o que é o ser humano sem comunicação?







Talvez, e até provavelmente, o fim "breve", antes dos estágios mais avançados da doença, seja um livramento, uma libertação. Fiquei sabendo que a Marilda libertou sua graça e leveza do aprisionamento corpóreo enquanto dormia.

Abençoada, sutilmente se des-prendeu da dominação da vida terrena. Alçou rumo a planos mais elevados.

*E poderia haver mais certa hora para uma
alma artista e sonhadora se libertar,
do que durante o son(h)o?*

À querida Chris, ao querido Alex e sua família,
Meu carinho.



ONDE DEUS POSSA ME OUVIR

Por Vander Lee

Sabe o que eu queria agora, meu bem?
Sair, chegar lá fora e encontrar alguém
Que não me dissesse nada
Não me perguntasse nada também

Que me oferecesse um colo, um ombro
Onde eu desaguasse todo desengano
Mas a vida anda louca
As pessoas andam tristes
Meus amigos são amigos de ninguém

Sabe o que eu mais quero agora, meu amor?
Morar no interior do meu interior
Pra entender porque se agridem
Se empurram pro abismo
Se debatem, se combatem sem saber

Meu amor
Deixe eu chorar até cansar
Me leve pra qualquer lugar
Aonde Deus possa me ouvir

Minha dor
Eu não consigo compreender
Eu quero algo pra beber
Me deixe aqui, pode sair
Adeus



A-DEUS BORBOLETA AZUL

Não foi tarefa fácil dar “Adeus” e, ao mesmo tempo entregar “A-Deus” o destino de nossa querida mãe Marilda. A perda de um ente querido fica presa na garganta por muito tempo e poucos querem conversar sobre o luto, os sentimentos que ficaram e as lembranças de quem se foi; e vamos nos consolando com as lembranças pessoais. A vida de cada parente segue seu curso e vamos nos acostumando a viver sem aquela pessoa querida e amada.



Aprendi nas conversas que cada um tem um relacionamento com aquela pessoa que se foi. Aparecem relatos inimagináveis de quem vem nos confortar. Uns contam de como ela os ajudou nos

momentos difíceis, outros falam de suas experiências com a pintura e outros relembram uma vida toda como amigos e amigas. Laços que eu como filho nunca tinha conhecido e fico feliz de sentir o amor que as pessoas sentiam pela borboleta que voou.

Como gosto de escrever, eu me propus a superar meu luto para i-mortalizar seus pensamentos ditos e não ditos, suas obras e nossas lembranças.



Depois que o processo do luto foi se acalmando, voltei aos escritos em abril de 2022, sete meses depois do falecimento da mãe por insuficiência respiratória em decorrência da Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA). Lembrei que há vários anos minha mãe já vinha no processo natural da doença, e que, desde o início, a gente já sabia o que iria acontecer.

Mas ela foi abençoada de não ter que passar pela fase cruel dessa doença - que seria a próxima fase - na qual a pessoa precisa ficar ligada a aparelhos, perde a voz completamente e que seria uma fase sofrida em hospitais ou num leito domiciliar. Mais uma vez ela foi a

matriarca de fibra, tomou a decisão e decidiu partir e poupar todos de sofrimentos. Uma decisão de amor verdadeiro.



Ela mesmo dizia que não se chamaria “alma” se não fosse imortal. Para minha mãe o mais íntimo de um ser humano era claro o pensamento da salvação, mas e quando se trata de salvar a própria alma? Mas minha mãe questionava: “o que vem a ser essa salvação?”

Na verdade, ela sabia reconhecer o supremo em muitas coisas, admirava folguedos regionais e festas religiosas.



Suas inquietações e convicções não pareciam ser opostas, ela conseguia resumir tudo em arte, e logo pintava mais um quadro como expressão de sua alma. No xadrez duas peças não podem ocupar o mesmo espaço e todas as escolhas tem consequências; isso

poderia ser uma frase da minha mãe ou dos meus irmãos, mas é só uma filosofia de saber que o livre arbítrio deve ser responsável. Ela sim tinha me dito que não devemos nada a ninguém e devemos viver com as próprias escolhas, não nos importando como chegamos até elas.



Minha mãe Marilda via o mundo através de outras lentes oculares. Nos contava que enxergava nas sombras.

Não que ela olhasse para as sombras, mas no seu olhar artístico eram as sombras que definiam os contornos. Sempre achei essa ideia normal, pois cresci escutando isso, mas acho que nunca tinha entendido de verdade até hoje. Atualmente compreendo que às vezes para construir nossas imagens mentais, ideias, estamos procurando as luzes e as cores, porém minha mãe explicava que na verdade elas vem depois. Ela continuava que para dar forma é necessário reconhecer primeiro as sombras.



Depois de ler seus escritos acho que ela falava em duplo sentido, percebi que ela se referia às “nossas” sombras e não falava só das sombras das coisas.

Como ficou muito difícil falar sobre os sentimentos mais íntimos, a minha intenção inicial foi prestar uma homenagem em forma de um livro que ela nunca chegou a publicar. Tarefa que trouxe muitas alegrias, muita saudade e a certeza de que levamos nossos queridos até a nossa própria morte dentro de nossos corações. Leitor/a, te desejo boa aventura filosófica nos escritos de Marilda, a segunda parte deste livro.

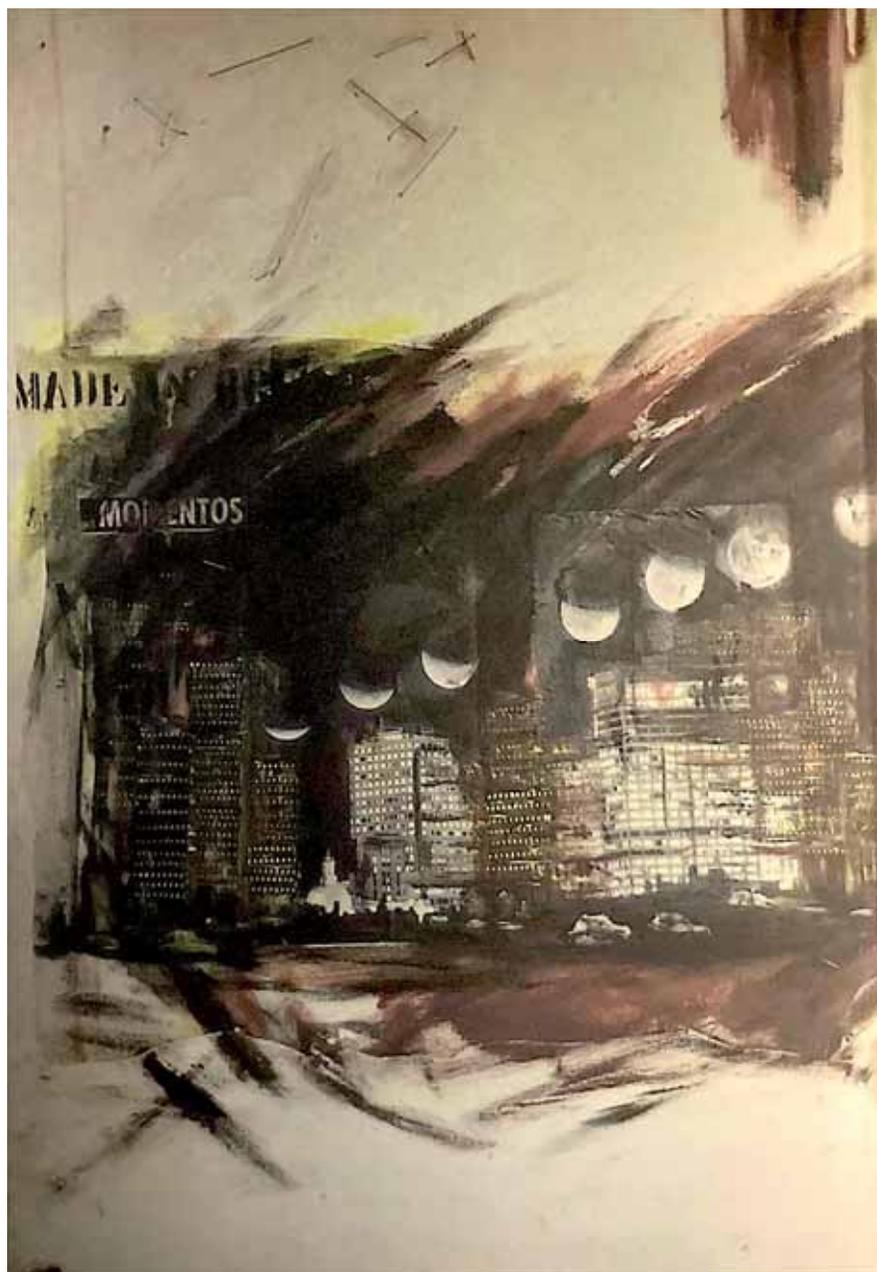


Para mim é essa lembrança que representa a i-mortalidade tão desejada em vida, mas que só alcançamos com a morte carnal.

Boa viagem mãe...







A IDEIA DO LIVRO

A ideia desta homenagem foi enriquecer os escritos da minha mãe com as minhas memórias e interpretações, entrelaçar com pensamentos dela e com as fotos de seus quadros, os quais representaram a transposição de sua alma para o mundo material. Para isso entrevistei várias pessoas próximas, vasculhei escritos, cartas, cartões, mensagens eletrônicas, acendi velas, meditei inúmeras horas sobre nossas conversas, lembrei das conversas com meus familiares e amigos sobre a minha mãe e encaixei nos momentos da vida que corresponderam aos questionamentos de Marilda.



Mesmo depois de ter pintado inúmeras obras de arte, minha mãe nunca chegou a ter tempo de rever seus escritos sobre a dominação sutil e compilar tudo em uma obra literária. Em 2015 quando eu publiquei meu primeiro livro *Cerveja, Alemães e Juiz de Fora*, a

mãe me apoiou e confessou que tinha sim vontade de publicar sua tese em forma de livro, de se expressar, mas avaliava talvez que o momento não era o certo para mexer em assunto tão delicado.

Entendo, pois ela estava imaginando os possíveis conflitos dela com os vivos e problemas ao falar de um assunto que incomoda muita gente. Preferiu uma vida mais leve sem assuntos pesados com potencial de discórdias. Mas agora me sinto na incumbência de publicar uma adaptação reduzida em sua homenagem. Na verdade me sinto honrado de ter herdado estes pensamentos e estenderei para este livro, o que somente começou como uma catarse pessoal e uma coletânea de suas obras de arte.



Assim, como prometido à minha mãe, parte desta homenagem será a publicação, resumida e adaptada por mim, do trabalho de Marilda Helena Hill Maestrini, realizado para conclusão do Bacharelado em Filosofia no Instituto de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Filosofia ICHL, UFJF. Na época, o orientador dela foi o

Professor Mário José dos Santos, UFJF, Ano 2001/2002. O inquietante trabalho original está na biblioteca da UFJF. Ele foi dividido pela minha mãe Marilda em quatro capítulos: Dominação Sutil, O Totalitarismo em Hannah Arendt, Uma Luz no Fim do Túnel e Filosofia é aprendizagem.



Depois de ler, reler, resumir, adaptar e reagrupar para formar um livro, percebi que ela pesquisou e escreveu exatamente como ela era, milhões de assuntos cruzados, que para ela faziam sentido, mas para o leitor que a conheceu perceberá a alma inquieta de Marilda nos escritos.



Em diversas conversas na cozinha, esperando um café fresquinho ou comendo pinhões, minha mãe insistia sutilmente que “a dominação era uma preocupação básica dela desde que se entendia por gente”. Pensamentos que foram por ela maturando com as próprias experiências vividas e depois traduzidas para o papel durante seus estudos de teologia e filosofia, bem como nas inúmeras obras de arte por ela produzidas. Minha mãe começou seus pensamentos sobre a dominação sutil escrevendo que:

A dominação é um elemento social que, ao contrário do que se quer pensar, está presente, e em profusão, na História da Humanidade.



Para você leitor montar seu quadro mental deste livro e saber quem está falando, vou intercalar meus escritos como autor e as falas ou lembranças da família e amigos sobre a Marilda e algumas dela própria que encontrei em seus escritos. Além disso você verá nesse livro uma coletânea de fotos dos quadros da Marilda que estão espalhados pelas casas de familiares e amigos. A aparição dos quadros entre os textos é propositalmente aleatória. Quem conhecia bem minha mãe sabe como ela passava de um assunto ao outro e as vezes falava de uma coisa e executava outra. Assim as des-ordens dos quadros e textos refletirá bem a alma inquieta e em parte caótica da minha mãe.



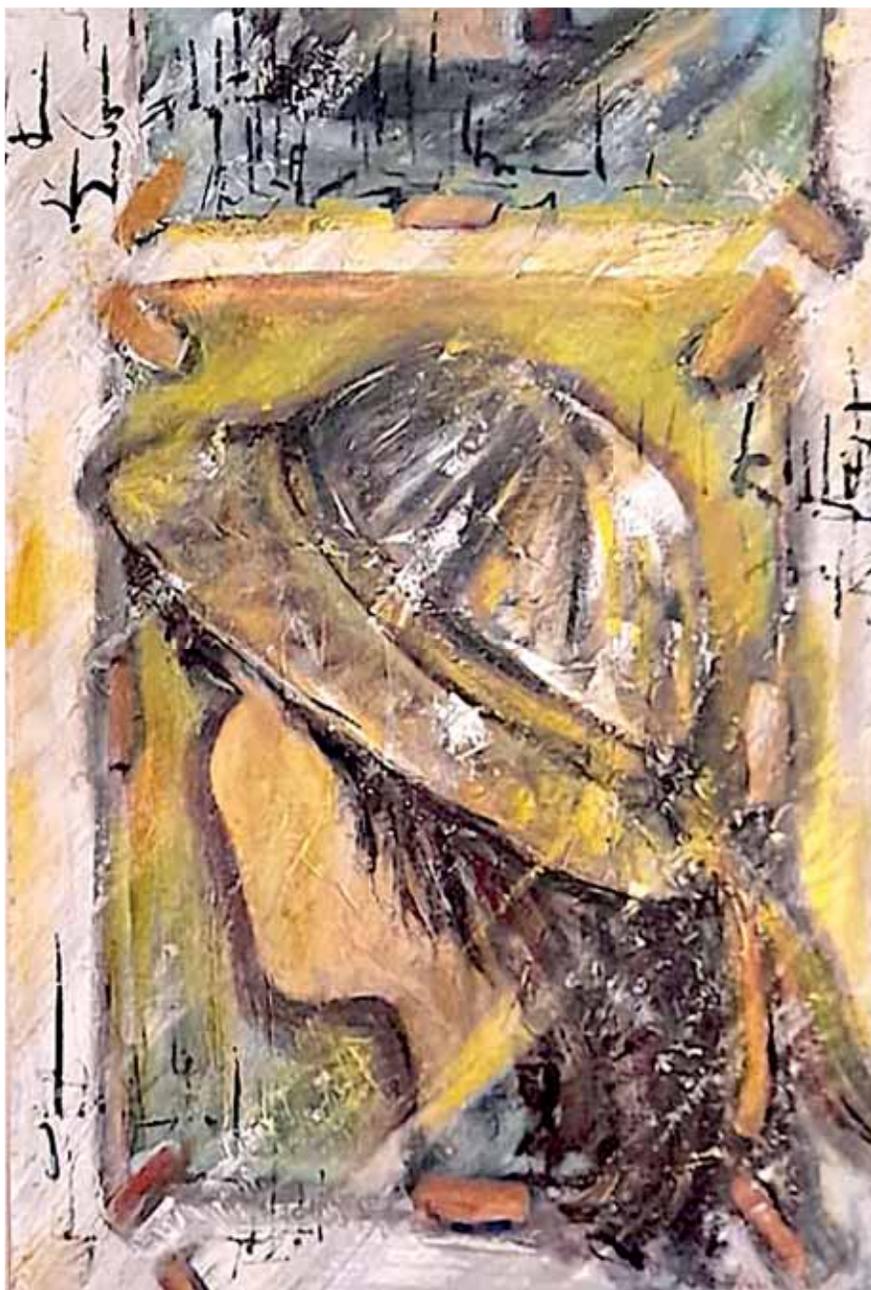
Portanto, para garantir também o modo de como ela falava, com inúmeras pausas entre as sílabas e prefixos para dar a ênfase e interpretação que desejava, decidi manter os sinais para reproduzir o pensamento dela o mais fiel possível.

Não me preocupei em retirar os inúmeros hífens (-) por ela inseridos nas palavras que rascunhava, mesmo que o corretor ortográfico brigue comigo, pois era assim mesmo que ela falava. “A vida é um des-cobrir”, quando queria dizer que a vida estava coberta e dever-se-ia tirar a coberta de cima do que estava sem ser visto.



As incontáveis vírgulas (,) usadas por ela demonstram o modo de falar, de enfatizar, de pausar, de organizar o pensamento enquanto falava e assim ela transpôs esse costume pessoal para o papel. Isso mesmo; quando falava com ela, sempre tive a impressão de estar conversando com uma pessoa que ainda não tinha um pensamento formado, mas sim estava formando suas ideias no exato momento que verbalizava.

Esse “jeitinho mineiro” da minha mãe é familiar e encontro também em várias pessoas que com ela conviveram; inclusive em mim; risos.





Quando voltávamos do clube andando, me lembro muito bem das conversas: minha mãe iniciava um assunto, entrava em outro; fazia um parêntesis; parava de andar para enfatizar algo; voltava pra conversa; parava de novo e me pegava no braço para eu parar também; seguia desviando e divagando, dava conselhos sem pensar, perguntava como uma filósofa clínica, mas sempre seguia nas conversas sem fim:

Meu filho, filosofia é aprendizado.









As aspas (“) usarei como falas da Marilda, mas sem precisar extrair do texto deste livro e deixar que a escrita flua bem e que a leitura faça lembrar de uma conversa com ela. Como é um trabalho à quatro mãos – póstumo – ficará também mais fácil para quem lê saber que quando tem aspas é a Marilda falando, claro que através da sensibilidade, espiritualidade, lembranças e anotações do autor. Quando não tiver aspas é um texto original do autor.



Em nossos bate papos ela sempre repetia que: “quando se toca neste assunto de dominação sentimos uma acomodação, um fatalismo, um enfado até mesmo por parte de pessoas em situação de perversa dominação”. Para Marilda uma das tarefas do filósofo é des-estabilizar, é des-velar, é questionar, mexer fundo na pretensa logicidade dos fatos de dominação. Ao filósofo é dada a tarefa de despertar a consciência, incluindo a própria, tão profundamente a ponto de exigir dela uma posição concreta.



Mas minha mãe sempre lembrava que a dominação sutil não é única, são dominações sutis, no plural mesmo, em diversos campos do ser humano: nas relações, na arte que ela bem conhecia e estudava, nos meios de comunicação, na política e demais áreas. As vezes do nada, no meio de outro assunto, e as vezes até em momentos de alegria, minha mãe explicava pra gente que o tema dominação é muito desgastado. Depois de uma pausa, ela pensava alto e soltava uma fala:

“que diante do silêncio podemos até pensar que dominados e dominadores já assimilaram este modo de des-convivência, de des-conforto social”.



Inseri vários destaques de texto, que refletem os pontos chaves do assunto ou do pensamento de Marilda sobre determinado assunto. Quando li com atenção o trabalho dela, percebi que ela pesquisou muito, misturou textos de outros autores, citações e referências cruzadas, mas as vezes, no meio do texto, inseriu seu toque pessoal, opinião forte que eu conhecia da convivência com ela. Isso eu fiz questão de destacar neste livro.

Sua personalidade questionadora advertia-me que várias doenças indicam que esta não é toda a verdade e que algumas vezes já se fizeram ouvir sobre este tema em obras filosóficas, antropológicas, políticas, sociológicas ou médicas.



Na verdade minha mãe “filosofava em voz alta” sobre qual seria então o motivo relevante para ela abordar o tema novamente, já que outros muito mais conceituados no campo do pensamento filosófico já o fizeram à exaustão?

Com uma mente multifacetada de artista, Marilda tinha a capacidade de responder para ela mesmo, e respondeu a pergunta acima: “pelo simples motivo de que não basta falar, redigir textos brilhantes, ou estar ciente de que a dominação sutil existe ou ainda achar que ela é abominável”.

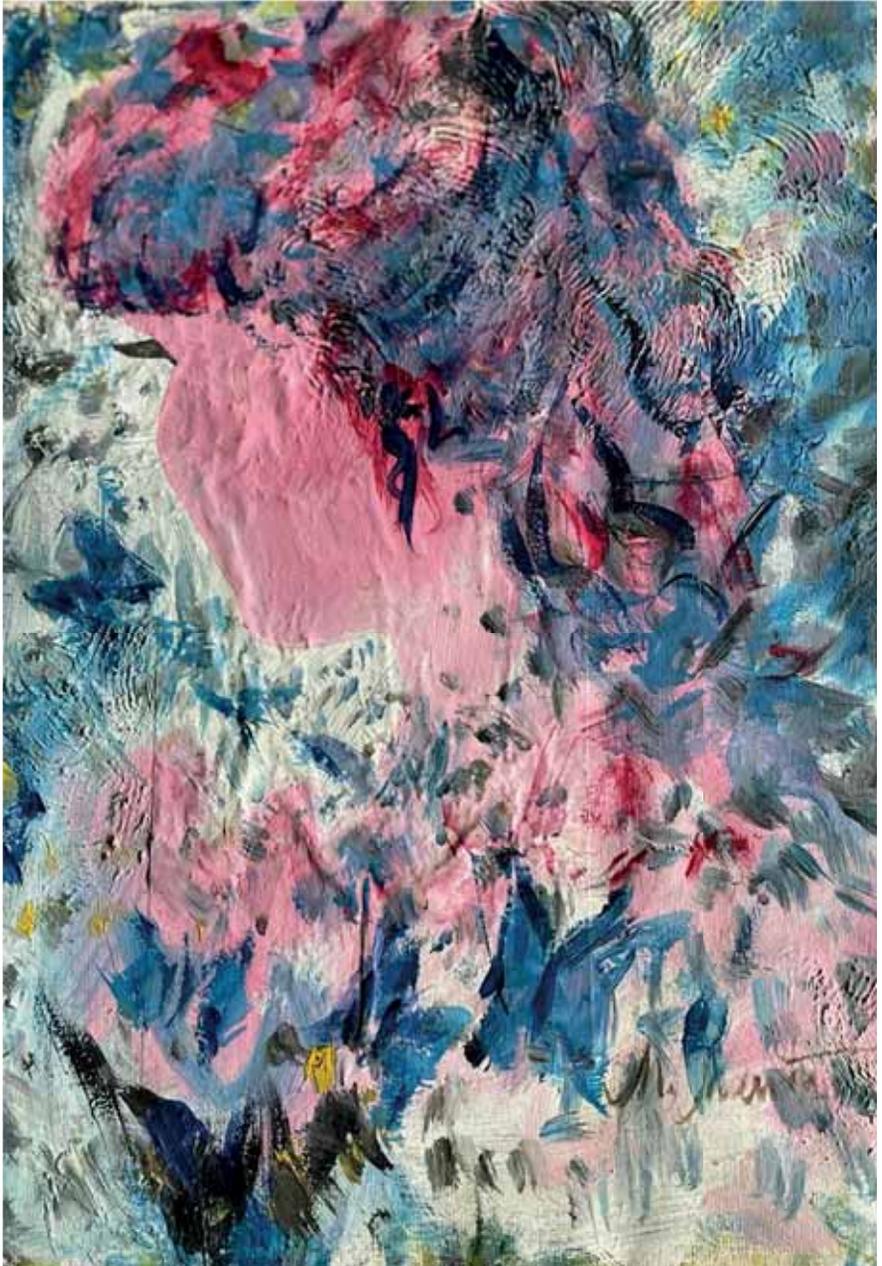
As vezes me pergunto como foi possível a Marilda ser uma pessoa tão carinhosa e viver uma inquietação mental tão forte?



No calor das nossas conversas nunca cheguei a entender, mas agora revisando seus escritos posso perceber a estrutura do pensamento dela. Ou o caos mental. Minha mãe indignava-se que não bastava “ser solidário” com os manifestos de denúncia ou desagravos verbais. Para ela as dominações em várias formas continua igual a um vírus latente, uma “ausência-presença” que desune, faz sofrer, envergonha o dominador e o dominado, numa troca doentia da qual ninguém sai ileso.

Para uma mente criativa como a Marilda, idealizadora de figurinos de balé e para escolas de samba, a dominação usa diferentes roupagens, e se apresenta como um vencedor incontestado. Os que a suportam tornam-se enfadonhos e “vítimas eternas”, o que muito conseguem é o desdém. E ela terminava seu pensamento dizendo que:

“a dominação está aí aberta ou em sua maneira mais terrível: sutilmente”.







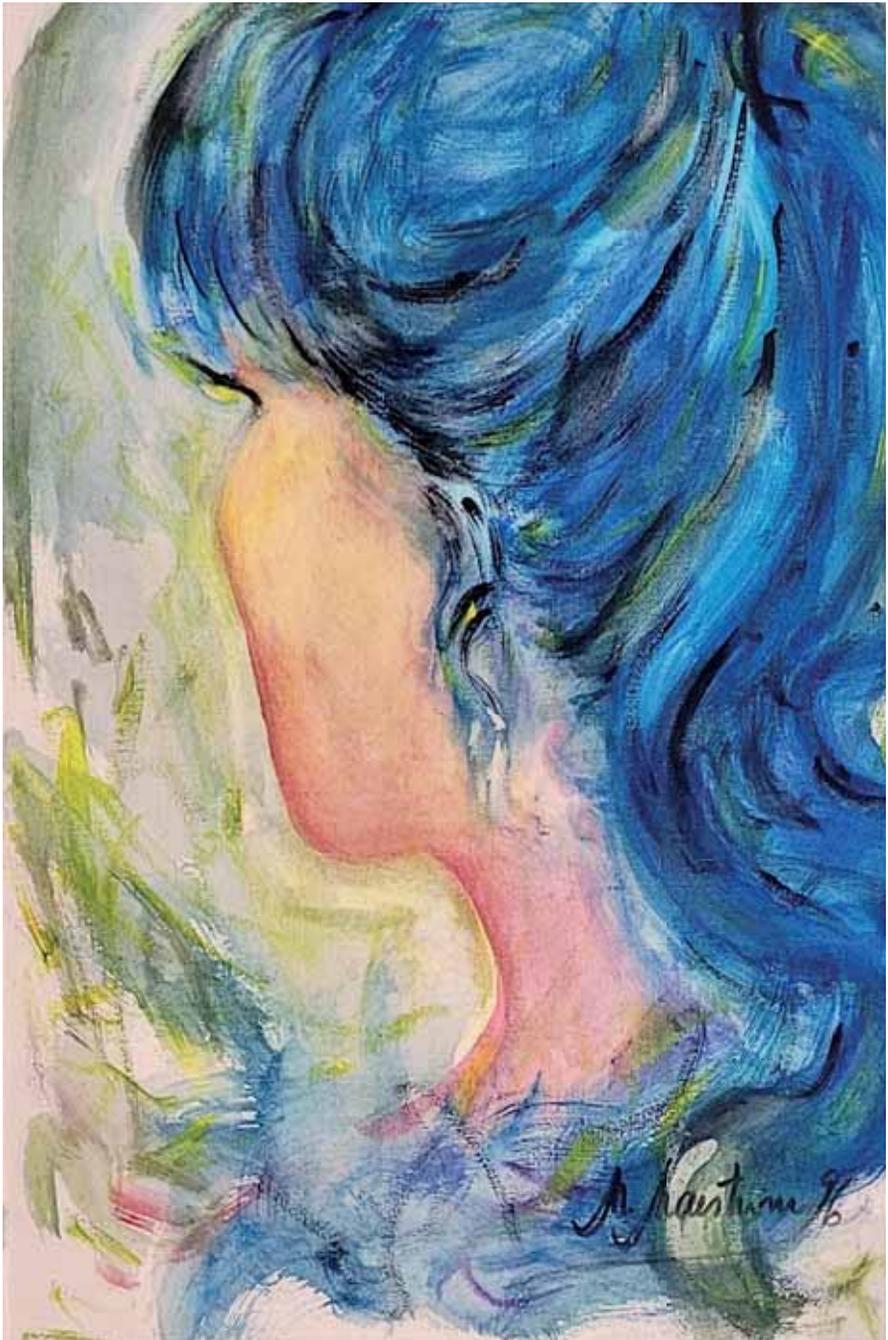
Durante o processo de pesquisa e elaboração do seu trabalho para concluir seu curso universitário que tanto sonhava, Marilda tinha conseguido fazer, em vida, a ligação entre o seu pensamento artístico e a dominação sutil que tanto a incomodava. Quando eu perguntava que minha mãe me explicasse sua frustração e o motivo de escrever sobre a dominação e se ela se sentia uma pessoa livre, ela dizia que:

“é uma raiva que vem de longe, passando de geração em geração”.

Mas nos seus pensamentos ela se incluía nos “não libertos” e filosofava que “estamos nos libertando finalmente da era dos prazeres desiguais”. Eu que a conhecia como uma pessoa livre, moderna, aberta, ficava escutando aquele papo de libertação, tentando entender o coração dela e perceber onde estaria a necessidade da borboleta azul se libertar e de que ou quem?



Toda vez que lembro de sua resposta me vem um sorriso gostoso no rosto, mas eu na verdade ficava admirado com a resposta filosófica que ela me dava: “a grande mudança na maneira de homens e mulheres se relacionarem ocorreu com o começo do cultivo da terra, quando nossos antepassados, nas planícies do Crescente Fértil, no Oriente Médio, 8.000 anos a.C”.



Sim, eu sabia que minha mãe era uma artista, mas as explicações do seu trabalho me surpreendiam sempre. O que ela foi buscar na história é que: “com a invenção do arado, os povos se fixaram nas terras e a mulher perdeu sua antiga função de buscar alimentos”.



Apesar de viver nos dias de hoje parecia que Marilda se simpatizava com as mulheres do passado que perderam sua posição de “co-provedoras” e provedoras de si mesma.

Ela se irritava e mostrava sua frustração quando explicava que: “foi a perda da independência econômica das mulheres e seu novo papel social que transformou-as em geradoras de filhos”. Ficou com o homem o papel considerado mais importante, o de prover. O casamento era uma aliança de conveniência entre povos. Havia um outro tipo de ética, outros costumes, outras conveniências que precisavam ser vistas como lei natural e incontestável.

Logo ela sorria e explicava que mesmo assim muitos povos, que ainda hoje vivem da caça, não têm um vocábulo para a palavra virgindade. O sexo antes do casamento era prática comum para homens e mulheres que se pertenciam. Nós, mulheres e homens, herdamos diferenças que têm atrapalhado a convivência, como a crença de que as mulheres falam demais e os homens devem agir e reagir com violência, usar e cuidar da sua “presa”. Logo Marilda se indignava com a ideia de que:

“ao macho cabe prover algo de comer à fêmea para que ela lhe retribua com sexo”.

Eu tentei entender o tema da dominação que tanto incomodava minha mãe. Ela gostava de voltar mais ainda no tempo e perguntava-nos: “Vocês já se preocuparam em observar nossa forma de raciocínio e de que maneira expressamos ou associamos as ideias?”. Antes de eu poder responder ela já continuava e respondia ela mesmo que: “Nosso universo mental tem suas raízes na cultura grega da chamada cultura ocidental. Nossa forma de observar o mundo evoluiu a partir do que os pensadores gregos nos deixaram”.

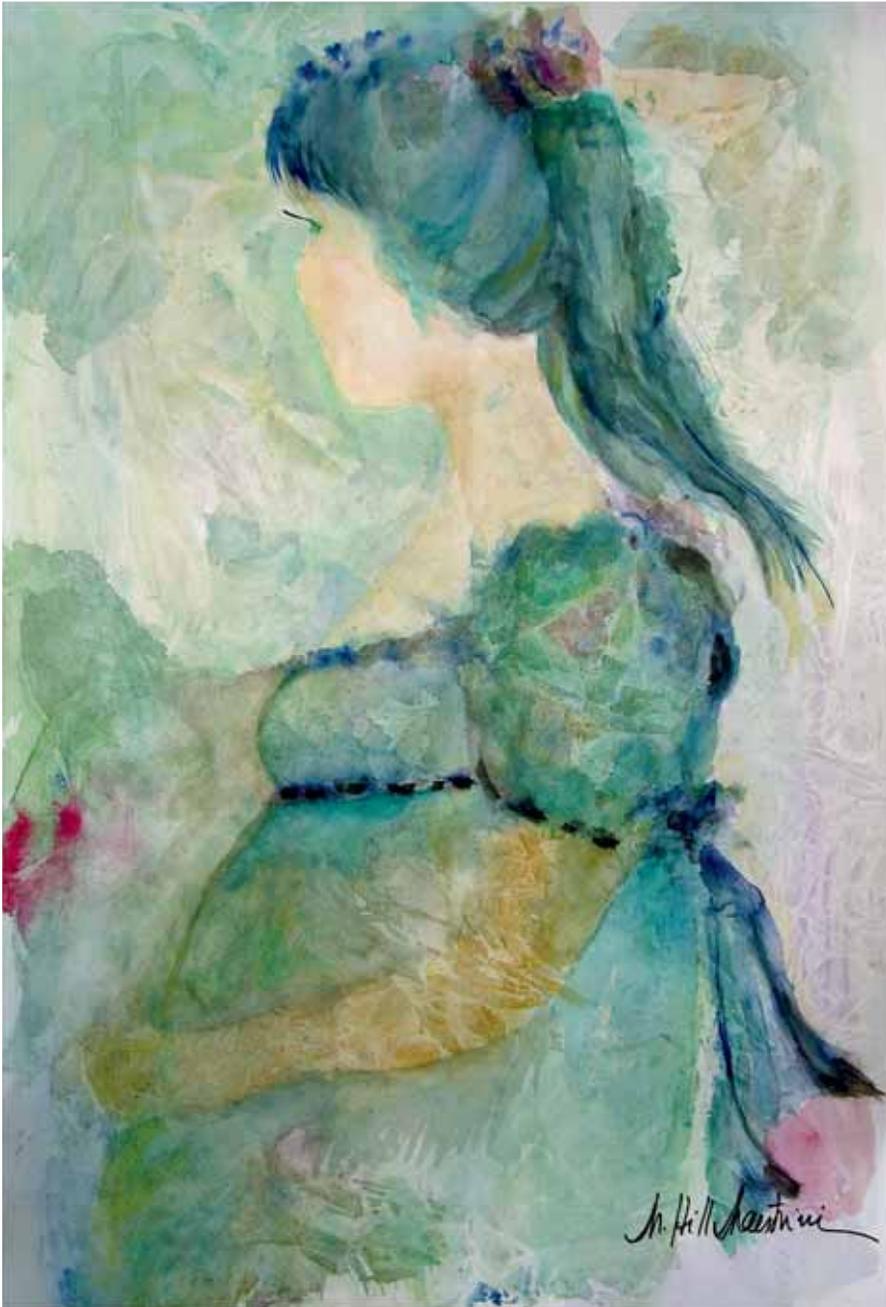
Marilda comparava com o hoje dizendo que pouco mudou e “nas relações humanas perdura a situação de que não só os instrumentos, mas as terras são propriedade de uma pequena parcela da população”. No final ela abria um sorriso e dizia: “tá vendo? Aí estão as raízes de um imaginário de dominação natural pela tradição. Ao longo da história o trabalhador, aquele que na realidade produz riquezas com seu trabalho, tem sido reduzido a escravo”.

Ficou claro pra mim que era essa injustiça e escravidão que incomodava a minha mãe.



MARILDA HELENA





Marilda sempre foi uma artista plástica de corpo e alma, tendo usado seu talento como pintora, escultora, produtora de figurino de balé e até de fantasias para escolas de samba de Juiz de Fora.



Desde sempre sua irmã – e fiel escudeira – Maria Izabel Hill Fávero era quem aceitava a parceira para costurar por inúmeras horas as ideias mirabolantes de Marilda. A sorridente Tia Izabel ia para seu quartinho cheio de panos, fitas, brocal, tules, paetês e executava como quem entendia exatamente os desejos artísticos da irmã mais velha.

Era no meio dessas conversas – que para mim pareciam sem nexos – que as duas se entendiam, riam, discutiam e produziam pérolas da “Marilda” para a sociedade local. Eu que as vezes escutei as conversas das duas entendi o que minha mãe pensava quando explicou que um professor de filosofia falou para seus alunos que profissões como a de psicólogo proliferou na medida em que as pessoas perderam o hábito de conversar para resolver seus problemas. Sorrindo, lembrei da sorte da Marilda de ter irmãos que gostavam de conversar como o Carlos Alberto Hill, a Maria Izabel Hill Fávero, a Carmem Lucia Hill e o Geraldo Hill Filho.

Minha mãe ministrou aulas na Antônio Parreiras, na Academia de Belas Artes de Juiz de Fora, e era conceituada como uma artista diferente na área da pintura, com abstratos, grandes aquarelas, pintura de decoração de entrada de prédios, painéis em muros enormes, como no Clube Bom Pastor.



Em uma das últimas fases artísticas de sua vida, Marilda vinha fazendo várias séries de bailarinas, que representava a infância dela no balé. Lembro que minha mãe ficou muito conhecida nas exposições de pintura de Juiz de Fora. Ela exibia seus trabalhos nas exposições da época áurea do Espaço Pró-Música e também na galeria de arte visionária que existiu numa antiga igreja da escola Stella Matutina. Sempre foi muito influente nessa área da pintura, da arte e da cultura na cidade.

Outra série foi sobre barcos e o mar, símbolos da liberdade, uma ligação grande com o mar das inúmeras férias no litoral do Espírito Santo. Como última tendência, ela pintou muitos pombos, representando o Espírito Santo, os folguedos mineiros, as folias de reis, as coisas de Tiradentes e Paraty, dessa tradicional cultura do Sudeste e de Minas Gerais.

Marilda Helena nasceu em Juiz de Fora no dia 11 de dezembro de 1942, filha de Lygia de Souza Hill e Geraldo Hill e por aqui lançou suas fortes raízes.

Desde criança mostrou inclinação para as artes. As irmãs Izabel e Carmem lembram que com 4 ou 5 anos, ela começou a desenhar sua própria roupa, porque queria ter vestimentas únicas. Tinha muito gosto e era muito decidida. O pai Geraldo tinha que comprar os tecidos no Rio de Janeiro para a mãe Lygia costurar, porque a “Marildinha” não queria as roupas normais das lojas locais. Uma artista plástica desde sempre.



Minha mãe estudou no Colégio do Carmo e no Colégio Santos Anjos; noivou e casou muito jovem e só depois de criar os quatro filhos terminou o ensino médio e se formou em filosofia e teologia. Marilda dedicou-se de corpo e alma à arte e à família. Mas quando teve que fazer escolhas, priorizou sempre a família, já que foi fazer faculdade somente depois que os rebentos já estavam fora.



Após o falecimento da minha avô materna Lygia, foi a minha mãe quem “herdou”, como irmã mais velha, o matriarcado da família Hill e gostava mesmo era de agregar todos em torno dela. Eram festas, cafés, almoços e bate papos. Eu acho que assim que ela gostaria de ser lembrada. Muito festeira, agregadora e alegre, mas nos momentos de calma era uma filósofa clínica nata e gostava de investigar o interior do ser humano em seu ateliê; onde recebia as pessoas para longas conversas e arte-terapia. Em suas horas de dúvidas era recorrente para ela o desafio do “re-pensar” a dominação sutil.

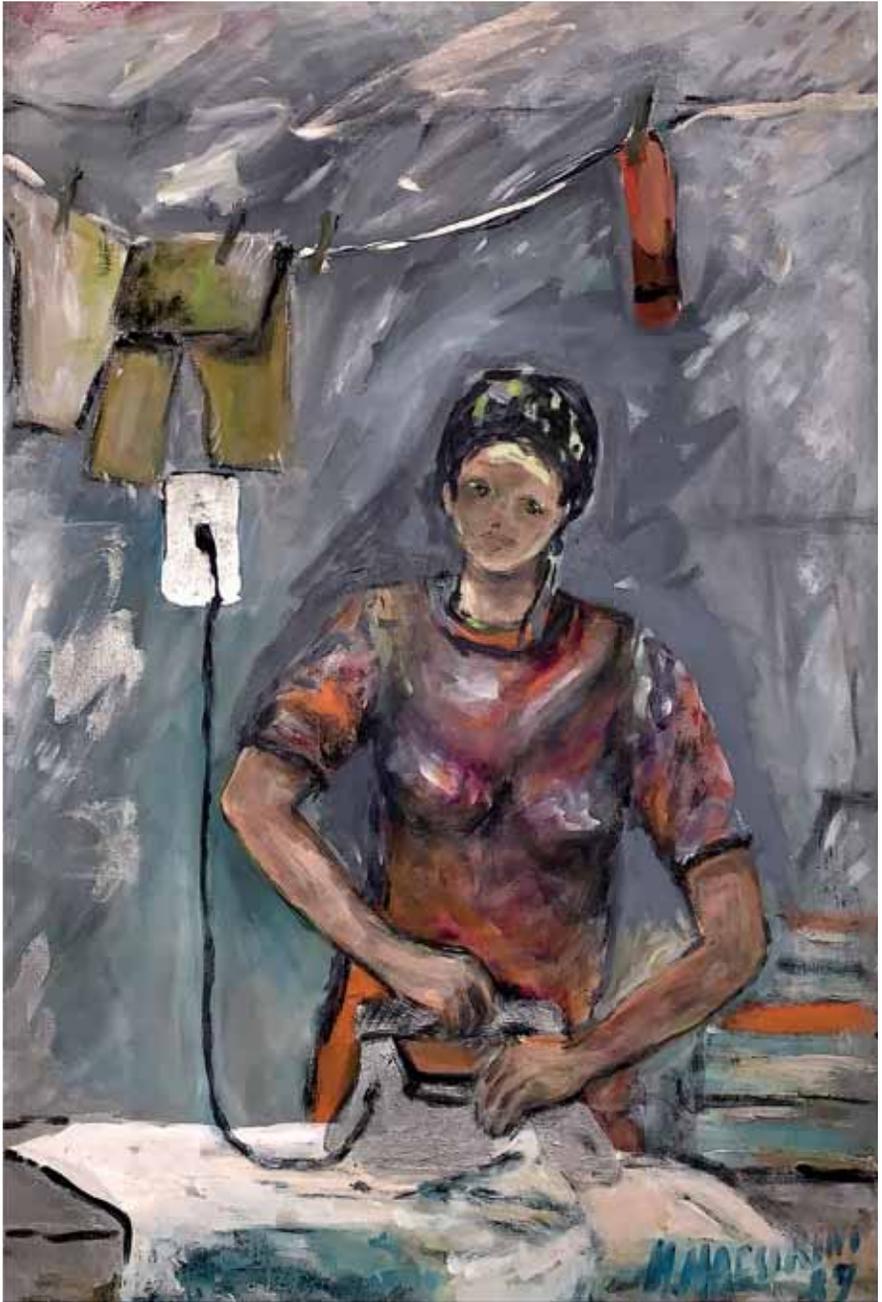
“Em maior ou menor grau, nós todos a exercemos também”.



Mas o que ela tentava refletir é o que todos nós denominamos a dominação sutil consciente, capaz de destruir outro ser humano física, psicológica e socialmente. Me lembro que, enquanto artista, minha mãe esteve muito presente nos cadernos de cultura e nas colunas sociais. Meus pais também tiveram uma participação na beneficência local.



Em todos os jantares para alguma causa social ou esportiva em Juiz de Fora, todo mundo recorria à Marilda e ela pintava um quadro exclusivo, para doar para os sorteios nos jantares do Rotary, Lions, Obras Sociais do Bom Pastor, ALAE etc. Ela tinha essa característica altruísta, as pessoas chegavam e diziam que iriam fazer uma homenagem ou um jantar beneficente e ela sentava diante de uma tela em branco e pintava um quadro para a ocasião; na hora; na maioria das vezes dava de presente!









Mesmo no meio das festas alegres, Marilda sempre lançava uma filosofia de vida ou um trocadilho que deixava todos presentes sem entender nada. Num primeiro momento todos atônitos pensavam: o que é que a “Marildinha” quer dizer com aquela fala? Mas logo riam e se deliciavam com as tiradas da “artista da família”.

Numa certa ocasião de uma festa de família, de surpresa, durante uma foto para o álbum da festa, minha mãe sacou detrás das costas uma plaquinha com os dizeres: “Se você não riu, Murilo Hill”. Um trocadilho com o próprio sobrenome e o sobrinho. Ela adorava fazer surpresas e surpreender.



Desde pequenininha sempre foi muito questionadora, genial, artista e geniosa. A elaboração do trabalho de pesquisa foi na verdade na busca pessoal da “des-dominação”, como ela mesmo denominava.

Formada em filosofia clínica no Instituto Lúcio Packer, por quem tinha muita admiração, minha mãe não encarava como uma tarefa só dela o ato de combater os “monstros vaporosos”, mas sim

uma tarefa encarnada, de todo ser humano. Por este motivo é que ela preferiu uma posição de não só constatar, mas de trabalhar com casos de real possibilidade de “des-dominação”. Recebia em seu ateliê no Bairro Bom Pastor muitos clientes para longas sessões de filosofia clínica e depois escutava e transcrevia tudo por horas a fio.



Com um trabalho de pesquisa multidisciplinar, deixou bem claro que o interesse pelo tema era intenso. Marilda quis mostrar que o potencial criativo do ser humano, inclusive o dela mesma, diante das pressões sociais, familiares e do mundo do trabalho, cede sob o peso de tantas facetas que a dominação possui.

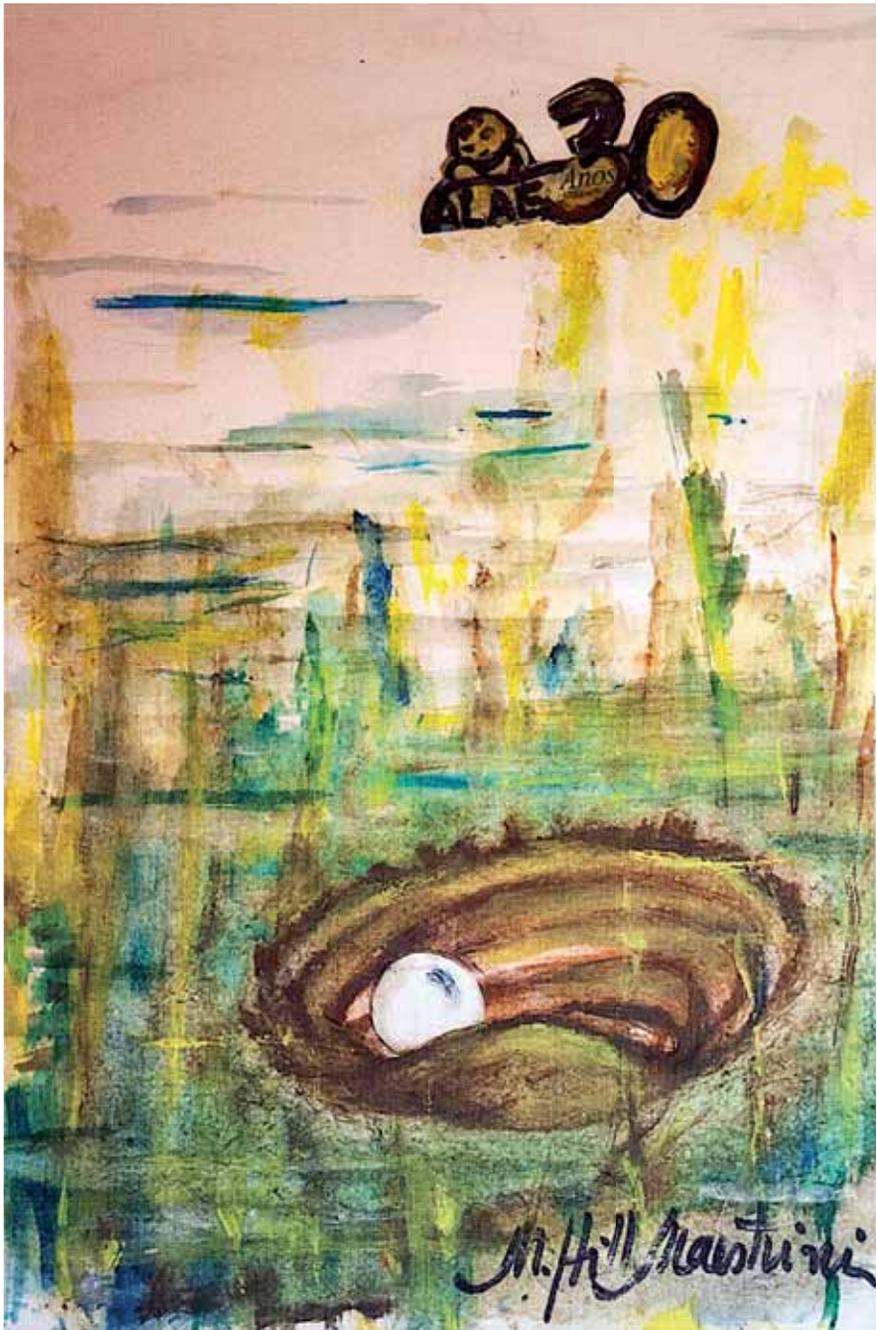
Para ela o tema da dominação está exposto a toda sorte de mal-entendidos. Não se pode subestimar os riscos de um projeto científico. Marilda dizia que: “ao justificar o interesse pelo assunto da dominação era preciso vencer a existência de um contra pensamento no homem”.





Quando eu me interessava pelo que ela estava pesquisando, minha mãe me explicava que:

“ninguém estuda o que não lhe interessa, muito menos se fala sem vencer este contra pensamento”.





Se ler é escolher, critérios subjetivos são inevitáveis, pois aparecem nas entrelinhas ao elegermos os textos que consideramos relevantes. Do nada, no meio da conversa, ela lançava frases esclarecedoras: “Sou mais uma filósofa a lançar alicerces para a consciência dos perigos vindos do próprio homem”.

Quando ela me apresentou seu trabalho sobre a dominação, quis logo ler e tentar compreender sua mente e pensamentos. Dentro dele podemos encontrar os pensamentos dela e como reagia a diversos assuntos banais e corriqueiros.



A mãe Marilda dizia que para entendermos o “trabalho”, com aspas mesmo, precisamos saber que ele tem sido super-valorizado como dignificante e disto têm se aproveitado aqueles que não se dispõem a trabalhar, mas pretendem obter lucro sobre o trabalho do outro. E com uma dor em defesa das mulheres acrescentou que: “a falada maldição que expulsou Adão do paraíso transformou o trabalho em coisa natural e tornou as mulheres eternamente ardilosas e responsáveis pelo pecado do outro”.

Marilda profetizava com prazer que: “nos tempos velozes em que vivemos cada vez mais importante se torna o tempo lento e profícuo da reflexão filosófica sobre o problema das dominações entre as pessoas e as nações”.

Segundo Voltaire, todas as pessoas são boas, exceto as ociosas, isto é, aquelas conformadas com a própria infelicidade.

Com sentimento de impotência, por outro lado de esperança, minha mãe explicava que “vivemos um clima de tensão avassaladora, então nada podemos fazer de melhor do que olhar à nossa volta e tentar reunir às reflexões anteriores nossa própria perplexidade”. Marilda estava sempre atenta para dar sua contribuição para o debate sobre o assunto e aproveitar para refletir sobre suas próprias dúvidas existenciais.

Lembro de minha mãe sentada na mesa com inúmeros rascunhos que depois o meu pai digitalizava, tentava organizar e imprimia uma nova versão. Diante de tantas folhas espalhadas pela mesa ela levantava a cabeça depois de muito procurar entre suas anotações e dizia que “é olhando o palco da vida, dos acontecimentos, é que nos lançamos neste jogo à procura do elemento ou elementos que encobrem, ignoram ou dão forma às dominações reais que resultam de relações desiguais”.

As vezes nós todos pensamos ter nos aproximado do “nó górdio” em vários momentos, isto é, que finalmente “chegamos ao xis da questão”. Uma certeza ela sempre expressava:



“Não sou tão boa filósofa quanto amo a Filosofia pelo que ela me dá em percepção das sutilezas do pensamento humano, das ações e reações da humanidade da qual faço parte”.



Minha mãe escrevia e falava como se fosse um problema distante, mas estava mesmo era em processo de catarse pessoal. Era a borboleta azul querendo sair do casulo e voar. Ela gostava do carnaval e das manifestações culturais da cidade. Ela gostava de ler Roberto da Matta, ele nos lembra em seu livro *carnavais, malandros e heróis* que: “é no carnaval que nós brasileiros deixamos de lado nossa sociedade hierarquizada e repressiva e ensaiamos viver com mais liberdade e individualidade”. Junto com meu pai, quando jovens saiam nos blocos, depois passaram a desfilar nas escolas de samba com os filhos e mais tarde não deixavam de ir participar nos carnavais de rua pelo centro de Juiz de Fora e encontrar os amigos foliões como o Zé Kodak.



Como se estivesse falando para si mesma, a aspirante de borboleta Marilda lembrava com prazer as palavras do artista e cantor brasileiro Raul Seixas: “quem tem asas que aprenda a voar”. Ela refletia que era esse o mesmo recado que os filósofos mandam aos seus leitores, com uma diferença, “os filósofos desejam contribuir com seus estudos, para que o vôo se torne realidade e não só uma possibilidade”.



Era essa uma das tarefas que Marilda tomou pra si por um tempo onde atendia pessoas em seu ateliê, ajudava as pessoas a voar, escutando-as e propondo paralelamente atividades de artes, pinturas etc. Assim ela pode ajudar muita gente adulta, jovens e crianças. Mas minha mãe lembrava que a vida de quem deseja ganhar os céus não é fácil. Usando a primeira pessoa do plural ela se incluía no universo dos filósofos questionadores e escreveu que: “no decorrer do processo constatamos que a busca de poder que perpassa todos os contatos humanos tem gerado sofrimentos que ficam assustadoramente sem visibilidade”.

Ciente de sua temporalidade, Marilda explicava que o tempo em que vivemos contribuiu muito, já que temos vivido inúmeras situações em que o desejo e a realidade de dominação se apresentam no mundo das relações, no dia a dia da vida. Ela lembrava da ideia de dominação em 1864 por Charles Baudelaire era que: “A maior astúcia do Diabo é nos convencer de que ele não existe...” em *Le Joueur Généreux*.



Mas minha mãe gostava e acreditava sim da vida e em 2009 escreveu em um quadro que: “é talvez porque a vida seja feita de momentos de luz e sonhos é que a ela seja tão fantástica, tão impossível e misteriosamente desejável”. Apaixonou-se pelo tema e pelas leituras. Entre um café e outro filosofava que “hoje podemos nos considerar muito felizes por contarmos com um trabalho filosófico-político na grandeza do trabalho da alemã Hannah Arendt, que não só dá conta das crises do sec. XX, mas é validado pelas repercussões e repetições destas crises com outras roupagens posteriores às suas considerações”.



Minha mãe adorava conversar sobre as mulheres que fizeram a diferença na sociedade e na história do mundo.



Uma de suas preferidas era contar sobre os feitos de Hannah Arendt. Ela se alegrava, com um largo sorriso de felicidade, ao descrever que muitos já trabalharam as ideias filosóficas, políticas e humanitárias que a filósofa Arendt expôs durante sua vida. “Mas o que diferencia Hannah é a posição privilegiada de testemunha ocular de importantes acontecimentos”. Minha mãe explicava-me que: “o que despertava a curiosidade acadêmica eram os estudos dos indícios de dominação mesmo antes que esta se concretizasse”.





Como escreveu em seu trabalho, minha mãe defendia com unhas e dentes o potencial de trabalho de mulheres que ela ironicamente dizia que trabalham “como homens”, porém socialmente são vistas como “sogra-dragão”, “lolita-sexo frágil” ou “vizinha-gostozona”. Minha mãe se indignava que muito raramente as mulheres

eram reconhecidas como cidadãs plenas. O que ela desejava era uma estrutura social que não colocasse as mulheres em situação de domínio tão sutil, em que a perversidade ganhe o estatuto de legitimidade.



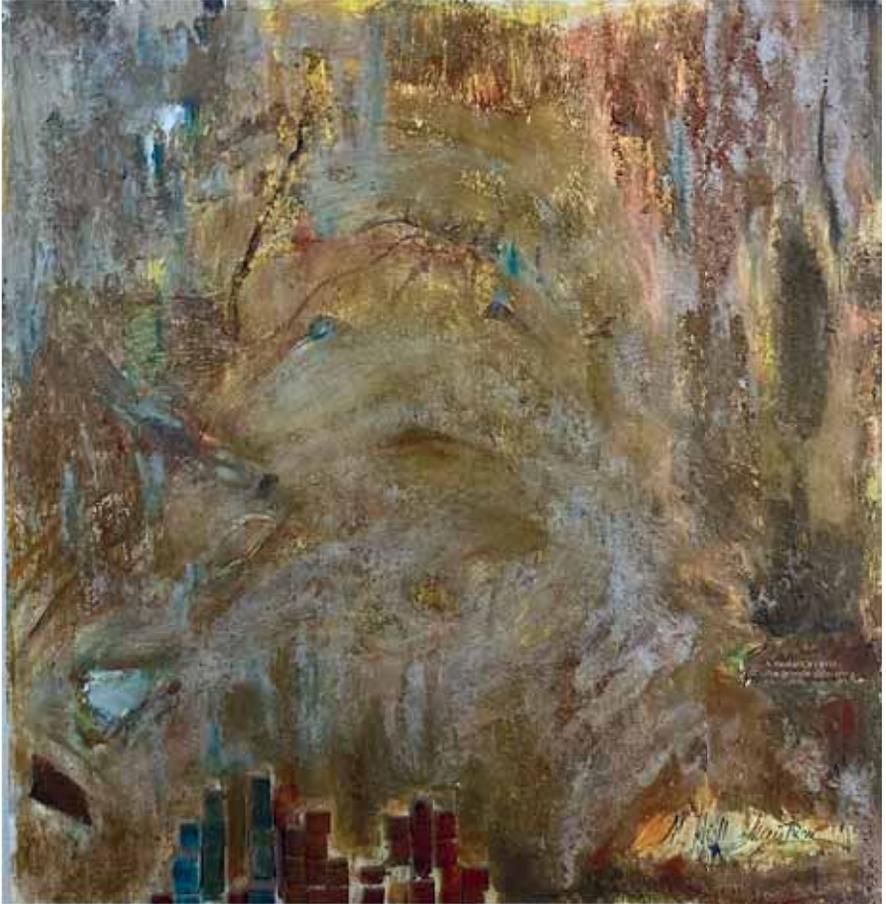
Porém os olhos da sonhadora e idealista Marilda brilhavam em pensar que existia uma luz no fim do túnel da dominação.

Para minha mãe, “se déssemos crédito às críticas e alertas poderíamos agir, fazer uma filosofia preventiva”, escutar os gritos de alerta enquanto ainda há tempo. Em analogia, lembro-me que ela adorava as luzes, admirava a Belle Époque de Paris, do poeta Charles Baudelaire que escreveu sobre o “culto da sensação multiplicada”. Marilda era fascinada pela “fada eletricidade”, que, de noite em Paris, iluminava teatros, lojas, ruas, restaurantes etc. Seus olhinhos faiscavam em iluminar objetos e abandonar a escuridão. A mãe sabia bem “abusar” deste recurso luminoso e adorava comprar objetos que piscassem, iluminassem e trouxessem “vida” para o dia a dia.











I-MORTALIDADE

Herdado não é roubado, já dizia meu avô Geraldo Hill. Então, com licença mãe; copio aqui o seu jeito de usar o hífen, que você tanto gostava.



Com a morte dela vieram os sentimentos e pensamentos sobre a minha própria i-mortalidade, isto é, minha não mortalidade. E, o que e como seria essa tal de i-mortalidade? Seriam as lembranças? Seriam os costumes? Seriam as manias que copiamos de nossos pais? Seriam as histórias e estórias que nos contaram? Seriam os afetos e sentimentos que levamos conosco de outra pessoa? Acho

que é tudo isso de um antepassado que continua a viver dentro de nós, mesmo após o falecimento. Vou relatar alguns que eu carrego comigo.





Lembro-me quando jovem que um dia eu voltava do quintal com uma cana toda cortadinha em pedaços com a serrinha, lavados e colocados em uma tigela. No momento que a Marilda percebeu aquela cena, me questionou: "onde você aprendeu a fazer isso?". Sem imaginar do que se tratava, eu respondi que "inventei" um método de chupar cana dentro de casa sem fazer sujeira. Com um largo sorriso no rosto minha mãe sentou-se ao meu lado para sugar um gostoso caldinho de cana diretamente da cana de açúcar que eu estava descascando e falou: "meu filho, era exatamente isso que seu bisavô, meu avô, Jacó Hill fazia com a gente quando éramos pequeninos e íamos visitá-lo. Foi o sentimento gostoso de receber de geração para geração os conhecimentos dos ante-passados.

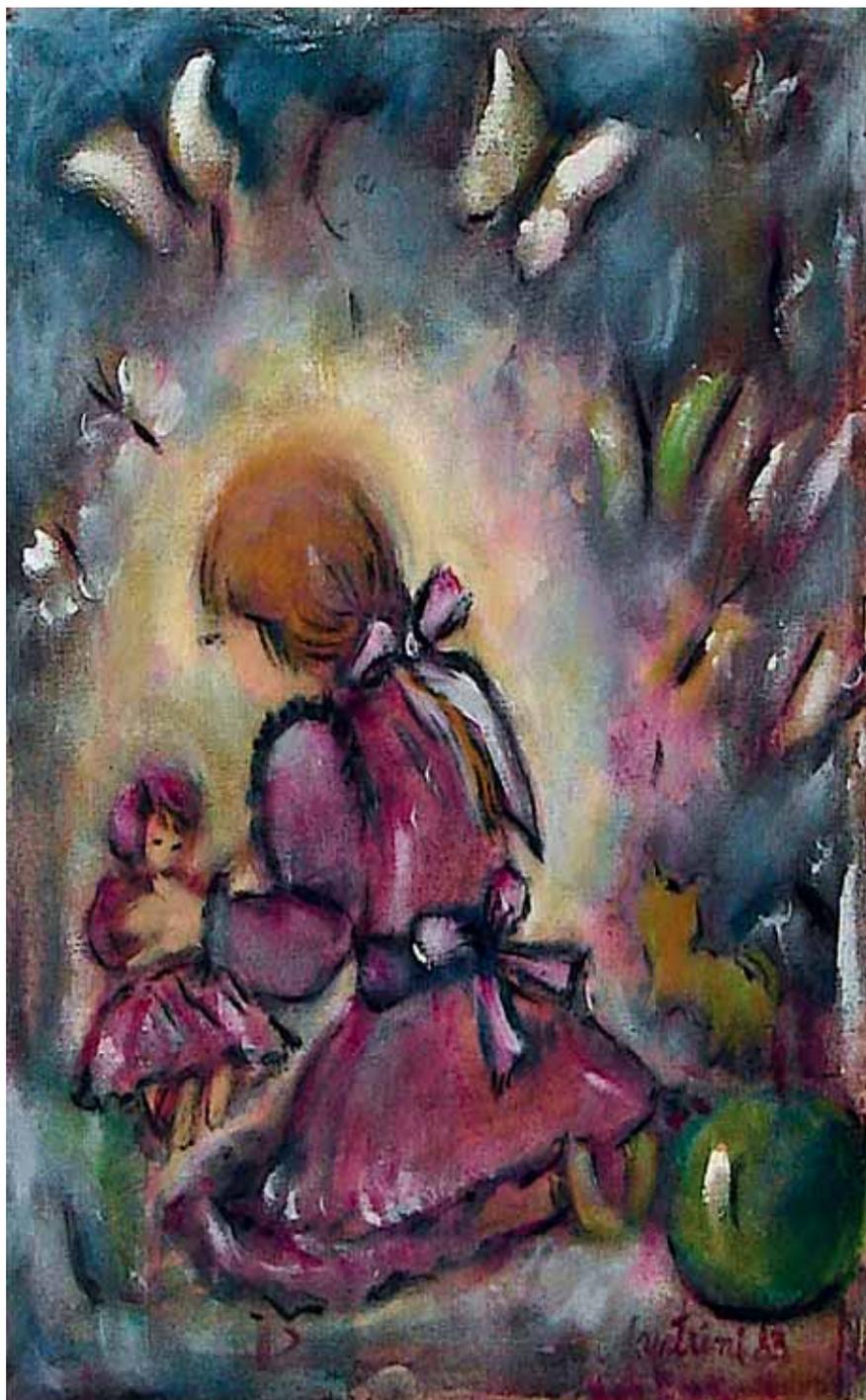


Outra lembrança dos casos contados pela minha mãe, e que até hoje está retratado em seus quadros, é a tradição familiar que ela nos passou da romã. Marilda ainda pequena se lembrava de ir visitar o avô Jacó Hill no Morro da Glória e ao chegar na casa deles o avô fazia questão de levar os netos para um passeio no jardim e mostrar as plantas e deixar as crianças livres para brincar. A romãzeira era uma das frutas preferidas do vô Jacó e ela fez questão de manter um pé de romã em sua casa.



Marilda teve a oportunidade rara de conviver com 3 gerações e agrupar 4 filhos, 4 noras, 1 neto e 3 netas, 2 bisnetos e 4 bisnetas; além dos enteados, sobrinhos netos e netas, primos e muitos outros que se consideravam parentes por afinidade dela; dessa forma conseguiu passar conhecimentos, cultura e arte para o futuro. Ela vive nas futuras gerações.

Não seria isso a i-mortalidade?



Em uma ocasião estranha de minha infância imaginei ter presenciado cenas de discussões acirradas entre minha mãe e meu avô paterno Alberto Maestrini, que morava com a gente na casa do bairro Bom Pastor. Muitos anos se passaram desde então; e a pouco tempo conversávamos tranquilamente: eu, minha esposa, minha mãe e meu pai sobre nossa vida de criança junto com meu avô. Na ocasião pude descrever para ela a cena que eu “pensava ter presenciado”.



A expressão facial dela empalideceu com os detalhes da conversa que eu acabara de contar. Com muita calma porém me acalmou e me disse: “na verdade essa conversa entre seu avô e eu nunca ocorreu. Filho, mas o mais curioso é que com sua sensibilidade você

captou exatamente o que eu estava pensando dele naquele momento”. Assim ficamos todos arrepiados e olhando um para o outro sem falar nada.



Que ligação profunda entre pais e filhos é essa?

Minha mãe nunca falou a frase: “se eu não tivesse outra coisa pra fazer, faria assim ou assado”, pois ela sempre fez o que precisou ser feito, aceitou muitas vezes seu destino e tarefas - e olha que foram muitas. Com arte e criatividade deixou um belo legado nos corações de quem a conheceu.

Nunca, mas nunca mesmo, ouvi alguém falar mal de minha mãe. Isso também é uma parte dela que está i-mortal dentro de mim e sigo seus passos.

As missões dela foram abnegação, família em primeiro lugar, escutar o coração, dar mais que receber. E no final de sua vida recebeu infinitamente muito carinho, mas ainda sentia que deveria estar cuidando e não sendo cuidada. Aí me lembrei da frase que ela gostava de repetir: “quem cuida da cuidadora?”, que eu em seus últimos anos sempre falava pra ela com o objetivo de acalmar a alma dela. Porém cansada da doença se perguntava por que isso estava acontecendo com ela? Na psicologia dela, ela achava que deveria estar cuidando e não gostava de ser cuidada.



Com certeza cada filho tem suas lembranças da mãe e outro ângulo de visão, o meu lugar na família eu nunca questionei e até hoje acho que é assim mesmo que tinha que ser pelas características individuais. Me lembro bem de quando morávamos na rua Gil Horta e eu estava em casa aguardando o almoço. Com certeza devia estar brincando com os irmãos quando minha mãe me chamava e pedia para eu “correr” lá na venda do “Seu Ralinho”, na rua Osvaldo Aranha, e buscar um ingrediente que faltava. Eu sabia que era “prá ontem”. Imediatamente deixava tudo e corria lá na venda. Era ainda tão pequeno, que nem chegava na altura do balcão, mostrava a listinha pro “moço da venda” e voltava “rapidão” pra casa. Meu pai brincava: “mais ligeiro que o The Flash”. Hoje me vem a dúvida: “essa mania de fazer tudo imediatamente que tenho vem dessa criação ou era a minha personalidade que já era assim mesmo?”

O sentimento de i-mortalidade se manifesta as vezes quando se teve a oportunidade de vivenciar uma mãe com o dedo-verde que adorava as atividades no jardim. Com ela aprendi a cultivar, regar as plantinhas e colher tomatinhos, que nós dois plantamos juntos quando eu era criança. Hoje quando estou na minha horta e ligo o aspersor, logo vejo o arco-íris na nuvem de água por cima das plantas. Muita emoção da presença espiritual da minha mãe no meu dia a dia.









O ápice da sensação de ligação com ela é quando o sistema de irrigação se inicia e espanta uma borboleta azul que estava calmamente pousada nos canteiros. No momento que ela alça vôo me lembro que um dia a saudade deixará de ser dor e virará história para contar e guardar para sempre, pois algumas pessoas são eternas dentro da gente.

Quando conheci minha esposa, minha mãe desde o início foi super carinhosa com ela. Se entenderam muito bem e a Marilda chegou a me dizer que sentia que eu tinha encontrado um amor maduro e invejável, pelo carinho com que a gente se tratava. Logo as duas combinaram e a Marilda começou a fazer aulas de alemão com a Christine, sempre lembrando que gostaria de conhecer mais o idioma dos seus antepassados e os originais da filósofa alemã Hanna Arendt.



Minha mãe adorava presentear todos os parentes e amigos com obras de arte, assim não conheço uma só casa sem uma lembrança dela. Quando entro e vejo uma obra de arte de minha mãe,

me lembro dela me chamando no ateliê após terminar de pintar um quadro e perguntando minha opinião. No início ficava meio sem jeito de dizer o que eu realmente sentia sobre aquela nova criação dela. Mas ela carinhosamente diante da minha reação dizia que:

“meu filho, a Arte não nos propõe um único significado, não pretendo passar uma única mensagem, cada indivíduo, diante de uma obra de arte, sente à sua maneira”.

A partir daquelas palavras comecei a dar minhas opiniões sinceras e ela chegou até a rasgar algumas telas depois de me mostrar. Claro que fiquei com pena da obra de arte. Até hoje, diante de uma obra de arte, me dou a liberdade de pensar o que penso. Foi ela com certeza quem libertou minha opinião artística.





I-mortais são as lembranças. Quando nos mudamos da rua Gil Horta para o novo Bairro Bom Pastor, na rua Tenente Márcio Pinto 82, minha mãe cuidava de uma casa enorme, de quatro filhos, de um marido, do sogro Alberto Maestri e diversas/os ajudantes na cozinha, pintura, jardim etc. Para alimentar este batalhão, ela gostava de ir ao “trevo” fazer compras. Uma lembrança muito presente são as idas ao açougue comprar carne para fazer os deliciosos tabuleiros de quibe. Ela levava o trigo já hidratado, uma boa quantidade de hortelã do seu próprio jardim e pedia ao açougueiro para tirar um belo pedaço de carne, misturar com as gostosuras que trouxe e passar três vezes no moedor de carne. Ao final levava a mistura quase prontinha para assar em casa.

Nos últimos dias de sua vida na terra, mesmo com todas as dificuldades que minha mãe passou com uma doença degenerativa e incurável, mesmo já muito debilitada e fragilizada, ainda era uma pessoa “vibrante”, uma “presença” na família e para os amigos, um coração batendo e nos dando sentido às nossas próprias vidas.

Em 2015 a presença de minha mãe no nosso casamento civil e depois na festa em nossa casa foi um presente, apoio total e admiração. Ser abençoado pelos pais foi um momento muito importante para mim. Acho que o segredo da vida da minha mãe era a alegria de viver e transformar em arte os sentimentos e vivências.



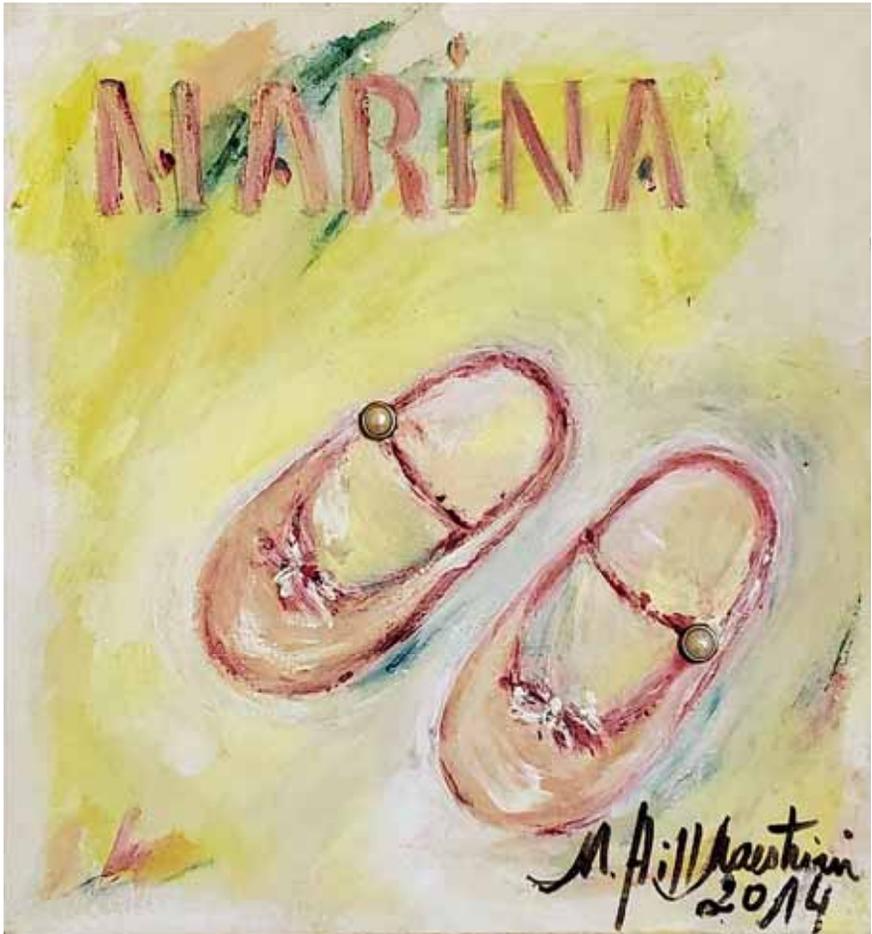
Meus pais se conheceram ainda jovens e envelheceram juntos. Eles curtiram as fases bonitas e estavam aproveitando como podiam essa fase de doença, claro que já cansados por tantos anos de família, trabalhos, alegrias e dores. Mesmo com a doença apertando o passo no meio da pandemia de COVID 19 se agravando, o isolamento em um momento que se pedia proximidade, minha mãe com os olhos brilhantes até o final nos falava com os olhos o que as cordas vocais não mais podiam emitir palavras inteiras.

Era sua linguagem do amor que compreendíamos.



Este foi o primeiro ano que a mãe está apenas nas nossas memórias e sentimentos. Ao longo dos últimos meses, desde o dia em que ela partiu, muitos familiares estiveram com ela diversas vezes, orando, conversando, lembrando e agradecendo pelos anos que passamos juntos. O que ficou foi um misto de emoções e sentimentos da lembrança de olhares, conversas, toques carinhosos, emoções e as sensações do que vivemos juntos por tantos anos. Já não temos nossa mãe fisicamente para abraçarmos e trocarmos esses olhares e carinhos tão gostosos. Já não podemos conversar e acolher suas palavras.

Mesmo vendo minha mãe muito debilitada, era possível ler seus olhos, suas lágrimas, seus sorrisos, suas expressões, sua posição das mãos e tantos outros gestos que me falavam direto ao coração de filho.



Lembro-me muito bem o dia em que ela nitidamente estava perdendo o poder da fala. Eu disse que a tinha entendido e ela disse com lágrimas escorrendo: “não, você não me entendeu”. Ela já sentia que teria sido impossível entendê-la. Emocionado, só consegui chegar perto da cadeira de rodas, sentar no chão na frente dela e perceber o peso de sua mão carinhosa no meu cabelo. Um toque simples, mas um toque que transmitiu um imenso amor maternal. Neste dia saí de casa chorando copiosamente por seu imenso amor, por minha pequenez e a dor porque estava perdendo meu teto, meu telhado, meu arrimo. Aquela mão tinha sido como uma benção ao viajante.



Este vazio de comunicação se traduz na saudade de viver novamente alguns desses momentos. O jeito de alguns é ficar em silêncio, deixar a emoção ocupar a mente e se emocionar com a lágrima que surge. Nessa hora Vinícius de Moraes diria que: “As águas turvas contêm às vezes as pérolas mais belas”. Me lembrei também do quadro que ela pintou especialmente para os 30 Anos da ALAE, uma pérola incrustada na ostra. O quadro foi inspirado em Rubem Alves, um dos intelectuais mais respeitados do Brasil que revelou suas próprias experiências de vida em “Ostra feliz não faz pérola”. Os meninos e meninas especiais da ALAE nos levam a conhecer novos pontos de vista sobre a vida. Marilda queria encantá-los e incentivá-los, pois concordava com o autor que pessoas felizes não sentem a necessidade de criar. O ato criador, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor ou de uma curiosidade.



Realmente, é as vezes no silêncio da manhã com um café quentinho na xícara que a gente pode escutar os sinais da natureza e captar as batidas das asas da borboleta azul. Para meu pai a saudade da companheira Marilda é como um buraco sem fim; vimos seus olhos se avermelharem e marearem. Momentos de nossa imensa empatia. Especialmente quando a noite chega e a vida na cidade acalma, percebe-se a solidão imensa, e nada e ninguém pode ajudar. As vezes sair de casa só o distrai um pouco, de volta ao lar a rotina ficou sem graça.

Mil vezes a rotina pesada do cuidador do que a calma da ausência. Uma falta que a gente entende, e também sente.



Um dos objetivos deste livro é justamente desviarmos o pensamento de nossas emoções e dedicarmos um momento à nossa mãe, amiga e família que nos trouxe a este mundo, que cuidou com carinho de cada um de nós e que moldou nossas vidas, nossas mentes e nossas jornadas para chegarmos onde estamos.

Ela cumpriu sua missão e agora descansa em paz, pois sua luta, suas atitudes e suas expressões estão marcadas nas nossas memórias e corações. Momento de agradecer seu amor, seu carinho e dedicação que levaremos por toda parte dentro de nós.

Meu pai, “magrelo”, “linguiça”, sempre nos lembra de todos os detalhes e declarações da borboleta azul: “Gosto da minha casa..., quero melhorar..., quero ganhar músculos..., quero ficar alegre. A Marilda sempre foi a grande companheira de meu pai, que “brincava” do jeito dele, que ela era muito “braavvaaa...!!!!”, mas era amigona.



Já sem muita mobilidade, lá do ateliê, a mãe ficava observando os gerânios, as abelhinhas polinizando o manjeriço e as rolinhas fazendo ninho na árvore. Ela afirmava que o lar e a pátria são os lugares onde as pessoas não precisam estar sempre se explicando, são locais como refúgios onde existe o sentimento de pertencimento é claro. Ela estava em paz em sua casa.

No aniversário da minha avó Lygia, lembramos em tom de brincadeira, que se não fosse a proteção dela, o marido "Geraldão", empresário, Tupy Carijó doente, teria expulsado Sérgio, o Periquito do Sport. Quando jovem meu pai era um "moleque do São Roque" que, como pretendente, queria "roubar" a Princesa Marilda do Sr. Geraldo. Meus pais contavam que tinham boas lembranças da época do sítio do Geraldo na Nova Califórnia, hoje Parque Municipal. Lembra com saudades dos tempo de namoro com a Marilda quando trocaram muitos sonhos debaixo dos bambuzais.



Quando encarnada de poetisa e filósofa Marilda gostava de lembrá-lo que ele não precisava ser o protagonista e que era pra ele lembrar dessa frase. Ela repetia que era perigoso não reconhecer os perigos da adoração do super-homem. Para ela nada era mais impróprio do que desejar ter sempre razão e que isso constituía expressão de autodefesa, algo que ela como filósofa se interessava exatamente em demolir.

Nada é tão contagioso como o exemplo. Por isso as frases populares “filho de peixe, peixinho é” e “a maçã sempre cai perto da macieira”; então “filho de filósofo, filósofo é”. De alguma maneira todos somos filósofos e questionadores, lembrava minha mãe. Mas a maior prova da importância da Marilda pra todos nós é a falta que ela nos faz.



Quando meu pai, brincando do jeito moleque dele, perguntava a ela se ele era seu querido, ela devolvia: “meu Amado”.

Mas voltando ao protagonismo. Minha mãe insistia para que o marido não se vangloriasse muito, porém lembro-me também das histórias sobre minha mãe. Ela casou-se na Matriz Nossa Senhora do Rosário, no bairro Granbery, pertinho de onde moravam na Rua Santos Dumont, porém a jovem Marilda não queria um casamento normal. Queria entrar como princesa e chegar direto no altar, mas como naquela época o primeiro banco era inteiriço, minha mãe tanto insistiu com o pai marceneiro que ele mesmo se incumbiu de serrar o banco da igreja ao meio para satisfazer o desejo da filha.



Minha mãe gostava também de explicar filosofias de vida e que era para meu pai escolher onde colocar a vírgula na seguinte frase: “Curta, a vida curta. Ou, curta a vida, curta”. Na época meu pai morria de rir com as tiradas da esposa. Mas a primeira páscoa sem ela chegou, e a casa que tinha sido o centro do “matriarcado” da Marilda, agora estava vazia. A tristeza e saudade fazem parte dos primeiros anos da ausência, é que pela primeira vez a pessoa querida não estará presente nas datas simbólicas. Não dá para evitar o assunto. É uma emoção que vem instantaneamente e de repente... e então... Não tem jeito, as lágrimas escorrem de saudade. Guenta... coração...

Depois da morte de minha mãe - e muitos da família certamente passaram por momentos iguais - fingimos que não estamos nem ligando de nos emocionarmos quando encontramos as pessoas e “o assunto” Marilda surge e temos que conversar. Mas toca o barco...



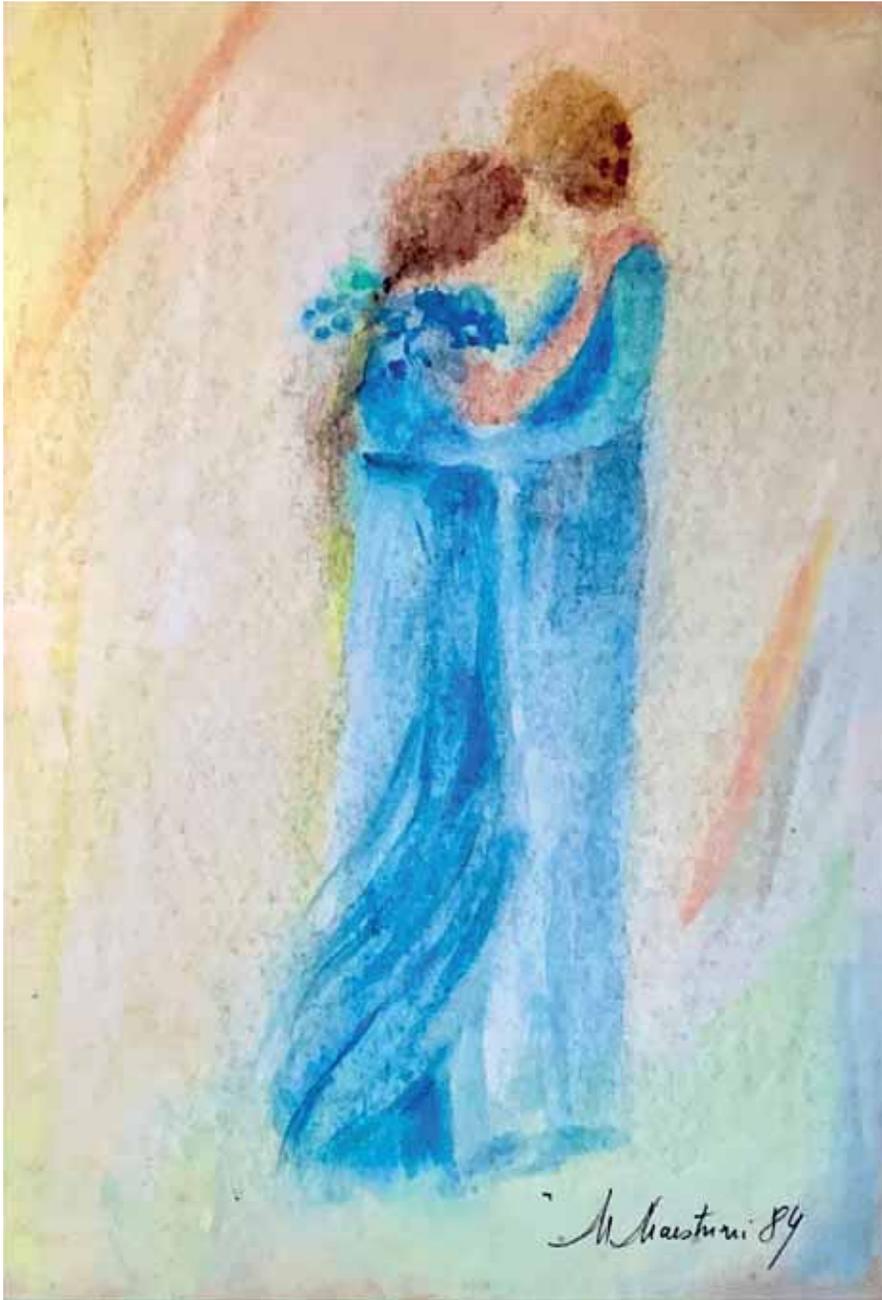


Lembro de meus pais conversando que a vida deles sempre foi um sonho... namorar... casar... andar com os 4 "patinhos" ... curtindo tudo... minuto a minuto. Gostavam de lembrar com a ajuda de fotos como eles tiveram uma bonita história. No resumo ficam as lembranças positivas, diria minha mãe filosofando.

Aprendemos com meus pais desde cedo que os medos básicos são sete: medo de ficar pobre; medo de perder condição social e profissional; medo de perder o amor; medo da doença; medo da velhice; medo de ficar fraco e medo da morte. Mas logo a vida vai buscando a gente nas primeiras ocasiões sem a mãe Marilda, pois nos lembramos que tudo continua parecido, mas a história estava muito melhor com a presença carinhosa dela. Na verdade todos pensávamos que ela ainda viveria mais dois ou três anos. Mas a doença ELA é implacável.



Lembrei das conversas com minha mãe. As vezes eu contava pra ela que tinha medo que as coisas não saíssem como eu esperava e tinha medo de falhar. Porém ela com um carinhoso sorriso de mãe me lembrava que não era para ter medo, pois as coisas nunca saem mesmo como o esperado. E completava: "assim é a vida meu filho".



O que conforta a saudade é aprender com a natureza nos mostrando que todas as vidas terminam, como as das Rosas e das Borboletas.



Hora de enxugar, ou curtir, as lágrimas mornas que escorrem pela face, pois a vida insiste em continuar. O casal de passarinhos rolinhas que minha mãe gostava de apreciar já está chocando de novo na forquilha da moringa, o tomateiro voltou a produzir, limões gostosos e pitangas brotam no jardim que ela tanto cuidava.



Temos que aceitar porque ninguém entende o plano de quem criou o mundo. Se é que existiu “um criador”, filosofaria minha mãe. Só sabemos que também partiremos, só não sabemos o dia, completaria a filósofa. Mas uma coisa é certa para quem conheceu a Marilda, todos levaremos a saudade dela até a nossa própria viagem final.

Nesse momento ouço a voz de meus pais dizendo: “tá bom, agora chega de filosofia”, vamos tomar um café que não sou eu quem vai determinar a minha ida para Passárgada.

No meu aniversário de 50 anos tive uma ideia e um desejo: colocar uma tela em branco e deixar muitas tintas para que os convidados produzissem uma obra coletiva. Não sei de onde eu tirei essa ideia, mas minha mãe e minha esposa adotaram imediatamente a ideia e prepararam o cavalete, as tintas e a tela. Foi uma experiência deliciosa e cada um me presenteou com uma pincelada. Foi um momento de artista que experimentei; uma pequena luz e poder imaginar o que era a cabeça da minha mãe, artista 24 horas por dia, nessa energia.



Um sentimento de pressão no coração re-aparece quando me lembro que a mãe falava que “com a falta de mobilidade pela doença, parecia que estava num quartel”.

*Com essas lembranças as lágrimas quentinhas
escorrem e eu decidi nunca mais enxugá-las, pois
sinto no calor das lágrimas o calor das mãos de
minha mãe.*

Ela dizia que tinha hora pra tudo, hora disso, hora daquilo e hora de se alimentar. Na verdade era só a impotência dela pela falta de mobilidade e independência. Mesmo com o carinho dos cuidados e das comidinhas do Sérgio, os cremes de moranga, a farinha láctea, os sucos de frutas, os iogurtes e o café da tarde com torradas e requeijão, mas tudo já era de difícil deglutição. Não faltava dedicação, porém era um sacrifício para que o corpo pudesse achar uma saída para aquele “perrengue”.



A fase final da vida da mãe Marilda foi de muito carinho e meus pais não tiveram medo de conviver com fisioterapeutas, fonoaudiólogas, massagistas, acupunturistas, dentistas, médicas, neurologistas etc na busca de aliviar o dia a dia. Receberam demonstrações de carinho, “de amor verdadeiro” de tanta gente.

Os filhos e netos relembrou das experiências com os avós: do trem na varanda, da reserva técnica, das batatas no clube, das idas à praia e tantos outros momentos. Meu pai fez de tudo que ele sabia para proporcionar para a mãe momentos alegres nessa fase ruim que ela passou nos últimos tempos. Hoje eu entendo quando ele fala que foi a melhor fase:

afinal eu pude viver o verdadeiro amor, que foi a entrega total e renúncia.



Aí chegou em 2021 o primeiro natal sem a mãe, mas meu pai manteve, “conforme instruções etéreas da Marilda”, que sempre cuidou de tudo com carinho, a tradição de um Natal em família. Montou o Presépio e Árvore de Natal. Nesta saudade, cada bola que ele pendurava na árvore, era uma lágrima que caía. Muitos com certeza ainda se lembram dos Natais da casa da Vó e “Bivó” Marilda. Eytcha emoção...



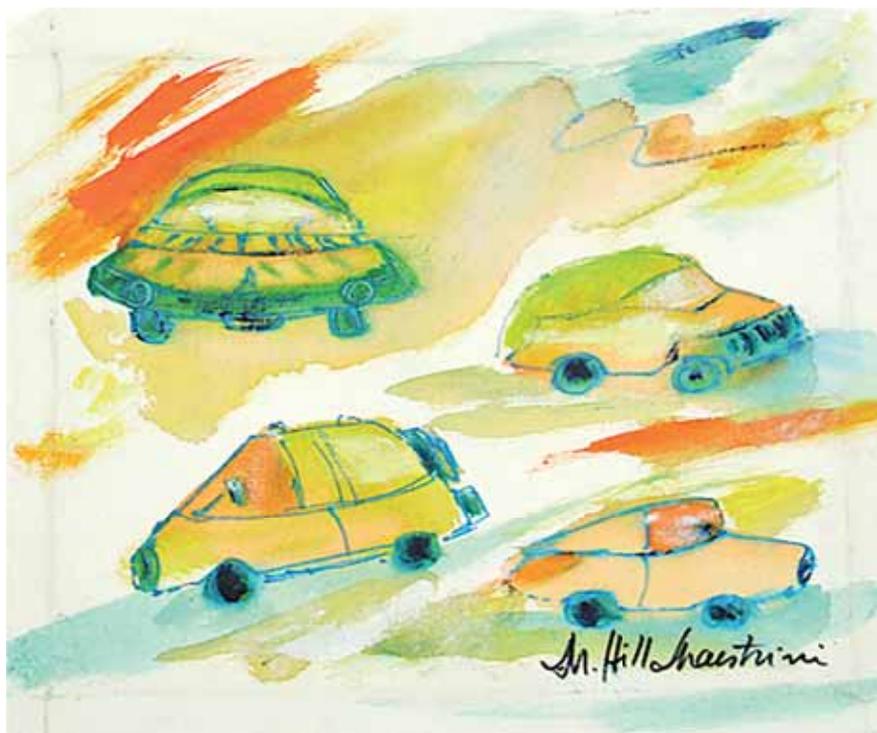
Onde quer que esteja, com certeza nossa querida Marilda estará feliz. Nos dias 24 de dezembro sempre foi dia de comemorar a “virada” da noite de Natal e também de lembrar do meu aniversário e as lembranças das histórias do “menino Alexandre”, que nasceu em pleno Natal e foi requisitado pelas enfermeiras da Santa Casa de Misericórdia para ser o menino da “manjedoura”, na Missa do dia 25, na Capela do hospital. Verdade ou estória, o fato é que a mãe falava isso com orgulho, sapequice e com uma felicidade enorme.



Quando começamos a olhar as fotos do passado, a gente se avalia pelo olhar do outro pra gente. Olhar que agora na ausência dela faz falta para todos nós, é o reconhecimento, o olhar de aprovação, de bronca, de carinho etc. A perda de uma pessoa tão importante é como estar dentro de casa sem o telhado, sem a proteção materna. Mas aos poucos fui percebendo que ela sempre está ao meu lado e que na verdade ela agora nos incentiva a ganhar o céu.

Captei a sua mensagem, amada mestra!

Lembro de outra frase dela que é i-mortal dentro de mim; ela contava que um velho ditado africano dizia que: “quando um velho morre é como se uma biblioteca se queimasse”. É exatamente assim que nos sentimos com a partida da nossa querida mãe Marilda, uma rica história e fonte de sabedoria seguirá nos inspirando sempre.



Mas para os familiares mais próximos permanecerá difícil ainda por uns tempos. Outro dia, quando uma pessoa conhecida me viu passar no supermercado e perguntou: “onde anda a sua mãe Marilda que eu não vejo há muito tempo? Ainda está pintando?” São situações típicas nas quais a gente ainda não sabe como ficar calmo e responder. Sei que fugir desses encontros não é a melhor forma de lidar com a situação, mas o emocional ainda ficará por muito tempo fragilizado.



A sensação de i-mortalidade não é só para parentes. A saudade ainda vai acompanhar para sempre amigos e conhecidos. Mas como é bom lembrar de todos os tempos. Nossa guerreira mãe, esposa, amiga, tia, avó, bisavó conheceu todas essas fases da vida. Foi um privilégio, mas não foi fácil sentir que a vida já estava caminhando para a “partida”. Ela comentava com tristeza e sentia muito que o corpo se acabava aos poucos e já não respondia ao comando da vontade dela.

O frustrante é que para uma pessoa estética ela já não via no espelho a menina, a moça, a mulher linda que encantava a todos. Muito vaidosa, pedia sempre que a querida sobrinha Mônica Hill pintasse o cabelo dela e a ajudasse a escolher umas roupas bem bonitas.

Como diria Martha Medeiros, trancar o dedo numa porta dói. Bater com o queixo no chão dói. Torcer o tornozelo dói. Um tapa, um soco, um pontapé, doem. Dói bater a cabeça na quina da mesa, dói morder a língua, dói cólica, cárie e pedra no rim. Mas o que mais dói é a saudade.

Foi muito querida por todos e uma bonita história. I-mortal.







A ARTISTA PLÁSTICA

Brasileira, artista plástica é licenciada e bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (janeiro de 2001 e junho de 2005). Especializada em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter de Porto Alegre. Entre gravações em couro e metal, pintura a óleo e pigmentos, esculturas em bronze, desenhos para balé e escolas de samba, destacou-se como aquarelista.



Marilda fez instalações, usou tinta acrílica, colagens, terras naturais e diversos materiais em sua experimentação e produção artística. Participou de salões, leilões de arte em vários pontos do Brasil, de Projetos Nacionais e Mineiros. Recebeu em sua carreira artística 5 medalhas de ouro da Sociedade Brasileira de Belas Artes e seu nome e trabalho foram catalogados no Anuário de Artes Plásticas Brasil 1990 - seu mercado e seus leilões de Júlio Lousada, nas páginas 101 e 659 - volume 4.

Na apreciação do crítico Walmir Ayala era considerada uma promessa de revitalização deste ramo da arte.



Pintura, instalação, música e contação de história alinharam um dos últimos projetos da artista. Com o título de "festadodivino.com.outro.olhar", Marilda levou centenas de crianças e adolescentes ao Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM), na Galeria Heitor de Alencar. O objetivo foi promover um novo olhar sobre uma das festas mais tradicionais do catolicismo popular, o culto ao Espírito Santo, introduzido no Brasil pelos colonizadores portugueses.

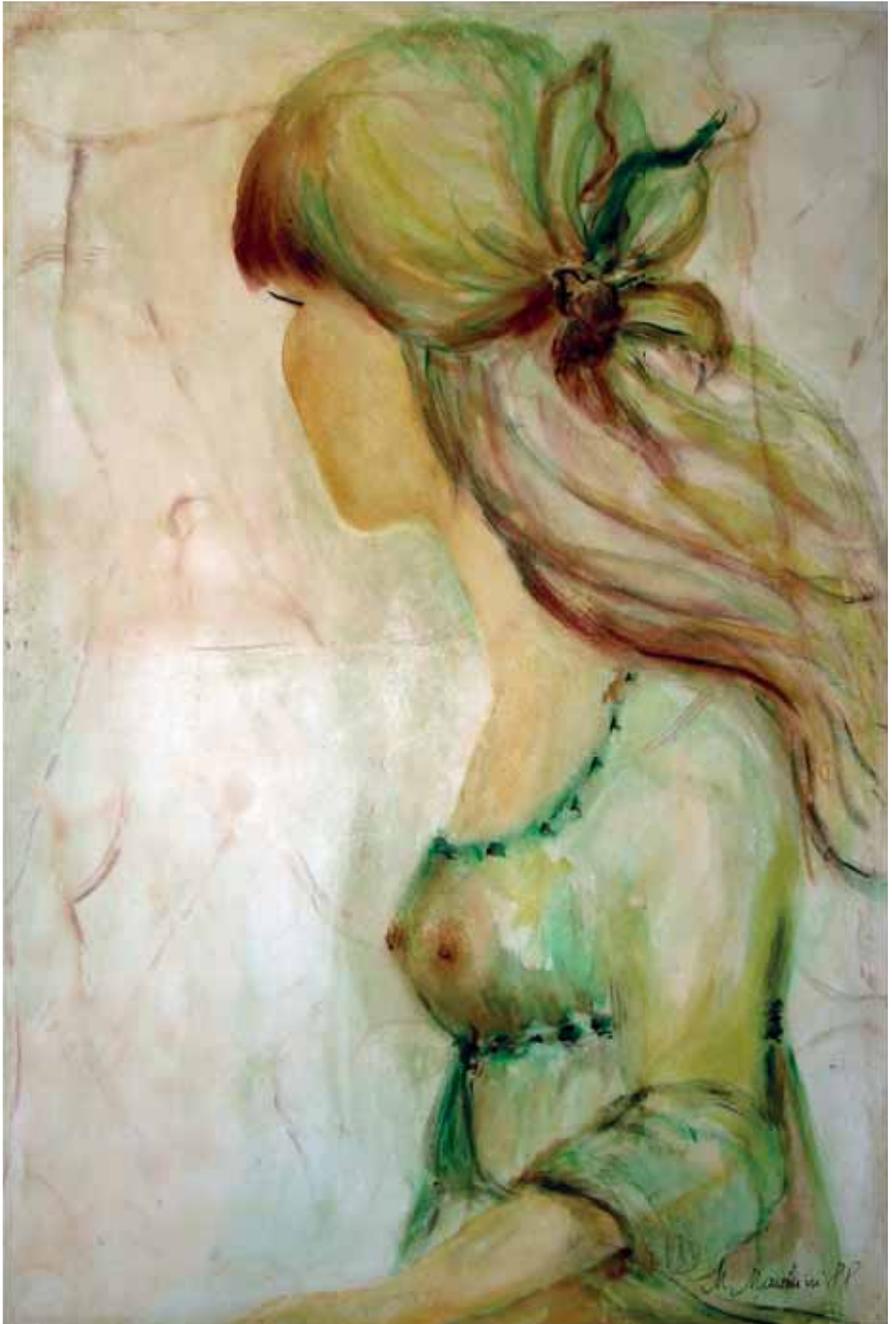


A ideia dela é que, através de símbolos e da arte, as crianças conheçam a Festa do Divino tradicional. No entanto, ela quis ir mais longe apresentando pinturas em técnica mista, nas quais apresentou o Divino enfeitado com elementos que remetem à brasilidade, como bananas e um cocar indígena. Para apoiar a repaginação da memória histórica e estética, a artista plástica teve apoio do músico Leandro Gouvêa e da contadora de história Luciane Garrido. Ela dizia que:

“Não gosto de me prender apenas à esfera acadêmica, quero desafiar o visitante a pensar”.

Eram grupos de 30 crianças em média, para contar a tradição da Festa do Divino e apresentar músicas que remetem ao festejo, inteiramente gratuita. Na exposição ela colocou um quadro cujo objetivo foi promover a reflexão dos visitantes. Trata-se de uma obra aberta, pintada em preto e branco, que deveria ser interpretada pelos estudantes.







FOI-SE UMA PROVOCADORA.

O VOO DA BORBOLETA



Por que uma borboleta? A borboleta azul é o puro símbolo da mudança e renovação, são criaturas encantadoras, bonitas e úteis na polinização.

Não por menos é que as amigas de infância Marilda Hill e Maria Carmem Rocha Neiva usavam este símbolo como um segredo entre elas, uma linguagem codificada. Para muitas dessas criaturas são verdadeiras mensageiras espirituais e transmissoras de recados importantes. Ela representa a sabedoria universal, a metamorfose ao longo da vida e as transformações físicas e relacionadas ao pessoal.



Um símbolo vivo desde a infância delas, mas que neste momento lembra a saída do casulo da minha mãe para um voo espiritual. Para mim, a borboleta azul se tornou não só o símbolo da transformação, da mudança e da renovação, mas também do recomeço, da beleza, da felicidade, da efemeridade da natureza, da proteção, das boas energias, da certeza da vida passageira e da i-mortalidade.

Quando falava sobre a felicidade e plenitude minha mãe citava Victor Hugo:

“A suprema felicidade da vida é ter a convicção de que somos amados”.

Apesar de toda uma vida de conforto, a alma inquieta de Marilda sempre tendia para o questionamento, que as vezes beirava a frustração. Lembro-me de ter lido o que ela mesmo escreveu sobre suas frustrações e filosofias pessoais: “parecemos felizes,

festejamos, bebemos, temos espetáculos, músicas, meios de comunicação fantásticos e uma globalização que não diminuiu as frustrações das necessidades básicas: alimentação do corpo, da alma, do intelecto”.



Meu pai conta que ela gostava de usar um cordão com um pingente da Nossa Senhora de Fátima. Para os cristãos como minha mãe, a metamorfose da borboleta tinha ligação com as fases de vida, morte e ressurreição.

Marilda acreditava que os nossos anjos da guarda, nossos guias espirituais ancestrais, vinham também se comunicar conosco por meio das borboletas. Neste sentido, aprendi com a partida dela a apreciar cada aparição de uma borboleta azul no nosso dia a dia no sítio onde moramos. Atualmente interpreto cada borboleta azul que vejo como uma visita dela e o sonho da “reencarnação”.

Também no momento do falecimento da minha mãe, pensei numa borboleta azul, que completou seu ciclo na terra e voou belíssima, livre e solta. Será que isso é uma forma de me auto consolar? Com certeza!

Marilda teve uma vida privilegiada, pais e familiares que cuidaram dela com carinho e depois um marido parceiro que dedicou-se a ela a partir do momento que a conheceu. Mas mesmo com toda proteção e amor, a natureza da minha mãe era de investigar seus anseios, se aperfeiçoar sempre e lutar por um mundo mais justo e igualitário. Outra herança dela que eu levo imortal dentro de mim.



Para conhecer essa fase de inquietações da Marilda foi preciso que eu revisitasse os escritos dela. Não menos doloroso foi abrir a caixa de escritos da minha mãe, uma verdadeira caixa de pandora que meu pai guardava no armário com a placa: “imexível”.

No início os escritos ficaram guardados no meu escritório e eu receava em abrir e sentir as emoções e as saudades ao reler suas memórias, cartas, cartões e outros papéis. Porém a ideia deste livro foi escrever minhas próprias memórias e intercalar com partes dos seus rascunhos, pensamentos e vasculhar minhas lembranças com ela. Em seus desabafos minha mãe dizia que:

Tudo o que conta é aquilo que na vida podemos falar.

E o que não podemos falar?

Temos que engolir a seco?





Desde o início da doença, minha mãe recebia constantemente visitas das irmãs Maria Izabel Hill Fávero, Carmen Lucia Hill e He-loisa Gouvêa Hill, também das sobrinhas e sobrinhos, das netas e do neto e bisnetos e bisnetas, e muito mais. Ela esteve todo o tempo cercada de carinhos e cuidados.

No último ano de vida, minha mãe ainda foi uma artista completa, pintou um quadro com tintas acrílicas especialmente para decorar nossa casa. Uma bela despedida com veleiros no mar em tons de azul cinza que ganhamos de presente. Um das suas últimas obras, já com a mão sem muita força, foi uma aquarela com um par de an-túrios.

Com setenta e oito anos, minha mãe antes de falecer, na madrugada de 2 para 3 de setembro de 2021, tinha recebido a visita médica que a tranquilizou que tudo estava em ordem e assim relaxou.

No fim da dia 2, com a ajuda constante do Sérgio, ela se preparou para uma noite como todas as outras. Tudo parecia normal. Às 23 horas pediu apoio para se deitar confortavelmente no sofá da sala, já que meu pai precisava sair.

Ela deixou escrito um último, belo e carinhoso bilhete, uma das poucas formas de comunicar que ainda lhe restava:

*Amor,
Me deita aqui
até você chegar.*



Sérgio relaxou ao ver que a Marilda, com os óculos escuros, lia os Whatsapps de toda a família e assistia tranquilamente televisão e saiu para comprar os remédios que a médica pediu. Na volta viu que Marilda tinha adormecido, como sempre fazia, ali mesmo, no sofá da sala. Ele também se deitou e adormeceu.

Minha mãe sempre repetia que gostava muito da casa dela e teve o privilégio em seus últimos momentos de adormecer e deixar eternamente o corpo físico, abençoada e sem sinais de sofrimento. Como ela sabia que Buda tinha falado que: "você está onde precisa estar. Apenas respire", a borboleta azul decidiu simplesmente relaxar, parar de respirar e se transformou, deixando o casulo terreno. Como uma pomba voou para a liberdade em direção ao Espírito Santo.

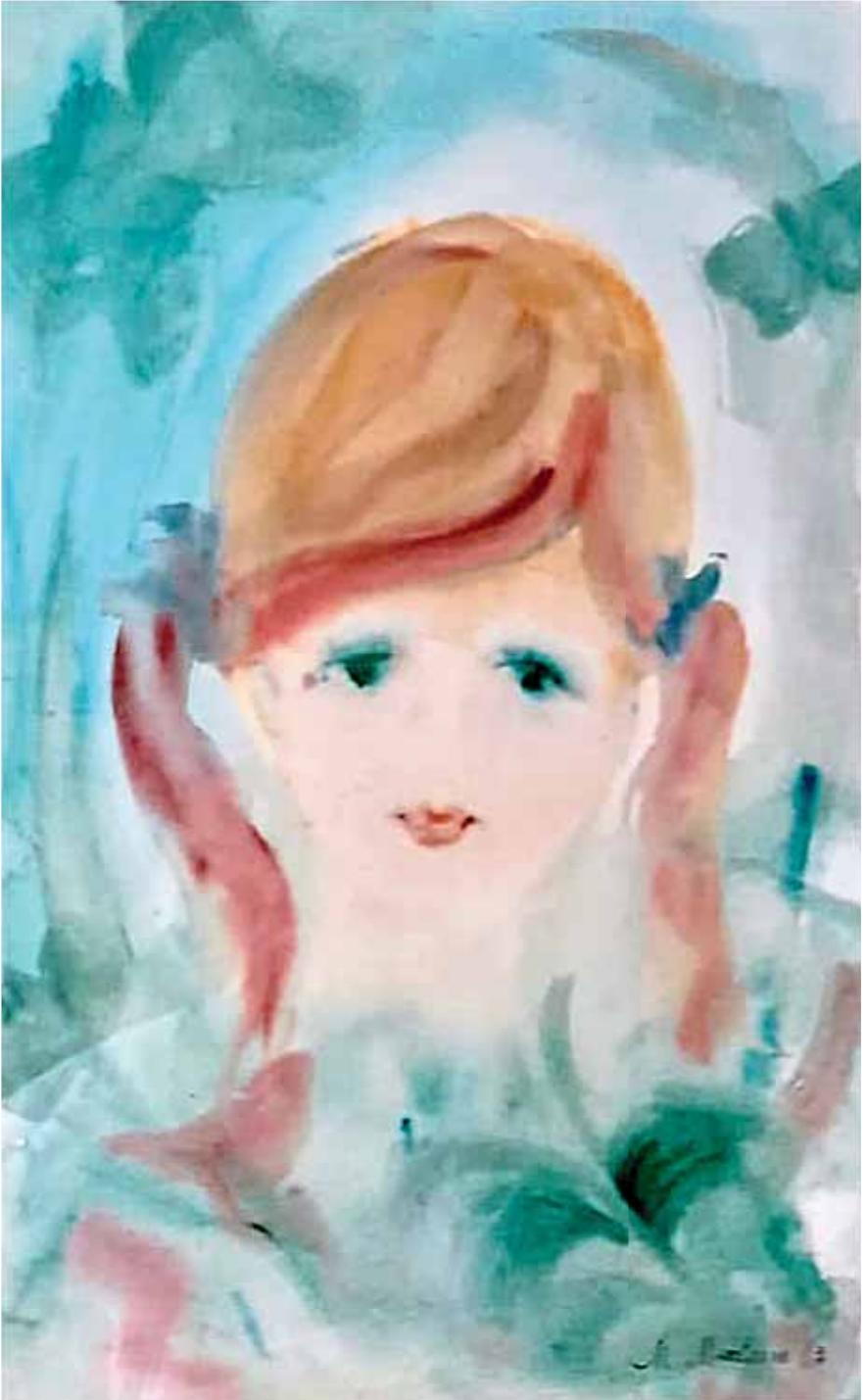
















ÚLTIMA OBRA DE MARILDA

DOAÇÃO PARA CURA DA ELA



Se você leu este livro e chegou até aqui, sentiu com certeza a importância dos familiares e os sofrimentos da Marilda com uma doença AINDA incurável. O investimento para a pesquisa das causas da ELA, os apoios aos pacientes e familiares e a busca de cura são imensos, porém doadores espontâneos como você podem ajudar a financiar a pesquisa. A Associação Pró-Cura da Esclerose Lateral Amiotrófica – ELA, é formada por pacientes, familiares, cuidadores, amigos de pacientes e profissionais da saúde ligados diretamente a ELA.
<http://www.procuradaela.org.br>



Esta obra foi financiada com a herança da própria Marilda. Seguindo seus ensinamentos, todo o dinheiro arrecadado na minha conta receberá o carimbo DOAÇÃO PARA CURA DA ELA – LIVRO MARILDA e será entregue integralmente para a Associação Pró-Cura da Esclerose Lateral Amiotrófica-ELA. Faça sua doação:

Alexandre Müller Hill Maestrini
CPF 741.913.737-49
IBAN BR8400000000038570000233943C1
Banco do Brasil (001)
Agência: 3857-1
Conta Corrente: 23394-3
PIX 32988655253 (QR-Code)
Valor mínimo sugerido: R\$ 100,00

PARTE II

A SUTIL ARTE DE DOMINAR

A ARTE DE DOMINAR

Autora Marilda Helena Hill Maestrini

Adaptação Alexandre Müller Hill Maestrini

O problema da dominação se encaixa perfeitamente nas propostas do saber filosófico. Voltaire acabou provocando o seu próprio exílio, mas foi fundamental para que tantos outros viessem depois, já que instaurou a dúvida nas leis que originam as desigualdades sociais.

Voltaire preparou a mente humana para a liberdade.

Friederich Nietzsche afirmava que: “devemos amar a vida de forma a querer voltar a vivê-la, porque, efetivamente, tudo volta a repetir-se eternamente. Este amor eterno com a vida proporciona ao homem o meio de se superar continuamente”.

Já Hannah Arendt se posicionou em estar sempre em estado de alerta para impedir que as formas de construção de um estado de dominação se concretizem. Não basta nos colocarmos nas mãos de outros, precisamos nos responsabilizar até pelos danos que permitimos em nós, ou os que governantes permitem que sejam impostos ao seu povo.

O que me deu suporte para continuar a pesquisa sobre em que condições o homem é um ser livre foi a nossa sensibilidade face às palavras de Hannah Arendt: “que o novo sempre aparece em forma de milagre e que a realização do impossível tem também algo deste

milagre. Acreditamos que o que se deve esperar é o inesperado e saber lutar pelo infinitamente improvável”. Os problemas que foram levantados por Arendt são de tal modernidade e com vários pontos ainda não solucionados. É como se entrássemos num redemoinho e fôssemos dando voltas, cada vez mais profundas.

O totalitarismo é avesso à democracia.

Segundo ensinamento de Karl Popper o que distingue um governo democrático de um não-democrático é que apenas no primeiro os cidadãos podem se livrar de seus governantes sem derramamento de sangue. O adversário político deixou de ser um inimigo que deve ser eliminado e passou a dispor da possibilidade de chegar ao governo.

Temos o ideal da não-violência, mas J.J.Rousseau reconhecia as dificuldades de se ter democracia direta sem os jogos do poder. Nem por isto devemos deixar de sonhar com a presença mais constante do povo nas decisões de interesse coletivo.

A doutora Nise da Silveira em 1942 abriu horizontes para o tratamento de pessoas consideradas loucas mas que somente são vítimas de problemas sociais. Os hospitais psiquiátricos estão repletos e a hipótese lançada aqui é que muitos internos não precisariam estar lá.

Para ser explorador tem que se ter um sonho. Eis aqui a terceira etapa das minhas andanças filosóficas.

Queria poder chegar ao fundo da questão da plena realização das potencialidades individuais dentro das condições humanas. E isto é só um começo, aprendi nestes anos de estudos filosóficos que é preciso fazer a pergunta certa.

Conheci o trabalho enérgico, filosófico, político e comprometido em propor soluções de Hannah Arendt. O truque é jamais desistir. O medo de saber e sabendo ter que tomar atitudes, de mudar, paralisa.

A MOTIVAÇÃO

Hannah Arendt têm amplo material reflexivo filosófico sobre a forma como os fatos sociais de totalitarismo, imperialismo, racismo, manipulação das mentes humanas era evidente, mas ignorado. Ela detectou uma série de indícios e apontava-nos para os prováveis germens geradores de drásticos conflitos sociais no início do sec. XX.

É difícil entender suas obras “As Origens do Totalitarismo” ou “A Condição Humana”, ou ainda, a reportagem para a revista New Yorker sobre o julgamento de Adolf Eichmann, sem conhecer as circunstâncias históricas, sociais e econômicas da época que a levaram a conceber seus livros e reportagens.

É muito diferente de ler ou refletir sobre eles a posteriori. É preciso não só “ler” a nossa “História” desde a Grécia clássica, mas compreender que muitas dominações são baseadas em costumes e leis que perderam-se no tempo, mas que são lembradas para imposições atuais. Hannah perseguia resultados utilizáveis no seu mundo. Ela admitia que: “é verdade que a maioria dos homens é constituída por rebeldes; e mais verdade ainda é o fato de que nem todos estão dispostos a superar o conformismo”.

O filósofo de Voltaire tinha preparado a mente humana para a liberdade e para questionamentos como se dão as formas de dominação, sua presença nos dias de hoje e os mecanismos reais para um posicionamento de “des-dominação eficaz”.

Os trabalhos de Hannah Arendt e de H. Marcuse são propostas de como se preparar para viver livre de dominações, além do trabalho de Alex Osborn sobre o poder criador da mente. O tema de Domenico de Masi sobre o “ócio criativo” colocou em “cheque” a sociedade com suas concorrências, em que tempo é dinheiro. Ele dizia que:

“É preciso aproveitar o ócio para despertar a criatividade”.

Estes muitos e outros trabalhos ajudam a seguir alinhavando ou desatando “nossos próprios” nós.

SOBRE O GÊNERO HUMANO

Quantos sabem das palavras contidas na carta de direitos humanos? Será que a categoria de Gênero Humano nos permite pensar as bases mínimas de um direito de humanidade muito anterior à diferença entre fiéis e infiéis, entre cristãos e gentios? Um direito que nos permita romper com a divisão estabelecida por Aristóteles, segundo ele: “Os homens nascem livres e iguais. Não há escravos por natureza. Por direito natural e por direito dos povos, ninguém pode privar seus semelhantes de seus direitos”.

O mais importante na vida é, segundo o positivismo, aquilo que na vida podemos falar e nosso caminho nos leva ao que devemos falar. O que mais contou para mim neste trabalho é não só “escutar os silêncios”, mas fazer falar os hiatos da História. É dar atenção às “histórias e fatos vistos por baixo”, na visão dos derrotados, detectando onde e quando as condições sociais e as leis, o institucional, geram conceitos de certo e errado, fazendo ser legal e não o é.

Em seus escritos “Rápida Utopia”, o diagnóstico de Umberto Eco é curto: respiramos neurastenia e vivemos em busca de uma cura para o nosso mal. E completa que:

“Quanto aos bárbaros, não precisamos esperá-los nos portões. Eles já estão perto de nós”.

Nosso século está doente, carregado de saberes fragmentados, incapaz de reconhecer seus inimigos. Tudo em altíssima velocidade. A um ritmo de estresse. O século do triunfo tecnológico foi também o da descoberta da fragilidade.

O SILÊNCIO SOBRE AS MULHERES

Desde a chegada da esquadra de Cabral à costa brasileira, até quase duzentos anos depois, não há menção do nome de nenhuma mulher em nossa história oficial. Há referências a paixões de europeus por índias, aos contatos voluptuosos com mulheres exóticas.

Vieram muitas órfãs para formar a família brasileira constituída de pai soturno, mulher submissa e filhos aterrados. Chegaram as prostitutas, as feiticeiras, as adúlteras e as negras para a escravidão e para o ranger dos catres. Vemos a mulher fazendo pudim, mulher parindo, o comportamento da mulher controlado nos seus atos mais recônditos.

Era interdito à mulher a posição oposta à superioridade ativa dos machos.

Pelas normas do Santo Ofício, o receituário escolástico e a Inquisição formaram algumas das características de introversão da "mulher-doçura" e marcaram em todas elas a noção de serem a causa do pecado no mundo. E muitas sucumbiram sob o peso desta maldição "divina". O diabo, o demônio toma várias formas nos ensinamentos religiosos e em nenhuma hora se questiona o porquê ele é apresentado com forma feminina.

O primeiro nome de uma mulher que aparece na nossa história oficial brasileira, excetuando-se o das rainhas que já nasceram com o direito de menção histórica, foi o da escrava forra Chica da Silva. A história diz que seu poder de mando se deveu ao fato de ser amante do contratador nas minas de ouro. Não há divulgação histórica de seu valor como Brasileira que conseguiu tomar para si o poder de um

homem, encantando-o através do afeto e do sexo e de sua presença forte.

Há ainda a marquesa de Santos, cortesã por amor a um imperador que se tornou poderosa, logo repudiada por ele e desrespeitada por todos que antes pretendiam seus favores. Há um pequeno lugar na história para as santas, mártires como Joana Angélica, morta a golpes de baionetas, uma versão nacional de Joana D'Arc. Já para heroínas, como Inez de Souza, que ajudou o marido governador a expulsar os invasores franceses o espaço da lembrança é menor.

Quantas heroínas ficaram no esquecimento por este mesmo motivo? A Princesa Isabel talvez seja a única mulher a quem nossa história permite estar à frente de alguma marcante transformação social. Isto não sem contestações.

Durante séculos não tem havido direitos iguais para seres humanos femininos e masculinos. A presença de inibições da expressão apresenta-se como um meio de calar o que deveria ser dito, o que se torna uma perda. Hoje já podemos conhecer Virgínia Woolf que escreveu um ensaio inesquecível sobre as mulheres e a ficção, com o sugestivo título "Um teto todo seu". Nestes escritos destaca-se um aspecto que parece insignificante mas é essencial:

"A mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se pretende mesmo escrever a sua vida".

Então como se expressar sendo mulher e sentindo medo do desamparo material que todos os seres dependentes sentem?

A FAMÍLIA ESTÁ MORTA?

Certamente que não! Mas a família tal qual herdamos do sec. XIX está realmente em frangalhos. No final eram os donos da ordem social e moral os que apontavam para esta decadência muito mais por temor da emancipação das categorias dominadas como os operários, jovens, mulheres, aqueles que sempre foram mão de obra disponíveis e quase nenhuma despesa.

Mas, sejamos sinceros: com qual tipo de família estamos prontos para romper? A família nuclear, monógama, patriarcal, uma família que herdamos do sec. XIX, investida de um grande número de missões aparentemente justas?

Esta família celebrada, santificada, fortalecida, é também uma família dominada pela figura de um pai sobrecarregado e convencido de que pode e deve ser todo poderoso até que um infarto o pegue.

Da família, o patriarca é o protetor da honra; e dando-lhe o nome torna-se o chefe, o gerente. Encarna e representa o grupo familiar e seus interesses sempre prevalecem sobre as aspirações dos membros que a compõem. Mulher e filho são rigorosamente subordinados, vigiados seus atos por serem confundidos com incompetentes. Permanecem “des-consideradas” como pessoas psicológica e socialmente estagnadas. A esposa destinada ao lar, aos muros de sua casa, e à uma fidelidade absoluta e imposta, cria filhos que submetem suas escolhas profissionais e amorosas às necessidades familiares, que, na maioria das vezes, não são as suas próprias.

Para as moças, vigiadas de perto, não existem muitos caminhos. Costumam sair de uma dominação para a outra: casa, filhos,

parentes, agregados. Neste quadro, as infidelidades masculinas e femininas sucedem-se como meio de desfrutar um pouco de individualidade e, não raro, como meio de desagravo próprio pela infelicidade diária da vida conjugal baseada em coerções.

Os próprios meios operários reconheceram o direito ao trabalho feminino fora do lar, não para levá-las a uma independência pessoal, considerada perigosa, mas em função do sustento dos filhos ou de necessidades da vida familiar. A pessoa não importa. Por estes motivos de dominação sutil que se baseia em costumes caducos a livre disposição de seu corpo de seu ventre e de seu sexo, tornou-se no sec. XX uma reivindicação prioritária feminina.

Na verdade o que as mulheres conquistaram foi um “direito” de dupla jornada de trabalho, no lar e na rua, quando os contingentes operários já reivindicavam melhores salários e menos horas de trabalho. Uma situação que nos parece bizarra: trabalhadores marchando para o direito de descansar mais horas e as trabalhadoras marchando rumo à dupla jornada de trabalho.

Ainda há domésticas que preservam um molde da nossa escravidão: quarto de empregada, elevador de serviço, dormir no emprego, dar lanche e jantar, e disponíveis à qualquer hora do dia ou da noite.

O trabalho doméstico só foi regulamentado para as empregadas domésticas, isto é, as que exercem trabalhos fora do próprio lar. Já dentro do seu próprio lar a mulher tem trabalhado sem remuneração, o que provoca as saídas deste lugar de dominação sutil. E por que isto precisou de acontecer? Para uma libertação de ambas as partes. Isto quer dizer que à mulher é permitido ou imposto uma situação de alienação. Um ser dependente não só é um peso, é inconsequente, infantilizado.

Esta não é a mulher a quem um homem dos nossos dias gosta de unir a sua vida. O sexo feminino é forte, capaz de parir crianças e as conduzir e amar durante anos, afim de que sejam cidadãos de

um mundo tão aspirante de direitos humanos. Então, como preparar outros seres para uma condição se a própria pessoa não conhece seus direitos como pessoa humana?

Rejeita-se o nó, não o ninho. A casa é cada vez mais o centro da existência e oferece um abrigo, uma proteção, um pouco de calor humano neste mundo duro.

O lar é ninho e nó, refúgio caloroso, centro de intercâmbio afetivo e sexual, barreira contra a agressão exterior. A casa é protegida pelo mundo espesso da vida privada que ninguém pode violar, mas, também, secreta, exclusiva, normativa e um palco sem fim de incessantes conflitos no meio do qual nem homens nem mulheres, muito menos as crianças, têm a oportunidade de uma existência feliz.

E as mulheres que não estão no mercado de trabalho, o que é feito delas? Os homens como possuidores milenares destas prerrogativas só não compreenderão esta justa reivindicação se continuarem como dominadores sutis.

Não é a família em si que nossos contemporâneos recusam, mas o modelo excessivamente rígido e normativo que assumiu no sec. XIX.

No terceiro milênio o que se gostaria de conservar da família são seus aspectos positivos: a solidariedade, a fraternidade, a ajuda mútua, os laços de afeto e o amor.

IMPORTÂNCIA DA DES-DOMINAÇÃO

Tempos atrás mães cuidavam de muitos filhos, sem máquina de lavar, secadora e lava-louças. Por que hoje, só com dois filhos, alguém precisa de tanta “tralha” que custa caro? As mulheres daquele tempo trabalhavam muito mais do que qualquer homem hoje. A mulher trabalhava muito e não recebia um tostão a não ser um filho daqui a nove meses. Já o marido se divertia com a cachacinha na esquina, um banho e um prato cheio.

Era o costume e ninguém se atrevia ir contra ele.

Hoje a mulher fala o que pensa e o filho não obedece mais. No imaginário popular, seus valores se expressam de maneira clara nas piadas que tentam legitimar comportamentos que expressam a dominação nas relações. Tudo fica convertido em tom de “brincadeira”.

Roberto da Matta descreve muitas formas de relação, a primeira vista é só uma maneira de ser do povo brasileiro que ele descreve no seu livro “Comer e ser comida”. Os problemas não se apresentam de imediato. São necessários muitos anos, às vezes séculos, para que a “tradição” possa ser questionada depois de muitos danos irreparáveis. Os usos e costumes conseguem o estatuto de verdade muito difícil de ser contestado por quem não reúna argumentos.

Num primeiro momento as desavenças ficam claras quando a reação às dominações sutis ou perversas acontecem. À estas reações são tributadas toda sorte de culpa.

Imerso num mundo da opressão, o ser humano não se dá conta da importância da des-dominação.

À filosofia cabe denunciar, a princípio serenamente, a pretensão totalitária já que o homem contemporâneo está envolto em aceitação de violações de direitos primordiais próprios e de seus semelhantes. Tudo é um jogo.

A dominação tem sido acariciada, contemplada com o estatuto de ser uma necessidade, uma realidade sem volta. Na realidade é preciso saborear uma situação de liberdade consciente e responsável, para que ela tenha força suficiente de ser desejada, disputada. Os que duvidam é porque nunca se dispuseram a pesquisar os motivos de suas doenças, dos seus pesares inconfessáveis.

A aparente fraqueza da liberdade individual se deve ao fato de que há mais dominados do que dominadores. Esta minoria não deseja repartir o poder que exercem. Não percebem que este tipo de mundo, a cada dia mais denunciado, não tem condições de sobreviver. Cabe às mentes dominadas o papel de libertador de si mesma.

SOLUÇÕES PARA DES-DOMINAÇÃO

O trabalho “Reencontro” ilustrou a tese de que a des-dominação pode ser uma realidade. Este trabalho, realizado num tempo aproximado de 4 anos, em Juiz de Fora, teve caráter multidisciplinar e contou com a participação médica, outra efetiva minha como arte-terapeuta e filósofa na iniciativa da psicóloga Íris Pereira, quem iniciou e promoveu o processo.

A etapa que aborda a des-dominação da personagem real Linda Maria é cheia de vívidas lembranças. Linda Maria sofreu várias internações sob a alegação de que precisava ser transportada em camisa de força, e de necessitar do conhecido “sossega leão”, isto é, doses altíssimas de tranquilizantes, para se tornar dócil ao ambiente dos sanatórios especializados.

A família já sem esperanças de cura fez uma tentativa de tratá-la de outra maneira e felizmente a doutora Íris foi a escolhida. Num processo lento e seguro fez desatar os nós sociais dos enormes sofrimentos a que Linda Maria era submetida.

Imagens fantásticas foram produzidas por Linda, através de desenhos e pinturas, para que se tivesse visibilidade das inúmeras dominações que sofria dentro do lar que a deixavam transtornada. Ficou constatado que foram vários tipos de dominação a causa de outros distúrbios psicológicos, físicos e suas consequências que precisaram vir à descoberto e enfrentados como realmente são.

Temos confiança de que muitos sofrimentos impunemente imputados nos relacionamentos deixarão de acontecer se cada membro da sociedade se sentir envergonhado com esta impunidade.

É preciso, para uma ação eficaz de limpeza das mentes que as relações sejam repensadas, que os costumes sejam reavaliados à luz do tempo presente e dos sofrimentos passados.

Outro trabalho acadêmico tão corajoso de des-dominação foi realizado pela especialista em Arte Terapia, Vanessa Fiani Cury, da cidade de Petrópolis. É ela quem assina o trabalho “Reencontro”. Todos os participantes da pesquisa puderam sentir que as dominações sociais sutis ou perversas são capazes de se esconder sob a aparência de doenças incapacitantes, além de deixar seus causadores numa confortável impunidade. Pudemos ver que as relações desorientadas não podem ser controladas num país que permite e aplaude toda a sorte de comportamentos do homem contra si mesmo.

AS ORIGENS DO TOTALITARISMO

Permitamo-nos um salto histórico colocando aqui considerações de atitudes de dominação ocorridas na Europa do princípio do sec. XX. O motivo destas reflexões é por conter o elemento principal, a dominação sutil, que anima estes estudos sobre a arte de dominar desenvolvida sob várias facetas sociais.

A cientista política Hannah Arendt, judia nascida em Hanover (1906) é consagrada como um dos grandes nomes do pensamento político contemporâneo. Em agosto de 1914 irrompe a guerra e Hannah vai com sua mãe para Berlim. Antes do fim do ano os Arendt voltaram para casa. Em 1919 acontece um momento histórico com o assassinato de dois líderes comunistas conhecidos como Rosa de Luxemburgo e Karl Liebknecht.

Enquanto isto Hannah estava sendo instruída de acordo com os serenos princípios goetheanos, que buscavam equilíbrio entre o desenvolvimento interior e relacionamento exterior. Isto implicava harmonia pré-estabelecida do universo entre homem e natureza e entre os próprios homens. É improvável que Hannah experimentasse estes princípios de harmonia homem-mundo.

Hannah Arendt não só abordou o complicado estudo sobre os regimes totalitários, mas teve uma visão crítica de várias questões como a judaica. Doutorou-se em filosofia na Universidade de Heidelberg (1928) e casou-se com Gunther Stern (1929), um jovem judeu alemão de grande inteligência, bondoso, filho de psicólogos infantis muito conhecidos na Alemanha.

Com o marido Gunther Stern, Hannah foi para Frankfurt. Lá teve contato com um grupo que viria a ser conhecido como "A Escola de Frankfurt". Em os membros incluíam Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e o crítico literário Walter Benjamin. Eles muito importam neste trabalho já que pensavam todos que uma socie-

dade capitalista burguesa impunha diferentes tipos de tirania mental a patrões e empregados. Estavam confiantes que uma sociedade marxista daria mais espaço para a imaginação da mente humana.

Quando os filósofos, que sabidamente têm dificuldade em ficar calados, participam de uma conversa, deveriam sempre tentar perder a discussão, mas de maneira tal a convencer o adversário de sua inverdade.

O importante não é ter convicções absolutamente corretas, irrefutáveis, estanques, pois elas inevitavelmente se reduzem a tautologias, isto é, dizer as mesmas coisas só que de modo diferente, mas “insights” que levem a questão de sua exatidão a julgar-se por si mesma.

Foi bem clara a posição, assumida por Hannah, de independência e recusa em prestar contas à hierarquia intelectual, ao elogiar Adorno a respeito de sua liberdade intelectual, uma independência que Hannah manteve durante toda a vida. Mais tarde quando a maior parte do grupo de Frankfurt foi para a América tornou-se claro a convergência de ideias dos dois grupos de filósofos alemães, tendo em vista que os pensadores de Frankfurt voltaram-se contra o comunismo soviético e sua base marxista se tornou mais fraca. Hannah manteve sua individualidade como filósofa social e política, mas é evidente que estes contatos contribuíram para seu aprimoramento.

Quando da ascensão de Hitler ao poder, Hannah deixa a Alemanha. Trabalha em Paris nas organizações de refugiados judeus até 1939. Divorciada, casa-se com o professor de história da arte Heinrich Blucher. Com a ocupação de Paris pelos nazistas o casal parte para Nova York.

Hannah e Heinrich chegam a New York por mar, vindos de Lisboa em 1941. Viveram dez difíceis anos até que a publicação de “As Origens do Totalitarismo” tornasse Hannah Arendt uma pessoa famosa. Sua principal preocupação continuava ser as atribulações e o futuro dos judeus.

Naturalizou-se cidadã americana e escreveu para diversos jornais. Em 1944, fez sua primeira colaboração para o *Partisan Review*, mas Hannah ficou famosa com a publicação de “As Origens do Totalitarismo” em 1951. Para tocar num tema tão polêmico quanto tabu, Hannah precisou de muita coragem.

Como repórter do jornal *New Yorker*, compareceu ao julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém, no ano de 1961 e publicou o livro “Eichmann em Jerusalém”. Ela suscitou polêmicas e foi violentamente criticada ao denunciar o papel das lideranças judaicas no extermínio nazista da segunda guerra mundial.

Hannah afirmou que: “a palavra e a ação, para se converterem em política, requerem a existência de um espaço que permita o aparecimento da liberdade”. Seus escritos não permitiam a neutralidade das consciências e, por esse motivo, irritavam tanto mesmo aos seus compatriotas.

Os horrores do anti-semitismo na Alemanha estavam sendo revelados a todo o mundo, mas mal se podia acreditar na sua enormidade. Hannah fazia um incessante estudo histórico do anti-semitismo e acrescido de outras formas de racismo. O futuro dos judeus após a guerra era assunto na América. Impunha-se a pergunta:

Como a história chegou a este ponto?

Tudo o que agora iria ser denunciado em toda a sua crueldade estava, sob muitas formas, nas páginas de seu livro. Seu lado prático a fez pedir que judeus lutassem contra Hitler com um exército próprio, o que lhes facilitaria reivindicar, após a guerra, o reconhecimento de serem um povo que precisava de uma terra própria. Muito coerente com seus pensamentos de anti-totalitarismo, anti-racismo, anti-violência, Hannah não poupava esforços em condenar também os terroristas palestinos e sua ambição de estender o futuro território judeu para leste do Rio Jordão.

Ela via aí o mesmo menosprezo pelos direitos árabes contra os quais ela já se insurgira na Alemanha na década de trinta. Hannah

nunca se intimidava quando o assunto era direitos humanos e por isso não hesitava em chamar os terroristas, e aqueles que os apoiavam, de “fascistas judeus”. Estava sempre atenta e pedia que se estivesse atenta sempre sobre os terríveis resultados das dominações.

Foi a época em que os sionistas americanos, inspirados por David Ben Gurion, apelaram aos britânicos que entregassem toda a Palestina aos judeus. Hannah defendeu a tese de que a Palestina devia ser uma nação onde judeus e árabes fossem cidadãos iguais. Sabia que só assim as contendidas tinham chance de serem banidas. Hannah tinha a incomum combinação de suavidade e força. Mas o traço mais característico dela até o fim da vida era uma combinação extra e sedutora:

a dureza da pedra e a firmeza de convicções com maneiras suaves.

Até nos momentos mais insistentes, rejeitando uma pessoa ou uma ideia, falando mais alto em tom mais impaciente, seus olhos sorriam. Para Helen Wolff, “ela era sempre direta, não iludia, estava acima da manipulação”. Possuía um modo de desarmar a pessoa ao dizer: “okay, okay”.

Entre 1945 e 1949 escreveu sobre a “Origem do Totalitarismo”, um estudo sem ultraje mudo e horror impotente. Poderemos nos perguntar o que ela tentava fazer nessa entristecedora destilação de pensamentos e experiências? Alertar para as consequências de posicionamentos radicais, racismos, poderio que se transformaram em extermínios, fome e perseguições.

Hannah Arendt morreu no ano de 1975 e em 1978, acontece a publicação póstuma da sua obra “The life of The Mind” sua última contribuição ao mundo filosófico. Podemos perceber que os temas de Hannah estão relacionados com as dominações e as potencialidades do pensar e querer que a mente tenha vida e seja capaz de desafiar os poderes destruidores da paz.

OS TRÊS PILARES DO INFERNO

O ponto de partida e o ponto final da narrativa de “As Origem do Totalitarismo” firmavam-se nos campos de extermínio nazistas. Hannah Arendt esteve sempre interessada em colher dados que pudessem ser alvo de estudos. Ela descreve o horror, o genocídio para o qual os campos foram criados, tendo como meta o totalitarismo nazista. A maneira como se vão construindo condições para que horrores imprevisíveis e até inimagináveis apareçam na história do homem é a lição mais importante de Hannah para nós.

*Estar em alerta. Perceber os sinais de perigo.
Denunciá-los.*

Para ir fundo é preciso uma análise da história dos últimos 200 a 300 anos a fim de identificar os fatos que desencadeiam esta emergência final do totalitarismo, de extermínios que se repetem em variadas formas, sejam elas sutis ou declaradas.

Para isto sirvamo-nos do livro no qual Hannah tenta organizar uma pista que sirva de alerta. Seu título provisório foi: “Três Pilares do Inferno”. Os dois primeiros pilares são o Anti-semitismo e o Imperialismo, já o terceiro seria o Racismo. Para se entender como na Europa, no fim da era feudal, surgiu e se firmou o anti-semitismo basta saber que havia conflito entre classes, entre partidos, entre uma nação e outra sem destruir a “civildade entre as nações”.

Mas é fato que os judeus, que haviam subido ao primeiro plano social em grande parte da Europa como banqueiros de cortes reais e da aristocracia, no sec. XIX, perderam a sua importância social baseada no dinheiro que eles podiam emprestar. Os monarcas e governos começaram, cada vez mais a recorrer à nova burguesia capitalista,

assim os judeus ricos perderam sua importância. Tinham dinheiro e nada mais, os fios estavam cortados.

Este clima de hostilidade não encontrou um povo judeu suficientemente coeso e que se posicionasse contra ele. Os judeus estavam divididos entre os bem sucedidos e os párias. A falta de senso político de alguns judeus durante a guerra de 1939-45 foi o que sem dúvida suscitou uma onda possível de anti-semitismo.

O segundo pilar do inferno, talvez o mais inesperado, mais sutil e o mais presente nos dias atuais é, sem dúvida, o imperialismo. Sua expansão leva à quebra das tradições estabelecidas de justiça, o ataque aos direitos do homem e aprofunda a chaga das diferenças internacionais. Se nos fins do sec. XIX a Europa estava em rápido crescimento de produção industrial e superabundância de capital podemos entender a frase que explicava o contexto: "A expansão é tudo".

Hannah descreveu o imperialismo como "insanidade humana e incoerência com a condição humana", já que explora o homem como se ele fosse uma máquina programável. Nestas ocasiões desenha-se uma clara antecipação do estado de espírito totalitário e é preciso estar em estado de alerta. Assim como nas novas colônias, os nativos eram classificados como cidadãos inferiores na mera base de raça ou cor, no sec. XXI a situação se repete.

O que se aprendeu com aquele imperialismo que levou o continente para mais perto do nazismo e do bolchevismo? Hannah analisa criticamente os membros da raça branca, aventureiros e nobres absurdos. Destaca o "herói" Lawrence da Arábia, que só conseguia encontrar significado para sua vida no grande jogo da política mundial fazendo tabula rasa de todas as considerações humanas normais.

Se não ficarmos alertas permitiremos ameaças de imperialismo no nosso tempo.

Na época a expansão imperialista na Europa produzia outros efeitos, já que os que não se expandiam além-mar faziam-no dentro da Europa tendo como alvo os povos "sem raízes". Os judeus esta-

vam entre eles. Nos tempos atuais os povos sem raízes continuam a provocar conflitos e não há visão possível de entendimento. A paz do mundo fica sujeita aos desvarios causados por vaidades dos que estão no poder.

Segundo Arendt, a primeira guerra forneceu subsídios para os toques finais do quadro que ela traçava sobre as origens do totalitarismo. O clima propício para a presença do totalitarismo é o de falências, inflações, desemprego e o aparecimento de minorias descontentes.

No livro "As Origens do Totalitarismo" percebemos que Hannah não trata somente de relatar estágio por estágio a ascensão de Hitler ou Stalin ao poder supremo, mas demonstra como os elementos fundamentais do totalitarismo se reúnem e se "cristalizam". Os escritos dela colocam em foco os nublados fatos dos últimos vinte anos que teimam em se repetir ainda hoje.

A aparição do "homem de massa", é um dos elementos fundamentais para o sucesso de regimes como o nazismo e o mundo capitalista em que vivemos.

Por trás do perfil de "ralé" desenraizada, o que há são as massas, isto é, um grande número de indivíduos, atomizados, isolados, sem qualquer sentimento claro de integração em grupo ou classe, ansiosos por escapar deste anonimato que a modernidade trouxe.

A história nos conta que o totalitarismo atrai estas massas desapegadas e lhes inculca uma lealdade, graças à sua propaganda megalomaníaca, que oferece como meta a dominação mundial e que vê inimigos por toda a parte para temer e odiar. É esta realidade que traz, à força, a lealdade pelo terror.

Assim como na Alemanha de Hitler, que tinha uma massa maleável com desejo de voltar-se a alguma coisa, hoje também existem outros povos com projetos semelhantes. Um povo em dificuldade procura uma tábua de salvação, ele procura um líder. O líder que

aparece pode ou não dar ouvidos à massa, só a manipula em proveito próprio.

As conclusões de Hannah sobre como um poder dominador tem a chance de se instalar, de ampliar o território passa pelo fanatismo, que inspiraria a questão do totalitarismo, do imperialismo e do racismo. São movimentos de homens supérfluos tentando tornar, com a dominação, os outros homens supérfluos. A advertência é sombria e muitíssimo relevante hoje, mais do que nunca, sobre a tendência humana de se fazer cair vítima de mitos cruéis e interesseiros.

Se todos os males são possíveis, viremos tudo pelo avesso para dar chance a um novo começar. Segundo Hannah Arendt, começar é a capacidade suprema do homem. Politicamente esta capacidade é idêntica à liberdade. Em todo novo nascimento este começo é garantido e novas regras de convivência podem aparecer.

Nestes tempos de investidas do imperialismo a solução é a de reforçar os Direitos Humanos.

O constante trabalho filosófico e político para que “os três pilares do inferno” sejam detectados ainda em suas formas embrionárias lança luzes na escuridão pelo fato de proclamar e de apresentar as similaridades básicas para suas manifestações. Já na década de 50 Hannah estava preocupada com as indicações de que o totalitarismo poderia se firmar nos Estados Unidos.

O totalitarismo era, então, um fenômeno inconfundível e capaz de se repetir pelas condições em que o país se encontrava o sec. XX. Hannah não se cansou de dizer que o senador Joe MacCarthy, com suas campanhas anti-americanistas, se transformava em vilão mundial.

Detectar as origens da destruição da liberdade humana já é um caminho árduo. Para Karl Marx, a liberdade é um dos maiores bens do homem “uma própria expressão de sua humanidade”.

TENTATIVA ESQUIZOFRÊNICA

Os atentados terroristas de 11 de setembro agrediram o coração do mundo capitalista. Até aquela data o país “chefe” do mundo capitalista, centro do mundo econômico, militar e político possuía a aura das sacralidades. O ícone inspirador de outros países teve profanado o seu templo.

Por que o espanto?

Um misto de consternação e excitação tomou conta do mundo e a despeito da dor do atentado terrorista, a máquina publicitária tirou proveito político do fato para justificar um prazer vingativo. A roda-viva em que vivem os dominadores e os dominados foi girada mais violentamente, já que a opinião pública mundial se envergonhava de não conter sua satisfação por ver a lei de Talião ser aplicada (Olho por olho, dente por dente). Ao mesmo tempo ficou claro que a vulnerabilidade da nação americana afetava à todos que giram em torno dela.

O mundo está em débito com a democracia. Na primeira metade do sec. XX ela se ergueu contra os regimes totalitários, na segunda metade enfrentou a cortina de ferro. Neste início de século o cenário político parecia carente de inimigos, de motivos para atacarem-se uns aos outros. A globalização baseada no interesse financeiro permeava os contatos de interesses. Num cenário assim o defensor número 1 da liberdade não poderia defender seus interesses particulares a não ser investido de um poder para combater um inimigo universal.

À semelhança de Roma, onde a supremacia necessitava de constantes conquistas, a Pax Americana está de prontidão paranóica. O processo de uniformização da felicidade mundial fazem com que

as reações se façam pateticamente, mais parecendo oposições quixotescas ou bárbaras. O terrorismo é a oposição de enorme desespero perante o perigo real do desarraigamento dos povos pela sociedade global.

Está decretada uma guerra do “Bem contra o Mal” que se justifica nas mútuas e múltiplas agressões. Se não fosse trágico poderíamos considerar este período como um espaço fértil para as produções filosóficas. Tanto o arbítrio, como o egoísmo imperial necessitaram desta quebra de confiança em torno de um só poder para que se impedisse que o mundo entrasse no redemoinho auto-destrutivo como aos poucos está acontecendo. O mundo está espantado, um estado de aparente anomia, de racionalidade incerta, de caráter belicoso. Foi preciso desmascarar o mito iluminista de progresso para revalorizar o vácuo que o mito deixa no ar. Habitar uma terra sem astros é o desafio.

O pensamento pós-metafísico deve se encarregar de explorar sem esperanças enganosas baseadas nas repetições de padrões caducos possibilidades às vozes que não foram ouvidas. O clamor maniqueísta que vibra o mundo ocidental e oriental deve ser substituído por uma correlação de forças equilibradas. Nem o fanático muçulmano, nem o defensor da liberdade do mundo, são capazes de evitar o rastro de destruição que deixaram durante o seu curso de caráter totalizante. O advento do futuro terá que dar unidade ideológica ao mundo. É uma tentativa esquizofrênica.

Ações contra escritores acusados de ofender muçulmanos que aconteceram em novembro de 2002 estimula o debate entre os limites do islamicamente correto. Tornou-se comum estas acusações feitas pelas associações muçulmanas que se sentem ofendidas.

Até onde vai a liberdade de expressão?

Há o risco de sofrer uma “fatwa”, decreto religioso, diz o polêmico professor de geopolítica Alexandre Del Valle, que lançou o livro “Le totalitarisme islamique”, onde analisa como fundamenta-

listas islâmicos tiranizam populações muçulmanas e tentam destruir democracias ocidentais.

Ao processarem, entre outros, o francês Michel Houellebecq, líderes muçulmanos dizem que suas palavras são fruto de fobia agravada por paranóia que deveriam ser tratadas pela medicina. O francês foi absolvido em nome da liberdade de expressão. Seus defensores dizem que os líderes islâmicos são antiocidentais e antidemocráticos. Mesmo de certa maneira os próprios acusadores acabam concordando com isto.

Os intelectuais franceses saíram em peso, mas foi de fora que veio a mais contundente defesa de Michel: o indiano naturalizado inglês Salman Rushdie, ele próprio vítima de uma “fatwa” pelos conteúdos considerados hereges de seu livro “Versos Satânicos”. Num artigo escrito para o jornal inglês “The Guardian” Rushdie diz que o caso de Michel mostra que o que está em jogo é a liberdade. “Numa sociedade livre o indivíduo tem o direito de dizer que prefere um livro a outro, ou esta sociedade não tem o direito de se dizer democrática e que seus membros são pessoas livres.

O Alcorão não é, conforme o tabu diz, um texto de paz. Não teve a “sorte” de ser absolvida a escritora de Bangladesh, Taslima Nasjreen, cujos três livros foram proibidos em todos os países islâmicos, proibidos por ofensa ao Islã, já que ela denuncia a situação da mulher em sociedades islâmicas.

Até onde vai a liberdade de expressão e quando começa a “incitação ao ódio racial” e agressões?

É realmente incorreto quando se publica que o Alcorão é um livro medíocre, isso é desconhecer o Islã. Porém é incorreto também condenar estudos que são comprovadamente verdadeiros. Temos estudado neste trabalho as produções de fobias. O que vemos é a superabundância destes casos típicos de “Islamofobia” desde o atentado às torres gêmeas.

Até o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, denunciou a intolerância islâmica. Tal processo contra Houellebecq seria inconcebível há 50 anos, disse Lévi-Strauss à revista "Nouvel Observateur". Há sim o direito de crítica, mas o problema é que estamos contaminados pela intolerância islâmica.

A CONDIÇÃO HUMANA

A obra “Condição Humana” surgiu em 1958 e é baseado em fatos da realidade moderna. Volta-se para a história antiga, para a vida e condições de trabalho nas cidades-estado gregas à procura de soluções práticas. Além de refletir sobre aquele mundo encontrou alguns aspectos essenciais da “condição humana” sob os quais os homens têm sempre que viver. O livro é um manual de esperança, uma obra política, uma visão do que poderia ser um mundo de homens livres onde todos deveriam ficar alertas contra sua posição de “liberdade ameaçada”.

Na cidade-estado grega Hannah Arendt visualizou três elementos fundamentais de toda a atividade humana: o trabalho, a obra e a ação. Como hoje, também o mundo grego manteve o trabalho, considerado menor, longe da vista. A figura do “animal laboren”, labutando para viver, escravos que faziam o trabalho para que a família consumisse privadamente, não difere muito do trabalho, doméstico ou não, feito por indivíduos, adultos ou crianças, que são mantidos na invisibilidade social.

*Filósofos de hoje têm se preocupado com a massa
de pessoas que foram mantidas em silêncio.*

Vale lembrar que sua produção é consumida e esquecida. A enorme diferença é que bens de uso que não são produzidos para gerar excedentes de riqueza são agora trazidos à luz através de trabalhos sociológicos, filosóficos e mostrado o seu caráter humanizador do trabalho em contraponto com o trabalho mecanizado. O que pode parecer uma situação desejável tem gerado situações tão castradoras e neuróticas como os da produção em série e mal remunerada.

Hannah se mostrava desesperada com o sec. XX, onde a obsessão do trabalho e a produtividade deixam o homem na mesma situação, entre a escravidão produtiva, a liberdade improdutiva e a não-liberdade de ação pela falta de pagamento pelo trabalho que exerce. Ivan Illich nos lembra que:

“no mundo atual, a babá que dá mamadeira ao bebê está trabalhando e a mãe que alimenta seu filho no peito não está”.

É desta sociedade que as mães resolveram sair e procurar recursos monetários já que o parâmetro social dos bens humanos e de uso sucumbiram totalmente sob o impacto da sociedade de consumo de descartáveis.

Dizia Arendt: “a absorção da “obra” pelo “trabalho” é a única maneira como o homem pode permanecer contente no ciclo prescrito pela natureza, labutando e descansando, trabalhando e consumindo, com a mesma regularidade, feliz e sem propósito, tal qual dia e noite, vida e morte se seguem uns aos outros”. O ciclo da natureza prevê não só conforto para o corpo, mas uma dose de satisfação das necessidades e desejos.

Aqui, tomamos o caminho da tese do italiano Domenico de Masi sobre o ócio criativo que nada mais é do que a realização do homem através de um trabalho criativo, não alienante, onde há espaço para a livre expressão. Quando homens agindo livremente juntos, aceitam consensualmente as decisões alcançadas após livres e apaixonadas discussões.

Segundo Masi, os artistas, poetas, contadores de estórias são tipos de “homo faber” necessários, já que encarnam a ação verdadeira a que o homem teria direito. Apesar disto é com amargura que vemos que o desemprego tem sido um dos fatores que abrem caminhos ao totalitarismo.

Sabemos da necessidade de um emprego para a maioria pressionada pelas necessidades, muitas vezes artificiais, do homem moderno. A massa tende a ser apolítica mostrando o desalento sobre seu destino e o destino do seu voto. Para Hannah o homem tem capacidade de perceber que esta disputa pelo poder levará ao extermínio e não ao que seria desejável: um mundo onde as pessoas pudessem conviver com suas potencialidades e diferenças.

É sintomático percebermos que, para legiões de jovens nas décadas de 60 e 70, Hannah Arendt ofereceu orientação sobre o tipo de democracia participativa em contraste com a democracia representativa.

Ela fez invocações para que o homem perceba que sua própria liberdade está constantemente ameaçada.

Quanto às mulheres, devem preservar seu estilo feminino de vida e viver em liberdade bastando para isto que tenham reconhecido o seu direito à opinião própria. Sexo, religião ou raça devem ser vistos com naturalidade e não como motivo de exclusão, mas de escolha.

O que é necessário combater é a tendência do ser humano de agir pela força sendo governo ou particular. Devemos ter uma grande preocupação com a "Crise na Educação". São crianças, que no mundo dos adultos têm pouca oportunidade de "fazer alguma coisa por conta própria", as mais sujeitas a serem tiranizadas, tornando-se crianças conformistas ou delinquentes.

Desde os gregos a pessoa livre é aquela que pode escolher sua companhia entre os semelhantes, entre coisas, entre pensamentos. Para isto é preciso o hábito de viver junto consigo mesmo, de empenhar-se em um mudo diálogo íntimo o que é não só a base da maturidade autêntica, mas a raiz de possibilidade de liberdade responsável.

Os indivíduos, dissolvidos na massa de trabalhadores, exaustos, analfabetos, serão capaz de pensar? Na certa outros podem ajudar num modelo de aplicação moderna das ideias que Hannah Arendt concebeu. Aos críticos que acusavam Hannah de utópica ela respondia com sua confiança de que os homens iam chegar à conclusão de que:

é preciso o consenso social para que o poder seja legítimo.

RAÍZES E TRADIÇÕES

Você já se preocupou em observar nossa forma de raciocínio e de que maneira expressamos ou associamos as ideias? Nosso universo mental tem suas raízes na cultura grega da chamada cultura ocidental. Nossa forma de observar o mundo evoluiu a partir do que os pensadores gregos nos deixaram.

Pouco mudou e nas relações humanas perdura a situação de que não só os instrumentos, mas as terras são propriedade de uma pequena parcela da população. Aí estão as raízes de um imaginário de dominação natural pela tradição. Ao longo da história o trabalhador, aquele que na realidade produz riquezas com seu trabalho, tem sido reduzido a escravizado.

É preciso estar sempre atento à presença de uma ameaça de totalitarismo.

Com o surto do comércio pelo mar, já que a terra da Grécia era pobre, apareceu uma nova classe intermediária entre os grandes proprietários e a maior parte da população, os artesãos, classe que até hoje luta para manter a sua liberdade de agir e se manter em liberdade.

A necessidade de manter os escravizados em submissão, de ampliar o território e protegê-lo contra os inimigos do exterior e a necessidade de legitimar a divisão de sociedade em classes, fez nascer o Estado de Classes. Desde o sec. VII há lutas sociais entre massas populares, governos e a classe privilegiada.

As várias formas de governo persistem garantindo privilégios a poucos.

Como nos dias atuais, as crises econômicas refletiram profundamente nos planos político, social e moral dos gregos. Havia uma luta acirrada, como ainda hoje, entre o campo e a cidade. O campo tem sido dominado por uma aristocracia territorial, mantenedora de uma estratificação social rígida. A cidade grega era cosmopolita, inovadora, ali estavam as classes dos comerciantes e artesãos ricos.

Através da história o desenvolvimento das forças produtivas favoreceu a produção de um excedente econômico, criando condições para a divisão do trabalho. Alguns poucos passaram a controlar o excedente. Com isto, conseguiam ter um poder de coação sobre os demais membros do grupo.

A racionalização foi mais uma forma de exercício de poder.

O surgimento das cidades gregas foi fundamental para as novas condições de vida, a facilidade de viajar, a divisão do trabalho, a moeda cunhada garantida pelo Estado, uma invenção do sec. VII a.C, melhorou o processo de desenvolvimento do comércio, mas pouco melhorou as condições da plebe.

Num primeiro momento os filósofos se interessaram pelo mundo exterior mas, com Sócrates, o “conhece-te a ti mesmo” do templo de Delfos ganha dimensões dentro da filosofia que passa a ter mais esta preocupação.

Porém não precisamos ter vergonha da nossa história.

Se pesquisarmos a história oriental constataremos as mesmas situações. Hoje existem fortes movimentos sociais que percebem a necessidade de transformação de atitudes mentais que herdamos e do perigo que representa a permanência delas no corpo social contemporâneo. A nossa sociedade não é invenção nossa, assim como

a cidade-estado não foi invenção dos gregos, já que muito antes a sociedade Mesopotâmica e os Fenícios já se organizavam assim.

As comunidades de parentesco responderam unindo-se sob o princípio da vizinhança e territorialidade. Estas uniões de vizinhança pouco a pouco formariam a “polis”, com governo próprio. O sistema de “polis” teria surgido na Ásia Menor de onde se espalhou pela Grécia Continental.

O fato determinante da formação da “polis” grega foi o desenvolvimento das trocas e do artesanato. Faz sentido quando pensadores atuais elaboram na atualidade teses de produtividade e bem estar social através da melhoria de produtividade resultante do desenvolvimento específico de cada membro da sociedade.

A divisão de trabalho foi possível com a escravidão na agricultura e necessária na revolução industrial, acrescida do controle. Conforme Michel Foucault, foi preciso vigiar e punir, com sistemas para transformar os trabalhadores em “corpos dóceis”.

A falta de espaço para a criação individual e sadia concorrência tem sido causadora de neuroses. As neuroses individuais transformaram-se na atual sociedade de massa e estendem os seus tentáculos em manifestações coletivas tanto a favor de crimes quanto de fanatismo religioso.

A exploração do trabalho escravo e de camponeses pobres têm sido uma constante ameaça à paz social. Ao serem pressionados a se submeterem a métodos não humanos de produção o cidadão de hoje já reage.

Os avanços gregos em diferentes áreas não foram suficientes para criar uma sociedade realmente democrática já que o atual conceito de pessoa lhes era estranho. O que realmente importava era, em primeiro lugar, as necessidades da “polis” e hoje o que importa são as necessidades políticas e econômicas dos governos.

Na história foram concebidas formas de dominações que até hoje são tidas como naturais. Não são só séculos que nos separam dos gregos. Nossas cidades, as dos mundos dominantes são megálópoles. Uma grande desvalorização de vários tipo de trabalho cons-

truiu uma situação artificial de supremacia para alguns, “os homens livres”, que estão à salvo de exercer tarefas árduas e repetitivas.

Este quadro não se modificou. Na era moderna o que se viu foi uma ampliação do “batalhão de operários” executando ordens mecanicamente, sem que tenha havido significativa redução do tempo de trabalho ou melhoria da qualidade de vida.

O agravante da situação dos dominados é que ser autônomo é um desafio que muitas pessoas não suportam ou não sabem que pode haver mudanças significativas através de ações.

*Por que o homem trocou e troca sua liberdade
pelas servidões voluntárias, econômica, jurídica,
política?*

Talvez não cause espanto a afirmação de que certas regras são concebidas expressamente para repressão humana. Elas não são fruto do acaso, mas da tradição, dos desvios da cultura.

A REVOLUÇÃO MENTAL

Na segunda metade do sec. XVIII operários da região de Lancashire, na Inglaterra, fizeram movimentos durante os quais eram destruídos o maquinário das instalações fabris. Os “quebradores de máquinas”, na verdade, já haviam percebido e com aflição, as profundas modificações decorrentes da passagem da produção artesanal e doméstica para a fabril. Não cruzaram seus braços. Infelizmente, estes operários não perceberam que não são as máquinas os seus algozes, mas os que as têm como objeto de opressão.

Se não domino, sou dominado.

Devemos ter a esperança de que a dominação sutil seja superada num futuro próximo, tão logo um maior número de pessoas se juntem na tarefa de apontar novas saídas para a dissolução do problema do direito às dominações.

A categoria de gênero humano permite-nos pensar as bases mínimas de um direito de humanidade, anterior às diferenças, e a ousadia de romper com a divisão estabelecida por Aristóteles entre homens livres e escravos por natureza. Penso que não exagero se afirmo que a massa tão uniforme em aceitar imposições já parece entender que é maioria, tirando disto nova força.

A ÉTICA DA NEGATIVIDADE

Herbert Marcuse, ideólogo da “modernidade sem perspectiva”, ancora o seu pessimismo na desilusão social, uma resignação que contém revolta e que exclui o compromisso. Membro da escola neohegeliana de Frankfurt, ele pensa no sentido de um rumo dado à consciência para que não se pare na positividade.

Na mola da negatividade dialética as aspirações libertárias podem se fundir: Liberdade e Reflexão Filosófica realizam aí seu grande encontro histórico. É com esta dialética entre Liberdade e Reflexão Filosófica que almejamos rumos possíveis para uma sociedade que se vê realmente desgastada, infeliz na contemporaneidade.

A desilusão social marcusiana, o aspecto nocivo da tecnologia para o ser humano, o homem social conformado, todos fazem eco que alcançam estas nossas reflexões reforçando sua importância em procurar superar esta desilusão. A negatividade marcuseana nos impede de parar.

A sociedade de massa não reprime suas aspirações por meio de coação externa, mas por meio de “brainwashing” em escala coletiva. Este mecanismo subtrai a propriedade do indivíduo de criticar, de negar. Este procedimento repressivo da sociedade de cultura-tecnológica é o foco da obra de Marcuse.

Em seus últimos textos “A Agressividade na Sociedade Industrial Avançada” é detectada, como repressão suplementar, a submissão dos indivíduos por meio de mecanismos objetivos, como o medo de perder o emprego, o status. São fatos que conhecemos.

Encontramos em Marcuse o estudo da “sociedade sem pai”, sem leis normativas ou com leis insanas a serem seguidas. Mas o homem parece estar fugindo de suas responsabilidades, o responsável é sempre o ausente, o outro, a autoridade ou a falta desta.

Há, no advento da sociedade de massa, o consumo de atividades antes privadas, a posse do outro como descartável, que se transforma em público. A agressividade na sociedade industrial foi o resultado da desumanização correlata do processo de consumo, processo alheio a todo estímulo à iniciativa privada, dominado por arbitrariedades, sem conexão com necessidades vitais que desembocam numa redução do sentimento de culpa e na reincidência da conduta agressiva.

Há uma institucionalização da agressividade, estilo funcional da “Massmedia” apresentada como normal, mas que já incomoda a todos os segmentos sociais. Como não reconhecer o nosso universo nas considerações marcuseanas? Este testemunho ruidoso de liberdade aparente que é a nossa realidade, ajuda ainda mais a disfarçar, sob aparência de liberdade, a opressão coletiva real. Marcuse tem como verdadeira obsessão,

o aspecto básico da sociedade tecnológica é a existência de comunicação de massa.

A sociedade tecnológica contraria o homem, indo de encontro, reprimindo não sua libido, mas sua agressividade, mostrando a sua insignificância diante da técnica e minimizando sua resistência vital contra a encarnação do instinto da morte. A utopia de Marcuse se situa além de toda história visível, mas ela existe; é a sociedade sem repressão pela qual nós também ansiamos.

Esta sociedade pressupõe a abdicação do trabalho nos moldes atuais e a inauguração de uma sociedade lúdica. Sociedade sem repressão talvez nos assuste, já que ela pressupõe que todos os seus membros têm as mesmas capacidades de se auto gerir e de desejos de uma convivência harmoniosa.

Na raiz formadora da civilização não-repressiva, indivíduo e grupo não se opõem, exigem-se. É esta consciência de necessidade que pode ser amenizada com a utopia lúdica. Como muitos outros, também C. G. Yung temia que este tipo de sociedade lúdica trouxesse consigo a barbárie, uma catástrofe da cultura.

Modernamente temos o trabalho do sociólogo D. de Masi, sobre o ócio criativo. A essência criadora do homem se assemelha ao pensamento negativo. Marcuse sabe que o homem do capitalismo talvez não seja capaz de alcançar por si a universalidade por se achar impotente diante de poderosas forças econômicas de caráter mundial.

O maior trunfo do capitalismo é não permitir o desenvolvimento integral do homem.

A contradição entre o princípio do prazer e o princípio da realidade é eternamente evocada como se o trabalho não pudesse ser também um prazer. E por que não o é? As aspirações de liberdade e de satisfação precisaram ser ignoradas com a implantação da sociedade de massa. A própria sociedade de massa não reprime essas aspirações por meio de coação externa da violência física. Ela as realiza através de dissimulada e sofisticada regulamentação das próprias atividades da mente, numa espécie de “Mainwashing”, lavagem cerebral em escala coletiva. É uma repressão eminentemente psicológica.

Não só a vida objetiva se torna objeto de repressão pelo medo, mas a própria vida subjetiva que se traduz na moldagem da psique ao nível do inconsciente. Isto desemboca na sociedade contemporânea com a redução de ego e retorno à horda primitiva baseada na obediência irracional.

A sociedade assim constituída, guiada pelo impessoal está doente e tomando o remédio errado.

Marcuse aponta para as principais fontes da agressividade moderna: a desumanização do processo de produção, assim como a des-humanização do processo de consumo estranhos às necessidades vitais. A superpopulação, ruído e coletivização forçada da socie-

dade urbana ameaça a privacidade, desorienta e tende a absorver o minguante espaço de reflexão sobre as condições reais com sua expansão tentacular.

Marcuse cunhou o termo “agressividade tecnológica”, na qual a agressão é feita por mecanismos automatizados, muito mais possantes do que o indivíduo que o aciona e lhe determina o alvo. A agressão cometida através destes instrumentos induz o homem à frustração, já que não há com quem falar, reclamar, ponderar. O exemplo extremo desta agressão tecnológica seria o míssil bélico e os mais corriqueiros, o automóvel, o telefone, a televisão, o computador.

A instituição de normalidade social da agressividade corresponde a uma institucionalização da violência que corresponde ao estilo funcional da “Massmedia” em seu emprego propagandístico e publicitário. Anúncios de televisão saturam os espectadores com sua mórbida reiteração. Freud associou o processo de repetição compulsiva à nostalgia regressiva do ventre materno, à frustração do homem moderno, num mundo onde a tecnologia impera.

A des-sublimação das massas não é a vitória de Eros, mas deve-se a um conformismo oculto. Já se tornam cansativas as acusações sobre as atuações políticas pela classe intelectual. Por este motivo lançamo-nos num projeto de encontrar saídas realizáveis no mundo da vida. A existência dos veículos de comunicação de massa nublam as verdadeiras necessidades, as vitais, e criam outras necessidades.

Na sociedade em que “o trabalho” for substituído pela atividade formativa produtora de bens vitais a necessidade e a escassez, não mais existirão. Uma utopia lúdica. Na certa não será fácil a mudança, já que muitos interesses de poder e de acumulação de riquezas deverão ser contrariados.

A palavra chave será reconciliação do homem consigo mesmo e com os seus semelhantes. Paradoxalmente, gera verdadeira apreensão pensar que uma sociedade sem repressão pode, numa “sábia pre-

guiça”, num “ócio” cheio de criatividade, levar à uma produtividade espontânea dos bens vitais necessários. Será o fim das necessidades criadas pelos meios de comunicação atuais. É esta inversão que nos tem colocado numa “cegueira consentida”.

*As necessidades criadas, em nada atendem às
necessidades básicas.*

Conclui-se que o homem contemporâneo tem trabalhado muito para conseguir alimentar suas ilusões e que estas ilusões são mostradas como verdades. É preciso amor ao corpo. É preciso consciência que é através dele que a aventura de viver é possível.

TRABALHO E LIBERDADE

Para entendermos o labor precisamos saber que ele tem sido super valorizado como dignificante do homem e disto têm se aproveitado aqueles que não se dispõem a trabalhar, mas pretendem obter lucro sobre o trabalho do outro. O labor é interminável. A propaganda maldição que expulsou Eva e Adão do “paraíso” transformou o labor mais árduo em coisa natural.

Esta propaganda tornou as mulheres eternamente ardilosas, mentirosas, responsáveis pelo pecado do outro.

Não nos parece diferente na nossa sociedade em que uns acusam outros para evitar sua própria responsabilidade pelos atos que pratica. Fiquemos atentos. Para entendermos o nosso imaginário é interessante notar a semelhança da aspereza do trabalho em Hesíodo, e compará-lo com a maldição do Velho Testamento. O poeta diz que, para punir os homens, os deuses esconderam do homem a vida de sorte de apenas procurar e colher os frutos da terra. Que “deuses”? Quais são eles na contemporaneidade? Os que detêm o poder econômico!

O direito de procurar a “felicidade da maioria”, através da produção e consumo dos meios de subsistência é ligado ao prazer, como o contentamento do bom funcionamento de um corpo sadio. A implacável fadiga do labor escravo não é natural e sim criada pelo homem.

Não serei a primeira a apontar os males do labor, da repetição monótona de gestos, impedimento de manifestação do poder da mente criadora. A alienação das suas potencialidades, as frustrações

que não podem ser expressadas transformam os homens e mulheres em seres doentes psicológica e fisicamente.

Quem não tem os bens materiais e muito menos os bens vitais poderá ter um comportamento “adequado” numa sociedade de proprietários? Para estes últimos não é questão da necessidade da vida o que se apresenta como primordial e sim o excedente. E como acontece na sociedade de operários e assalariados?

É digno de nota a demora dos deserdados em levantar a sua voz, em rebelar-se contra as injustiças numa tentativa desesperada de serem tratados como seres humanos pelos seus iguais em humanidade e diferentes em oportunidades. Estamos encantados com o modelo americano de “self made man”, utópico para a população brasileira e, muito pior, encantados com um modelo brasileiro de acesso aos bens de consumo através de sucesso nos jogos, nos shows, nos esportes.

Não que o sucesso não deva ser perseguido. O que constatamos é a perversa manipulação do desejo.

Apenas alguns poucos ganham, muitos contribuem. O que aparentemente é ganhar, na verdade é uma grande farsa em que muitos perdem. É preciso reavaliar o tipo de lazer que é oferecido à população brasileira.

No começo do sec. XX, Nietzsche e Bergson proclamaram que não é o trabalho, mas sim a vida a “criadora de todos os valores”. São as carências elementares da vida e não os chamados “desejos superiores” que possuem urgência. O ônus da vida biológica, entre o nascimento e a morte, só pode ser eliminado mediante a conscientização dos interessados.

Historicamente o trabalho escravo tem desempenhado importante papel não só nas sociedades antigas, centradas no consumo, mas nas cidades medievais, que eram principalmente centros de produção, o que é reforçado na contemporaneidade. A sociedade de consumidores, de operários (laborers), homens que laboram, surgiu,

não da emancipação da classe trabalhadora, mas da emancipação do trabalho em relação ao homem.

Parece que um dos poucos que restam são os artistas, e isso se estende a todos aqueles que se mostram dispostos a questionar os bens que a sociedade de consumo coloca como vitais. O que já aconteceu no Império Romano, pode estar acontecendo novamente. São construídas versões modernas do coliseu romano para distrair o povo das suas misérias.

Em “La Condition Ouvrière” (1951), Simone Neil encara esta questão do trabalho sem sentimentalismo e preconceitos, e apresenta o labor como o ópio do indivíduo moderno. Deve haver uma fundada preocupação com o perigo da automação e o fato da produtividade humana ser subjugada por um processo mecânico muito intensificado e produtor de fadigas irre recuperáveis. As horas vagas do “animal labore” são gastas em consumir. O profundo problema é a infelicidade que a cultura de massa traz.

Uma sociedade operária não tem meios suficientes para mantê-la como feliz consumidora, pois os bens “maravilhosos” não estão a seu alcance. Mesmo sem condições o círculo se fecha: os consumidores sem recursos consomem o que eles próprios produziram em massa. Quanto mais incentivados os consumidores ou operários, mais difícil será conservar a consciência das exigências das necessidades vitais e as manifestações, como a dor e o esforço, serão mantidas sob um aparente controle.

A verdadeira liberdade social é a que exige um espaço público, um espaço da ação e da palavra.

Este espaço fundamental foi transformado em espaço de convencimento e de diversões para distração dos problemas fundamentais. Porém a coragem de se expor no espaço público nunca faltou a alguns poucos. A criatividade intelectual e coragem política são mais que oportunas hoje para que filósofos brasileiros “re-pensem” a sociedade brasileira.

O fato de que a história está repleta de exemplos de fracassos de totalitarismos e imperialismos não nos impede de estar em alerta. Nada poderia ser pior. O ponto nevrálgico é pesquisar as origens da alienação do mundo moderno. Para uma compreensão da natureza da sociedade temos que as três condições elementares da condição humana estão relacionadas com os aspectos mais gerais da existência humana: nascimento e a morte.

O labor assegura a sobrevivência do indivíduo e da espécie. O trabalho e seu produto emprestam certa durabilidade às futilidades da vida mortal e ao caráter efêmero do ser humano, o trabalho e a ação têm raízes na natalidade, na medida em que sua tarefa é produzir e preservar o mundo. O homem é condicionado pelas coisas que ele próprio cria que possuem a mesma força condicionante das coisas naturais.

A condição humana não é o mesmo que a natureza humana. Ter má saúde significa estar sujeito às necessidades físicas, e ser escravo significava estar sujeito à violência praticada pelo homem. A um trabalho regular e garantido, um homem livre talvez preferisse a insegurança de um mercado de trabalho que mudasse sempre, pois o primeiro lhe restringe a liberdade de fazer o que considera melhor.

*Um trabalho árduo e penoso tem sido preferido
nesta sociedade de severa desigualdade.*

O conformismo é um fenômeno característico do último estágio da revolução moderna. A igualdade moderna, baseada no conformismo, só é possível porque a ação foi superada e transformada em comportamento. O que realmente interessa é observar que nem mesmo a inversão de posição no pensamento de Marx e Nietzsche mudou a estrutura.

Marx levou a economia clássica a dar um passo à frente, substituindo os interesses individuais e pessoais por interesses de grupos e classes, reduzindo estes interesses a duas classes: capitalistas e trabalhadores e enxergando os vários conflitos, reduziu-os a um só. Marx "construiu" o homem socializado, um ser mais ativo que o "homem econômico" da economia liberal.

Ele viu os conflitos apresentados na sociedade de seu tempo, o que ele não compreendeu, e nem poderia compreender no seu tempo, é que o que estava obsoleto era a estrutura monárquica do estado-nação, que seus resquícios impediam que a sociedade funcionasse. Marx previu a decadência do estado, mas estava equivocado em presumir que a vitória da sociedade significaria o surgimento “do reino de liberdade”.

Em tempo recorde a esfera social transformou-se em comunidades de operários e assalariados que se concentram na atividade do labor para a simples sobrevivência. A divisão de trabalho se transformou em novas fontes de opressão. Mas a principal divisão era entre a vida vivida dentro da casa, no lar, e a vida vivida fora, no mundo. Só esta última era digna de um homem, já que não havia noção de igualdade entre homens e mulheres, que é um pressuposto necessário para a divisão do trabalho.

O moderno “encantamento” com pequenas coisas, embora pregado pela poesia do sec. XX em quase todas as línguas, encontrou sua representação clássica no “petit bonheur” do povo francês. Estes homens tornaram-se mestres da arte de ser feliz entre “pequenas coisas” entre quatro paredes, entre uma janela e um cão, num mundo de rápida industrialização que destrói as coisas de ontem para produzir hoje.

A grandeza cedeu lugar ao encanto.

Conviver no mundo é como ter uma mesa de coisas que se interpõe entre os que se assentam ao redor dela. Há uma estranheza na esfera pública moderna: é que esta perdeu o seu poder de manter as pessoas juntas, de relacioná-las. A antiga filosofia cristã de Agostinho tentou encontrar este vínculo entre os homens na caridade, na “irmandade” cristã.

MEU LUGAR NO MUNDO

A propriedade é o ápice da esfera privada. O homem privado não se dando a conhecer é como se não existisse. Nas circunstâncias modernas a privação de relações transformou-se no fenômeno de massa da solidão. A sociedade de massa destruiu a esfera pública e a privada. O homem ficou sem um lugar no mundo e também sem um lugar em que se sentisse resguardado do mundo.

A condição do escravo não era melhor em Roma que em Atenas, o fato de ser próspero não tinha qualquer realidade na polis grega, como o fato de ser filósofo não tinha importância na república romana. As sociedades diferem e a moralidade cristã insistiu que cada um deve cuidar de seus afazeres e que a responsabilidade política é um ônus aceito exclusivamente em prol dos negócios públicos.

Só que constatamos que as autoridades não merecem esta irrestrita confiança.

A inadequada interpretação de que a propriedade e riqueza estão de um lado e a pobreza de outro, é falha, já que a propriedade e a riqueza são relevantes para a esfera pública, mas são diferentes. A riqueza nunca foi sagrada. Já a propriedade indica que o indivíduo possui um lugar determinado no mundo.

Nos tempos antigos, quem perdesse seu espaço perdia automaticamente sua cidadania e a proteção da lei. Quanto à pobreza, sabemos por Demóstenes (Orationes 57.45) que a pobreza força os homens livres a fazerem muitas coisas servis e mesquinhas. Na legislação romana a palavra capital derivada do latim "caput" era empregada para designar o principal de uma dívida. No sec. XVIII seu sentido moderno seria "riqueza investida de forma a trazer proveito".

A súbita e espetacular promoção do trabalho foi feita por Adam Smith. Da mais desprezível posição à mais alta categoria de atividade humana o labor passou a ser visto como fonte de toda riqueza e de expressão suprema da capacidade de construir o mundo.

*Improdutivo tornou-se o trabalho que é consumido,
não deixando vestígio. Restou a alternativa entre
escravidão improdutivo e liberdade produtiva.*

Das atividades humanas só o labor, não a ação nem o trabalho, são intermináveis, visto que acompanha a própria vida, indiferente a resoluções voluntárias. Há em Adam Smith uma degradação importantíssima para nós, já que para ele qualquer ocupação que se baseie no desempenho, tais como profissão de clérigos, militares, advogados, médicos, cantores de ópera, estão na mesma categoria dos “serviços domésticos”, que é a mais baixa e improdutivo forma de trabalho.

Entretanto, foram precisamente estas ocupações que constituíram exemplos das mais altas e grandiosas atividades do homem, o refletir sobre as condições impostas pelo modelo da industrialização.

Mesmo diferenciando uma obra como “obra de arte”, em detrimento de outros produtos artesanais “comuns”, fica evidente a supremacia dos produtos sobre o homo faber. A supremacia do homem sobre sua obra fica invertida. Uma “terrível humilhação”, já que o autor é menos importante que a sua pior obra.

Mesmo na atividade do trabalho a convivência não representa estar junto. A solidão deste tipo de trabalhador é pela falta de contato. Mesmo os agrupados e “trabalhando juntos” sentem-se só. Uma nova solução moderna é levar em conta a natureza coletiva do trabalho que beneficie não o trabalhador como indivíduo, mas o trabalhador como membro de um grupo.

A valorização da especialização do trabalho foi o que abriu um abismo entre um carregador de rua e um filósofo, não foi a divisão

do trabalho. A produtividade política da classe operária se faz sentir, não na liberdade de ir e vir ou nas atividades econômicas ou inviolabilidade pessoal, mas no fato do operário moderno já ser admitido na esfera pública como cidadão, com direito a voto.

Os operários se tornaram uma ameaça econômica e política.

Hoje em dia os operários já não estão à margem da sociedade, fazem parte dela, mas ao não serem detentores de empregos, são marginalizados. A expressão "le peuple" (o povo) usada no sec. XVIII, designava aqueles que não possuíam propriedade. Sua capacidade de agir ficaria limitada como a do "feiticeiro que não tem a fórmula para desfazer seu próprio feitiço".

NEM SANTO NEM PECADOR

O pecado é evento cotidiano, decorrência natural do fato de que a ação estabeleça uma rede de relações na qual a liberação pelo perdão é uma desobrigação necessária para que os homens possam recomeçar.

O perdão é o oposto da vingança, que atua como re-ação a uma ofensa inicial. Dado a irreversibilidade do processo da ação nada pode retroceder e, portanto, o ato de perdoar jamais pode ser previsto. O perdão é a única reação que não re-age, mas age de novo e liberta o executor e a vítima do automatismo da ação.

*Perdoar para poder recomeçar sob novas bases.
Mas, e os resíduos? O que fazer com eles? Um enorme "porão de resíduos" é a nossa alma.*

A punição é a alternativa do perdão. É a tentativa de por fim a algo que sem esta interferência teria um prosseguimento indefinido. É significativo que os homens não possam perdoar aquilo que não podem punir, o que é imperdoável. Aí, o que foi feito pode ser perdoado em consideração a quem o fez. Esta parece ser a grande saída. Para Hannah Arendt a ação é a única faculdade milagrosa que o homem possui.

O homem é um ser trágico. A ética humana lhe impõe que aceite suas necessidades vitais e lute por elas para não sucumbir. Esta é a grande força da natureza que está sendo des-considerada pelos modelos econômicos que se imaginam estar lidando com números virtuais. Os "porões de resíduos sociais" estão repletos, já estão prontos para explodir. É que o perdão também cansa de perdoar.

Partindo da definição do Pecado como culpabilidade interior, o cientista Dr. Hersnard disseca o mito-moral do Pecado e o mito-moral-coletivo, passando pelo crivo crítico de éticas filosóficas históricas e contemporâneas. Um tipo de Moral Concreta, des-mistificada que coincida com a espiritualidade autêntica, foi concebida pelo cristianismo, mas até agora não se concretizou, já que mesmo ela se calou durante a história, em vários momentos.

Em "A moral sem pecado", este estudioso francês desvenda o abismo humano, o universo turvo das consciências sob o domínio do sentimento de culpa. Ele aponta para uma conduta que ignore o ódio e conheça apenas o sentimento de Amor, numa mudança de enfoque nas relações.

*Serão possíveis estas relações no mundo capitalista,
de consumo e competitividade que vivemos?*

Ao defender a moral tolerante e forte, que não precise recorrer a falsas ideologias ele defende não só a sociedade da pessoa como a pessoa da sociedade. Num mundo laicizado que tipo de moral poderá unir os homens de todos os países num único laço natural e verdadeiro?

Tendo sido escrito por um psicanalista, "Moral sem Pecado" não é moralista, não tem preocupação ideológica, mas analisa certas motivações profundas mal esclarecidas pelos moralistas. O comportamento humano só faz desmentir o mito de que a negatividade está no interior do ser pensante, numa culpabilidade às vezes imaginária.

Talvez isto explique o malogro da Moral Flagrante, da Razão. Os moralistas tornam impossível a própria ação. O Pecado seria culpabilidade interior, que é negativo quando condena as alegrias instintuais agressivas, projetando-se na acusação do outro a sua realidade egocêntrica do seu universo pessoal. Esta irrealidade gera angústia.

O drama humano no enfoque de “Pecado” é a tortura “da luta consigo mesmo” e que substitui drasticamente a possibilidade de uma moral praticada, concreta. Esta moral do pecado se constitui numa reserva de agressividade, de tendência acusadora, intolerante e de condenação.

A agressão condensada fica pronta para se exteriorizar e pode se tornar fonte de discórdia entre os homens. O princípio moral tradicional do pecado leva a uma ética da angústia com condutas primitivas e infantis, neuroses, psicoses e até crimes.

Para que uma revolução social seja completa haverá necessidade de uma revolução espiritual. A figura do indivíduo exige o aperfeiçoamento de uma aspiração à comunicabilidade, baseado na tolerância. Parece simples, mas não é.

O comportamento humano é perpassado pelo concreto e pela espiritualidade que o orienta. A necessidade de uma moralidade aperfeiçoa uma sociabilidade fundada nas necessidades comuns dos homens. A moral que aponta para o ato culposos é tão negativa quanto a moral que condena os pensamentos supostamente culposos. Civilizar seria, também, uma forma de Dominação Sutil.

O mal-estar da consciência com motivações extraídas de um enfoque único de moralidade tortura o indivíduo indefeso. O termo teológico “Pecado” transpira uma culpabilidade subjetiva que se estende ao coletivo. É uma herança maldita, geradora de conflitos internos, medo contra um poder aterrorizante, porque fatalista. Sem se dar conta, o indivíduo age de acordo com esta moral social duvidosa, numa atitude que falseia os desejos naturais pouco condenáveis transformando-se em crescente sentimento de culpa. Nem santo nem pecador.

SENSAÇÃO MULTIPLICADA

Para entendermos a contemporaneidade retornemos ao final do sec. XIX. Os costumes se modificaram tão rapidamente que o homem não tinha tempo de pensar sobre eles. O apogeu da Belle Époque, na Paris que vai de 1880 a 1914, segundo o que o poeta Charles Baudelaire, em décadas anteriores escreveu, instalou-se com o “culto da sensação multiplicada”.

A “fada eletricidade” iluminou teatros, magazines, restaurantes, cabarés e longos trechos de Paris permaneceram na escuridão.

Em 1889, durante a inauguração da Torre Eiffel, o Presidente do Conselho Municipal de Paris precisou subir os 1792 degraus para hastear a bandeira da França, já que os elevadores não funcionaram. Em 1881, Paris era uma festa com seus 367.827 bares e é óbvio que o alcoolismo tornou-se um problema que persiste até hoje. Constituíam um dos cultos das “sensações multiplicadas”, entre outras drogas, como a heroína, a cocaína e a morfina. A complacência era de tal ordem que se um elegante injetasse uma dose com uma seringa de prata poucos se escandalizariam.

A liberação sexual deleitava tanto quanto o ópio, que Guy de Maupassant usava. Havia bares para safistas e muitos outros tipos de perversão e o lesbianismo tornou-se moda na alta roda. Com a inauguração do Moulin Rouge, a Belle Époque, em Paris, poderia ser definida como a do sexo, drogas e cancan. Todo tipo de otimismo pairava no ar. Parecia que os franceses haviam dado a volta por cima depois da derrota humilhante em 1871, para a Prússia.

Esta foi a era da velocidade. Os trens diminuíram distâncias e as estações ferroviárias fervilhavam de gente e de fumaça. Jean Moréas lançou o "Manifesto" defendendo o Simbolismo, como resposta ao mundo objetivo, onde técnicas e máquinas realizavam prodígios e seduziam.

A palavra neurastenia tornou-se tão comum como dizer bom-dia.

A Belle Époque terminou por volta de 1914 com a primeira guerra, mas para o romancista Marcel Proust tudo já acabara antes mas deixando as marcas para o futuro. A França inventou o turismo e o passaporte tornou-se vulgar.

O "fin de siècle" foi a época em que se inaugurou "o corpo que precisa ficar em forma". O Barão de Courbetin re-lançou, em 1896, os Jogos Olímpicos, ainda com a ideia de que era melhor competir do que somente vencer. Avanços como o cronômetro, as câmaras de ar, o comércio da água mineral para os enfermos do fígado e outras mazelas da modernidade.

Andar de bicicleta com calças compridas justas foi a novidade para as mulheres. Os clubes de ginástica para melhorar o físico, os passeios pelos balneários dos elegantes, faziam expulsar os mendigos das calçadas, tanto em Biarritz, simplória vila de pescadores, como nas elegantes Deauville e Dieppe. A burguesia se firmava no poder e a intelectualidade passava a frequentar os cafês, os cabarês, onde os ricos, pobres, artistas e mecenas se misturavam.

Foram as obras de homossexuais como Jean Lorrain e Marcel Proust, como João do Rio, no Brasil, que propiciaram uma comunicação que não existia entre a rua e os salões. Este tempo híbrido que conjuga vários movimentos, inaugura a multiplicidade dos dias atuais.

A atmosfera efervescente da virada do sec. XIX para o sec. XX, em Paris, teve como diva dos teatros a francesa, de origem judaica,

Sarah Bernardt (1844 - 1923). Era bastarda, de mãe cortesã e foi a maior estrela dos palcos de sua época. Atualmente, poderíamos mencionar seu nome como de uma "popstar". Cartazes de suas peças enfeitaram casas burguesas e foi a primeira atriz a inventar um sistema de publicidade em torno de sua imagem e de sua pessoa. Arrastou atrás de si uma legião de fãs.

O artista Georges Clairin (1843 - 1919) fazia os cartazes de suas peças e seus retratos luxuosos, como bom empresário. Nesta Paris do sec. XIX já o tabelião Ambroise Vollard abria sua galeria de arte, fazia retrospectivas, sendo patrono dos "marchands" inovadores, apoiando Van Gogh, Paul Cézanne e Picasso.

Sarah Bernardt e Ambroise Vollard personificaram a cidade que ditava a cultura, os modismos, os avanços, as novidades do novo século. Como nos tempos de Sarah Bernardt, nosso jornalismo atual baseia-se nas imagens construídas. Políticos, nos palcos das televisões, falam da insegurança e dos escândalos, com velhos chavões sobre o medo, a boataria, ameaças de desestabilização, o agravamento da delinquência, o surgimento das gangues de classe média, quadrilhas de elegantes universitários, pirataria internacional.

Reflexões sobre termos retirados deste "velho armário" de fantasmas da Belle Époque podem clarificar nossos pensamentos a respeito das origens de nossas mazelas sociais.

ANGÚSTIA PÓS-MODERNA

No limiar da era moderna, Galileu Galilei, Martinho Lutero e os grandes navegadores, exploradores e aventureiros do tempo das descobertas determinaram o caráter da era moderna de acúmulo de riqueza, mesmo pertencendo a uma sociedade pré-moderna. Max Weber detectou como a mais recôndita fonte da nova mentalidade capitalista no desejo de acumular.

O surto do progresso se alimenta, como demonstra a Alemanha no pós-guerra, não da abundância de bens materiais ou de outra coisa dada e estável, mas do próprio processo de produção. O que distingue o homem da era moderna é a alienação em relação ao mundo. Certos grupos submetidos às expropriações despojaram-se de seu lugar no mundo, de mãos vazias procuraram transformar sua força de trabalho em riqueza. Mas esta riqueza já se torna dispensável.

O acúmulo de capital não levou à estagnação. O processo precisa deste estímulo vital, do acúmulo de riqueza que estimulam a vida humana. Eles, portanto, só são possíveis se o mundo e a própria mundaneidade do homem forem sacrificados.

O estágio primeiro da alienação do mundo é caracterizado pela crueldade, miséria e pobreza que significa um número maior de trabalhadores pobres desempregados, supérfluos. Os homens “comuns”, com os olhos voltados para a terra, não sentiram impacto com a descoberta por Galileu, do telescópio, instrumento destinado a olhar o que está longe.

Segundo Ernest Carrier, em seu livro *Einstein's Theory of Relativity*, há uma continuidade na ciência do sec. XVII e a do sec. XX. O relativismo advém das propostas do sec. XVII como: “o azul não passa de uma percepção relativa dos olhos”. A moderna matemática

libertou o homem dos grilhões da experiência terrestre e dos grilhões da finitude espacial, cuja imensidão pode transcender a mente mortal.

Não podemos ignorar a coincidência quase precisa da alienação do homem moderno com o subjetivismo da filosofia moderna: sensualismo, empirismo, pragmatismo, dualismo, positivismo, existencialismo. Não se pode ser insensato a ponto de dizer que são só as ideias que mudam o mundo, deixando de lado os eventos.

A esperança era de que a teoria da relatividade libertaria a mente do seu último resíduo terreno, o antropomorfismo de fazermos medições empíricas do espaço e do tempo. O homem cria uma realidade, um mundo, torna-se presa de sua própria mente.

Podemos e devemos valorizar todas as conquistas do homem, mas, de que servem elas se alienam, promovem a discórdia, produzindo um mundo paralelo no qual não se vê retratadas as situações de vida. Fuga, alienação dos impasses da vida são mais fáceis de viver e muito úteis para que não se desespere, mas que sejam vistas como realmente são: um remédio que não cura e tem o enorme efeito colateral que é a angústia pós moderna de que, apesar de conquistarmos tanto, “não estamos nos sentindo muito bem”.

ARAPUCA CAPITALISTA

A dependência de necessidades criadas faz com que a sociedade viva em constante falta. Este universo especulativo e de lucro à toda força transforma e destrói um conjunto de estruturas que facilitam o enfrentamento da vida, como é o caso das atividades não mercantis e que produzem bens de uso. Segundo I. Illich quando o plástico substituiu a cerâmica, as bebidas engarrafadas substituíram os sucos, quando o Vallium substituiu os chás de camomila etc, nossa dependência ficou abalada.

Formou-se uma cadeia de dependências sociais: o ensino depende de verbas que o poder quer dar para as pesquisas, os candidatos a cargos de governo dependem da propaganda das agências especializadas, as compras são teleguiadas pelas necessidades criadas artificialmente e pela aparência de prazer das embalagens. Tomamos um suco por sua embalagem atraente e muitas vezes nem vemos a cor e a textura deste produto.

Estamos comendo, bebendo marcas e vestindo etiquetas.

Contam que no início da propaganda da Coca-Cola em Juiz de Fora, na primeira metade do sec. XX, as donas de casa não aceitavam as garrafinhas grátis daquele líquido, que nem cor dos sucos conhecidos tinha. Tudo foi questão de tempo para criar a necessidade de um produto. Poucos ainda hoje ousam fazer uma reunião sem este produto.

Sem ter poder de compra, os mais pobres são usados para consumir o que não podem. Temos um belo perfil oficial de país em desenvolvimento, mas somos na verdade um país dos paradoxos. Um

Brasil onde refletir sobre as necessidades criadas pelo mercado não pode significar que aqueles que estão em camadas sociais mais evoluídas tecnologicamente parem de produzir seus bens sociais. Uma cadeia de fabricação de necessidades falsas impede uma visão clara das profissões tirânicas que carregam no seu interior um fato político. Somos treinados para comprar toda a sorte de coisas.

Alguns dirão que é impossível não se viver a época, porém não é esta a proposta.

A ilusão das infundáveis necessidades pode ser substituída pela paralisação mental dos que consomem mais do que podem aproveitar. O organismo humano ressent-se de outro tipo de carga extra que ele não consegue metabolizar. A mistura de alimentos que ingerimos levados pela propaganda não é indício de fartura, mas sim de que já não sabemos mais o que é correto para nossa sobrevivência.

Não é difícil de se perceber que o consumo está em todos os cantos da sociedade, e a educação não conseguiu o mesmo ritmo de crescimento. Podemos levantar uma hipótese bastante lúcida de que pobres e ricos necessitam de uma educação específica que abranja não só a defesa do ambiente, mas reconstruir o hábito de pensar antes de agir, de procurar os indícios de manipulação das nossas mentes.

Um povo educado não se deixa controlar por máquinas padronizadoras. A estrutura capitalista armou um quebra-cabeças e não sabe o que fazer com os excluídos. Impedir que estes cidadãos se enquadrem no universo produtivo é no mínimo contradizer as constantes necessidades de aumento de consumidores. O processo de inclusão é benéfico ao sistema de lucro, já que é problema se as camadas sociais de menor poder aquisitivo, que é a maioria, não tiverem acesso aos bens produzidos.

O marginalizado do processo de consumo se tornou sinal de derrota para os controles e cadastramentos. As suas tarefas não se enquadram no sistema e ao subverter o sistema de impostos fica fora dos benefícios que deles são construídos.

A tentativa de enquadrar o informal, o autônomo, o sem emprego formal é maneira de dar visibilidade à esta força de trabalho.

Não voltaremos ao problema de Karl Marx de distribuição do excedente, mas a história provou que os homens não estão dispostos à partilha. Em troca de um poder de compra foram invertidas as necessidades vitais do homem. Não dizemos que a justiça não dá conta de proteger, mas sim que se especializou em punir. O criminoso se vangloria de enfrentar policiais por ter mais dinheiro, amizades, armas modernas. Com quem as crianças se identificarão já que são criadas numa sociedade que privilegia o sucesso fácil?

Um professor de filosofia ousou falar para seus alunos que profissões como a de psicólogo proliferou na medida em que as pessoas perderam o hábito de conversar para resolver seus problemas. Isto ilustra que também as profissões aparecem segundo as novas necessidades.

A dependência das necessidades criadas é o que faz nascer valores e morrer outros numa sociedade de massa. Os valores úteis, mas não mercantilizáveis são perigosos para este tipo de sociedade e precisam ser desvalorizados para a sobrevivência e pleno domínio do capital sobre o trabalho. A industrialização precisou de consumidores, o que revolucionou o trabalho, principalmente o trabalho de bens úteis que não era tradicionalmente remunerado.

FILOSOFIA É APRENDIZAGEM

Filosofia é aprendizagem obtida nas relações com a realidade, nem sempre fáceis e gratificantes. A ocupação do filósofo só pode ser justificada por conduzir a um ganho de experiências com tudo o que elas comportam: do espanto à descoberta, da indignação à compreensão, da desorientação ao sentido. Faz parte dos tópicos da profissão esperar-se do filósofo uma atitude de desconfiança, por princípio.

Fez Filosofia o garotinho que gritou, no meio da multidão, que o rei estava nu. Pois desestabilizar é tarefa filosófica.

Nada é mais equivocado que o pensamento: “Enquanto homens travam batalhas contra a dureza do mundo real, o ocioso pensador namoriska com entidades, bate-se contra monstros vaporosos num mundo onde não chegam os problemas da realidade vulgar”. Esta caricatura parece retratar bem aqueles a quem, nesta nossa sociedade, são chamados filósofos.

Paradoxalmente, a história da Filosofia é tão antiga como a acusação de sua inutilidade diante de um mundo prático. Ela tem uma história de tropeços e riscos, distrações e atenções, do ridículo e do sublime, do cômico e do trágico, da censura e do elogio.

Modifica-se a ideia de filósofo como uma figura distraída, afastada da vida pública, das habilidades da vida diária, absorto em pensar inutilidades. Um filósofo presta serviço à coletividade quando suspeita do mero acaso, tanto quanto não se envergonha e diz da sua ignorância, critica a si próprio e acredita nas mudanças.

Toda pessoa sabe um pouco de Filosofia e a reflexão não é ocupação especializada, é função cognitiva presente nas atividades

humanas. É importante porque fala das preocupações de todo ser humano, procurando uma convivência pacífica com seus mistérios.

O filósofo é a consciência reflexiva, ultrapassagem do imediato, do socialmente vigente e consciência de atividades que não podem dar razão a si mesmas. Ele se interessa pelo que necessariamente interessa a todos os homens. Por isso, sua tarefa não lhe permite enclausurar-se. O filósofo precisa de uma “visão panorâmica”, reflexão interdisciplinar que viole, provoque, implique, engage. Tal é o campo da filosofia prática, sem arrogâncias e auto suficiências.

Filosofia é questão de estilo, de modo de falar? É mais que isto! É desproteção e insegurança. É perplexidade. É a capacidade de subir num palco móvel, movediço, aventurar-se em especulações onde nada está garantido e onde é sempre possível o fracasso.

Para Karl Popper a tarefa da Filosofia não é dar respostas positivas às perguntas que o homem faz acerca do mundo, de si mesmo, mas sim por à prova as respostas que lhe oferecem. Não é fácil o ofício do filósofo brasileiro. Entre uma estética da fome, alienações televisivas, ele continua sua tarefa de filosofar.

Conforta-nos saber que os ensinamentos e vivências não serão jogados fora e nem mesmo utilizados ao mesmo tempo, mas serão transformados numa imagem filosófica multifacetada do mundo e do homem.

BEM-ME-QUER, MAL-ME-QUER

Vamos explorar o universo dos casamentos baseados na necessidade de agradar sempre em detrimento do diálogo, dos enfrentamentos das diferenças. Se estamos fazendo uma reflexão sobre o emprego formal e suas formas de dominação teremos que abordar o tema do trabalho doméstico. Este tipo de atividade tem duas faces:

se é feito “fora de casa”, como é o caso de empregadas domésticas é emprego, com todos os encargos e benefícios da lei. Já se o trabalho for executado dentro de casa, pela “dona da casa”, é um trabalho que produz bens de uso.

Esta situação somada com anos de insatisfação por motivos diversos, cria uma oportunidade única para que a situação de milhões de mulheres seja repensada. Não nos preocuparemos nesta reflexão do trabalho doméstico feito por homens, já que eles raramente o fazem sem remuneração legal.

As consequências de exercer um cargo de confiança dentro de casa, com trabalho incessante, dia e noite, feriado, férias, e não ter nenhum tipo de retorno monetário tem sido ao longo de anos causa de conflitos e tem causado uma debandada das mulheres de seus lares. Elas aceitam uma desumana dupla jornada de trabalho por lhe ser mais gratificante moral e financeiramente. Com o trabalho fora de casa as mulheres ganharam a noção de que descansar e ter o prazer de ter seus desejos satisfeitos sem ter sentimento de culpa ou medo na hora de consumir bens.

O controle dos desejos, a diminuição da liberdade de pensar individualmente, até mesmo para contribuir com sua visão de mundo,

e todos os tipos de cerceamentos a cada dia, fora ficando mais claro para a sociedade feminina. Não houve uma inversão de papéis, o que não é mesmo desejado para uma sociedade mais justa, mas esboça-se uma mudança. Apoiando a tese da valorização consciente da produção de bens de uso temos que dar visibilidade ao fato que:

o trabalho doméstico não remunerado legalmente tem sido um dos responsáveis da debandada das rainhas do lar.

O que as tem feito persistir nesta demonstração pacífica da necessidade de mudanças? Com toda a certeza é o desejo de salvar o ninho. Ir contra abusos, como o de preços dos alimentos, faz com que as mulheres proclamem à sociedade que estão na linha de frente da preocupação com as suas famílias. Poucas abandonaram estes postos de resistências. A não visibilidade de seus serviços em outros tempos e que ainda hoje persiste pela força de uma tradição tradicionalmente masculina de dominação causaram estes atrasos.

Os casamentos tradicionais mais amorosos e gratificantes não olharam para a posição insustentável para a mulher deste século. Aos poucos a sociedade familiar ruiu por distração ou má vontade de rever os valores e necessidade de um membro sobre o qual pesam tantas obrigações. Ninguém mais trabalha de graça ou tem seu trabalho não regulamentado pela lei. Os que restam estão à margem da sociedade tecnológica e de consumo e dentre eles estão as donas-de-casa à moda tradicional. Continuam suas tarefas, mas já estão gerando mal estar com suas insatisfações.

Não podemos esquecer que muitos casamentos foram feitos com a suposição de que o chefe poderia arcar com todo o ônus do sustento da família. Mesmo entre os mais pobres isto só foi possível com a constante economia doméstica. As mulheres das classes mais pobres foram as pioneiras na recuperação da auto-estima feminina, já que conseguiram seu espaço pelo trabalho, estafante e por vezes cruel, das jornadas de trabalhos.

A solução foi “conceder” às mulheres a possibilidade de trabalhar fora de casa para contribuir com o orçamento.

Trabalhar “para fora”, porém dentro de casa, foi o sistema implantado, pois não fere a auto-estima do marido e nem prejudica o trabalho doméstico. Muitos maridos ainda hoje pensam que a mulher “pode” sair de casa para trabalhar, contanto que não prejudique suas tarefas de casa.

Muitas são as defesas destes provedores e as mais constantes são as que dizem que a mulher não sabe quanto custa ganhar dinheiro. Algumas resolveram não escutar mais isto e outras coisas ainda mais degradantes. E isto se deve ao fato de que estas donas-de-casa não quiseram continuar num papel que não existe mais, e sofrendo a constrangedora situação de dependência física e moral.

Hoje, por terem pautado suas vidas por parâmetros sociais já extintos, formam um exército de não-cidadãs, sem carteira assinada, sem vencimentos comprovados, sem habilitação para o mercado de trabalho. As mais frágeis adoecem e as mais fortes lutam mesmo sem que leis sejam feitas encarando tal problema social. O que vemos é uma tentativa de proteção aos desmandos e abusos a que mulheres e crianças sofrem.

Elas são submetidas ao mundo da subserviência imposta pelos laços afetivos de casamento ou familiares e de trabalhos não regulamentados, permitindo a exploração com cara de legalidade.

Os problemas de abusos de poder são baseados em regimes caducos e na tradição e têm o aval da sociedade.

Surgem as comerciantes informais, as prestadoras de serviço domésticos, o trabalho escravo das crianças. O que leva à isto? Num país como o nosso explora-se crianças e adultos porque eles precisam

destas migalhas para sobreviver física e (ou) psicologicamente. Muitos se mantêm fora do mercado formal onde não precisarão pagar os encargos fiscais que consumiriam todo o lucro do qual precisam para suas necessidades.

No Brasil já são milhares e se tornaram visivelmente uma fatia de futuros contribuintes. Parece provável que as mulheres da tradicional família brasileira, capitaneadas no primeiro momento por mulheres mais pobres, vejam seu papel de trabalhadora de maneira diferente. Os governos perceberão a possibilidade de geração de mais receitas e impostos a serem recolhidos.

Este tipo de relação já produziu danos suficientes, como os internamentos arbitrários de mulheres em manicômios e conventos por terem “desobedecido” a regras dominadoras e injustas de pais, maridos, patrões. O que é desejável é uma estrutura social, pública e privada, que não coloque alguns de seus membros em situação de domínio tão sutil em que a perversidade ganhe o estatuto de legitimidade.

O resgate da cidadania da mulheres que viveram ou vivem no universo do “bem-me-quer e do mal-me-quer”, implantado nas relações domésticas dos casamentos tradicionais como forma de coação sutil ou perversa, passa por este reconhecimento legal. O potencial de trabalho de mulheres que trabalham “como homens” e são desenhadas socialmente como sogra-dragão, ou lolita-sexo frágil, ou vizinha-gostozona, e muito raramente como cidadãs a quem a sociedade atribui muitas obrigações e pouca visibilidade, precisa ser reavaliado legalmente.

Não é mais possível ficar sob a dependência dos humores de uma relação “bem-me-quer e mal-me-quer”.

CORAGEM PARA SER CRIATIVO

A coragem é condição básica essencial do ato criativo. Sem ela e sem a liberdade deixamo-nos envolver e enganar drasticamente pela angústia porque não nos manifestamos. A vida sem criar se transforma em atos copiados, alienados. As mudanças de costume, educação, religião e tecnologia nos chamam a realizar algo novo, a pensar, refletir.

Não é à toa que "coragem" tem a mesma raiz da palavra francesa "coeur", isto é, coração.

A coragem origina-se do nosso centro e ela não é temeridade ou bravata. As coragens suportam comprometer-se e elas são essenciais ao homem e tiram o mundo da robotização. Quando nos expressamos conforme nosso mundo oferecemos ao mundo uma partícula individualizada do todo. A forma mais comum de covardia esconde-se atrás da frase: "Não quis me envolver".

Já a coragem social é o oposto da apatia descrita acima. É coragem de investir em relacionamentos. Não sabemos como eles vão nos afetar. Não sairemos ilesos, por isso é preciso coragem para aceitar estas transformações. Não é fácil compartilhar fantasias, temores e aspirações. Isto nos torna vulneráveis. Há o "medo da vida" que a coragem moral afastará, assim como há o "medo da morte", de perder-se no outro, medo de perder a independência. Viver entre muita gente não é o mesmo que viver solidariamente. E só há solidariedade entre iguais.

Coragem criativa é uma importante forma de coragem. Se a coragem moral é a correção do que está errado, a coragem criativa é a

descoberta de novos padrões para se viver e que se realiza no mundo da vida. De nada adianta ter ótimas ideias se elas não forem colocadas a serviço da vida. As mudanças exigem indivíduos corajosos que valorizem a alegria.

Por que é preciso chorar, sofrer, para se ter o amor? Por que não viver o amor alegremente? Por que a criatividade é tão difícil? Por que exige tanta coragem? Porque, estar feliz e vivendo em colorido, parece errado. Se o lado sombrio de nossa personalidade for considerado “uma queda” ele será reprimido e causará depressões. O conformismo e a apatia são o oposto da luta criativa e denotam a falta de coragem para ser diferente.

O ato criativo nasce da tranquilidade de aceitar nossas visões e imagens interiores e transformá-las em coisas materiais, vivas, passíveis de serem mudadas. Seja qual for a sua atividade sempre haverá a satisfação profunda de estar contribuindo para a estruturação de um mundo novo. Isto é ter coragem criativa, por menores que sejam as realizações elas farão a diferença.

*A criatividade, o ato de criar, de deixar acontecer,
estar alerta para sentimentos e acontecimentos.*

O processo é contínuo, não é produto de doença, mas o mais alto grau de saúde emocional, ato de atingir com a própria realidade mundos ocultados pela sociedade de massa. É processo de dar a vida, de criar, de encontrar-se, de defrontar-se.

Não podemos “querer” a criatividade, pois criatividade não é só processo subjetivo, já que o homem está num mundo objetivo. A criatividade é o encontro do ser humano consciente do seu mundo, para que este ser viva no mundo. É preciso repousar. Precisamos aprender como des-organizar estes mundos internos rígidos, dogmáticos, que impedem a criatividade de ter seu espaço no mundo tão uniformizado.

É preciso libertar-se dos rígidos controles internos e externos, soltar as amarras, para que as ideias criativas apareçam.

É preciso coragem mais uma vez para não deixar este desejo morrer e muito mais coragem para denunciar o que uma expansão neurótica provoca. A criatividade vem ao nosso auxílio. Ela é tensão entre espontaneidade e limitações. Mas é importante que estejamos alertas já que a mente pode criar para o bem e para mal.

A falta de modelo masculino nas famílias em que a mulher precisou ocupar todos os cargos violenta o menino. A rebeldia saudável na escola é a maneira de se livrar de repressões. Ajudar aos jovens na busca de comportamentos para a vida adulta não quer dizer ensiná-los a ver o mundo.

Construir uma identidade masculina vai requerer que a família seja repensada e o papel do pai também. Superar o papel de provedor, é se fazer presente para entender e ser entendido. Estimular o menino a ter direito ao seu mundo de brincadeiras formativas, recusar as repressões da escola que mutilam a criatividade e a espontaneidade, estar presente no dia a dia dos filhos é não só visto como obrigação pelos novos pais, mas como uma gratificação dos seus esforços de convivência feliz.

OS DES-EMPREGADOS

O mundo capitalista criou uma dependência de emprego para contar o máximo de mão de obra, unificar o valor do trabalho, possibilitar o controle das atividades e dos trabalhadores de um modo geral. Até mesmo o corpo foi motivo de controle tendo em vista o que é considerado vital para a produção de bens para consumo. O capitalismo tentou um máximo de produtividade por métodos hoje comprovadamente desumanos.

A dominação pelo controle da mão de obra não teve correspondente na melhoria de vida destes produtores de riqueza assalariados.

Não existe mais a necessidade de quantidade de trabalhadores, pois o mercado se volta para as tecnologias, sobram milhares de pessoas que não mais sabem produzir bens de uso e de troca. O mercado, baseado no poder de compra, só se interessa pelo trabalhador formal com rendimento provado por documentos, mas já não tem necessidade de empregar. Estamos num impasse de valorização de um bem que se escasseia: o emprego.

O mundo da globalização acelerou a diminuição de postos de trabalho nos moldes da revolução industrial. Só o povo trabalhador não viu que o mundo mudava aceleradamente e que, em breve, os meios de produção os tornariam homens supérfluos numa sociedade de supérfluos. Na verdade nem percebemos que não somos tão bonitos, nem tão fortes, nem tão desejáveis, nem poderosos quanto as imagens de propagandas. Esta ilusão tem nos custado caro.

As dores de cabeça sociais que os órgãos administrativos adquirem pelo desemprego produzido pelo novo modelo econômico não são fictícias, já que os sem-empregos não poderão, a curto prazo,

se qualificar para as novas dificuldades. Os sem-emprego ao produzir os bens de uso não se dão conta de seu caráter humanizante, já que hoje conta é um emprego que fez de um salário mínimo um produtor de segurança.

Por este motivo as donas-de-casa deixaram suas atribuições domésticas. Dentro de sua própria casa onde o que há é a produção invisível de bens de uso. Como eles são desvalorizados não satisfazem a quem precisa da segurança e do retorno financeiro que os empregos dão.

Hoje todos os membros da família precisam contribuir com dinheiro. É ele o objeto de desejo, de possibilidade de inserção no social. A invisibilidade do trabalhos domésticos tem sido um ponto demasiadamente resistente na história do trabalho. O cuidado em mantê-lo fora das instituições foi fatal para ele. Foi escondido e não protegido. Foi alvo de chacotas como lugar de desocupados.

Massacrado pelas observações de que era um peso carregado por quem trabalhava “fora”. Se por um lado os des-empregados só readquirem sua estima ao serem admitidos num posto de trabalho remunerado. Por outro, as responsáveis pelos trabalhos domésticos abandonaram o posto tão penoso como desvalorizado dentro de sua casa e foram ao encontro, como muitas vezes acontece, de serviço semelhante fora de casa.

A diferença? O ganho do dinheiro como maneira de ser valorizada, de ter independência de opinar, de ter a sensação muito legítima de ter valor dentro da família pelo que produz fora dela. O sofrimento pela situação de dependência financeira se tornou impossível para tantas “Amélias” brasileiras que algumas partiram para o mercado de trabalho desumano.

Assumiram uma dupla jornada de trabalho pelo direito à dignidade social e pessoal o que as atividades tradicionais não lhes davam mais. Pelo caminho, muitas foram as perdas, mas maiores foram os benefícios de mudanças nas relações humanas. As mulheres da transição ficam à meio caminho, incapacitadas profissionalmente, já que lhes foi negada pela tradição uma preparação para o exercício de uma profissão no mercado de trabalho.

Informações Gráficas

Formato: 15,7 x 23cm

Mancha: 11,7 x 21cm

Tipologia: Palatino Linotype

Papel: AP90 g/m² (miolo) - Triplex 250 g/m² (capa)

Tiragem: 100 Exemplares

Projeto editorial, impressão e acabamento: Editar Editora Associada - Juiz de Fora/MG

Tel.: (32) 3241-2670 - www.editar.com.br - contato@editar.com.br

Impresso em dezembro de 2022

Não é tarefa fácil dar "Adeus" e, ao mesmo tempo entregar "A-Deus" o destino de uma mãe amada por todos. A perda de um ente querido fica presa na garganta por muito tempo e poucos querem conversar sobre o luto, assim vamos nos consolando com nossas catarses pessoais. Já a vida segue seu curso sem aquela pessoa querida e amada.

Na primeira parte do livro o filho e escritor se propôs a superar o luto immortalizando pensamentos ditos e não ditos de sua mãe, suas obras e lembranças. Marilda Helena Hill Maestrini marcou Juiz de Fora por quase oito décadas e deixou uma herança em forma de incontáveis obras de arte immortalizadas nesta coletânea e espalhadas com amigos e familiares. Na segunda parte do livro Alexandre Müller Hill Maestrini adaptou a obra inédita de sua mãe sobre a Dominação Sutil, assim sua arte sutil continuará vivendo entre nós.

Antes mesmo dos estágios mais avançados de sua doença Marilda libertou sua graça e leveza do aprisionamento corpóreo. Enquanto dormia foi abençoada e sutilmente se despreendeu da dominação da vida terrena. Alçou rumo a planos mais elevados. E poderia haver mais certa hora do que durante o son(h)o para uma alma artista e sonhadora se libertar? Vá em paz. Fica a saudade. Infelizmente tudo passa.

